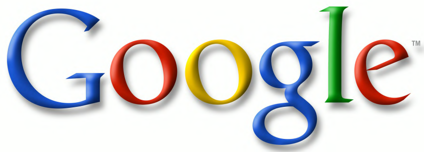






NQE
Ferreira

NQE
Ferreira

NQE
Ferreira

J. W. Hawes;
from Brazilian dept.
Philadelphia Exhib.
Rec'd. March, 1877.

(Pam...)
QE

LIVRARIA CLASSICA

EXCERPTOS

DOS PRINCIPAES AUTORES DE BOA NOTA

PUBLICADA SOB OS AUSPICIOS DE

S. M. F. EL-REI D. FERNANDO II

OBRA COLLABORADA

POR MUITOS DOS PRIMEIROS ESCRIPTORES DA LINGUA PORTUGUEZA

E DIRIGIDA POR

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

E

JOZÉ FELICIANO DE CASTILHO BARRETO E NORONHA

XII

ANTONIO FERREIRA

II

PARIS. — TYP. DE SIMÃO RAÇON E COMP., RUA D'ERFURTH, 1.

ANTONIO FERREIRA

POETA QUINHENTISTA

ESTUDOS BIOGRAPHICO-LITTERARIOS

POR

JULIO DE CASTILHO

TOMO SEGUNDO

RIO DE JANEIRO

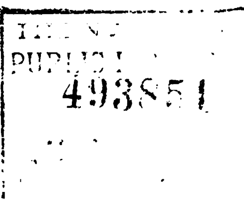
LIVRARIA DE B. L. GARNIER, EDITOR

69, RUA DO OUVIDOR, 69

PARIS. — E. BELHATTE, LIVREIRO, RUA DE L'ABBAYE, 14

—

1875


493851

EXCERPTOS

DE

ANTONIO FERREIRA

ACOMPANHADOS

DE ANNOTAÇÕES CRITICAS

INTRODUCÇÃO GERAL

Exposto no primeiro Livro d'esta obra o que sabiamos, ou se podia com algum bom fundamento conjecturar, acerca da biographia de Antonio Ferreira; e estudada a traços rapidos no Livro segundo a personalidade litteraria d'este autor, passemos á terceira parte do nosso estudo: a analyse de excerptos das suas obras, que sirvam de instrucção e de deleite aos estudiosos, e de confirmação de muitas doutrinas que apresentámos.

Apontaremos succintamente alguns dos muitos pontos de contacto que tem o nosso quinhentista com outros escriptores. Não será ocioso este passeio, pois corroborará o que acima dissemos, de ser a erudição a verdadeira Musa d'aquella idade.

Esta eterna questão das primasias e dos plagiatos é o desespero da critica illustrada.

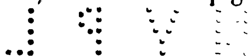
O proprio padre Homero tem ante si o indiano Valmiki; Virgilio, o imitador de Homero, achava entre as velharias de Ennio, e os thesouros de Theocrito, o seu ouro de lei; Plauto imitava a outros comicos; Terencio ia inspirar-se aos gregos, a Scipião Emiliano, e a Lelio; Gil Vicente furtava, segundo alguns, ao castelhano Torres Naharro e a Juan del Enzina; Ariosto calcava sobre o Boiardo; Ferreira foi acoimado de plagiario de Bermudes; Molière, Voltaire, e quantos mais! receberam iguaes apodos; e o nosso Garrett era, na malevolencia dos invejosos, o ratoneiro de seu tio Bispo de Angra!!

Sem discutir essas emmaranhadas questiunculas, limitemo-nos ao autor que é assumpto d'este livro.

Aos italianos modernos, e aos romanos antigos, ia Ferreira buscar as reminiscencias, mais ou menos vagas, que se nos deparam nos seus escriptos. Apontaremos em logar opportuno algumas, sem o querer com isto taxar de plagiario.

Uma coisa é em lettras o furtar; outra e mui diversa, o recordar. O furto ennoja; a recordação agrada. O furto deshonora; a recordação gloria. O furto defrauda o roubado; a recordação erudita e intencional é preito de vassallagem.

Estão pois cheias, como diziamos, de reminiscencias classicas, sobre tudo virgilianas e horacianas, as obras de Ferreira. E na escolha mesma dos seus modelos nos revela o autor o seu gosto poetico. Ao escrever as odes e as cartas bebia em Horacio; ao arrulhar as elegias, em Propercio e Tibullo; ao brincar os epigrammas, em Ausonio;



ao scismar as eglogas, em Virgilio; ao prantear os sonetos, em Virgilio e em Petrarcha.

Cumpre-nos advertir os leitores, de que em innumeraveis passos alterámos a orthographia e a pontuação das edições anteriores a esta nossa. Para desagravo porem do consciencioso poeta, é mister reconhecer que desde a sua primeira edição pouco bons revisores lhe caíram por sorte; tanto, que varios logares se teem tornado, com o andar dos tempos, verdadeiros enigmas. O Sr. Innocencio F. da Silva no seu Diccionario o reconhece, e o editor de 1771 o lastimava. Tratámos de remediar quanto soubemos. Miguel Leite Ferreira, filho do autor, e seu editor primeiro, mostrou ter mais piedade filial, que pericia em rever provas; elle proprio quasi o confessa na declaração que se acha em alguns exemplares da edição *princeps*.

O Sr. Innocencio F. da Silva muito bem attribue essa profusão de erros a terem saido as obras impressas vinte e nove annos depois da morte do autor, e á infidelidade de copias.

Amodernámos a orthographia de Ferreira, e a sua pontuação; não foi porem sem longas hesitações; o que ao principio nos parecia sacrilegio, figurou-se-nos, depois de maduro exame, necessidade. A chamada orthographia dos classicos é uma tal serie de incoherencias, que só a devemos respeitar quando conserva pronuncia antiga de palavra.

Querer conservar a antiga orthographia gothica dos autores velhos (diz um bom juiz, o erudito diccionarista francez Boiste), é ter empenho em que uma rosa tenha espinhos. E continua: a attenção dispendida com a orthographia é perdida para o pensamento. Tudo que

provem dos homens celebres temol-o por sagrado; respeitamos a orthographia de Montaigne, que não respeitava a orthographia.

Um eminente romancista o Sr. Camillo Castello Branco disse n'uma nota ao seu erudito estudo sobre Fernão Rodrigues Lobo Soropita o seguinte, que inteiramente adoptámos :

« Já d'aqui previno o leitor de que não escrupuliso em fidelidade de copista ao acume de respeitar a orthographia anomala e extravagante dos seiscentistas. Por causa da orthographia ha muito quem deixa de ler Francisco de Moraes, Barros, as comedias de Sá de Miranda, de Jorge Ferreira, e muitos estimadissimos mestres de portuguez. Tambem não sigo a *média* que alguns editores adoptaram, sem justificação rasoavel. Adoptei a que regularmente emprega o commum de escriptores e leitores de hoje em dia. »

Por ultimo confessemos lealmente que as annotações por nós feitas ao nosso poeta são antes um resumido elucidario de termos obsoletos, e um guia succinto dos passos mais escuros, do que um verdadeiro commentario scientifico. Indicámos ao correr da penna algumas maculas e algumas bellezas. Restringimo-nos ao dominio modesto da grammatica, sem nos atrevermos aos mares, hoje tão tempestuosos, da alta phylologia.

ADVERTENCIA AOS SONETOS

Em quatro grupos se podem os sonetos de Ferreira repartir: amatorios, luctuosos, mysticos, e varios. São em maior numero os do amor; mas os que sobrelevam em merecimento são inquestionavelmente os das lagrimas.

São os sonetos amorosos quasi sempre madrigalescos, metaphysicos, e glosam com palavras diversas as mesmas idéas. Alguns ha porem de maior valia por sua singeleza e graça.

No Livro I vai-se desenrolando aquelle enredo namorado de que demos conta em alguns dos capitulos supra.

Frutos da adolescencia do poeta reputamos a maior parte dos sonetos do referido Livro I; desenfados do estudante; obras de mão inexperta, de versificador desprimoroso, e (salvas excepções) de bem mediocre engenho.

O livro II é muito mais mestre que o I. N'elle se elevou por varias vezes o cantor á mais remontada poe-

sia; e sonetos se encontram, que hoje ainda podem ser admirados em absoluto.

Se os sonetos de Ferreira sobrelevam em valia litteraria aos de Miranda, cedem a palma aos de Camões; se bem que muitos d'elles (a não ser a dureza intoleravel da versificação) são verdadeiros primores de sentimento.

Vamos dar uma resenha fugitiva de algumas reminiscencias de outros poetas, encontradas nos sonetos que não inserimos nos excerptos. As obras insertas levam no respectivo commentario essas indicações.

O primeiro quarteto do soneto IX do Livro I.

Não Tejo, Douro, Zezer, Minho, Odiana,
Mondego, Tua, Avia, Vouga, Neiva, e Lima;
nem os que correm lá do oriental clima,
Nilo, Indo, Gange, Euphrate, Hydaspe, e Tana;

é o correspondente do soneto CXVI de Petrarcha:

Non Tesin, Pó, Varo, Arno, Adige, e Tebro,
Eufrate, Tigre, Nilo, Ermo, Indo, e Gange,
Tena, Istro, Alfeo, Garonna, e il mar che frange
Rodano, Ibero, Ren, Sena, Albia, Era, Ebro.

E logo o segundo quarteto do mesmo soneto.

Não pinho, faia, enzinho, ulmo, hera, ou cana,
nem doce suspirar em prosa ou rima,
o fogo apagarão, etc.

é o segundo quarteto do alludido soneto de Petrarcha:

Non edra, abete, pin, faggio, o ginebro,
Potria il foco allentar, etc.

Nota Costa e Silva[1] que o soneto XIX do Livro I.

D'onde tomou Amor, e de qual veia,
o oiro tão fino e puro para aquellas
tranças loiras?

é imitado de Petrarcha; e nota-o muito bem, pois outro não é, senão o CLXXXIV.

Onde prese Amor l'oro, e di qual vena,
per far due treccie bionde?

Fallando com o Tejo, diz o nosso poeta no soneto XLIII do Livro I.

E antes que ao mar pagues seu direito;

Como Petrarcha dizia no soneto CLXXIII:

. . . . . e pria che rendi
suo dritto al mar. . . . . .

O verso do soneto LXVIII do Livro I.

A vida foge: a morte está em espia

Que termina o soneto LVIII do Livro I, bem pode ter sido inspirado por estes do soneto CCXXXI de Petrarcha:

La vita fugge, e non s'arresta un' ora,
E la morte vien dietro a gran giornate.

[1] *Ensaio*, t. II, p. 88.

SONETOS

AOS BONS ENGENHOS

(OITAVA DE INTRODUCÇÃO)

A vós só canto, espritos bem nascidos[1];
a vós e ás Musas endereço a lyra.
Ao Amor meus ais e meus gemidos[2],
compostos do seu fogo e da sua ira.
Em vossos peitos sãos, limpos ouvidos,
cáiam meus versos, quaes me Phebo inspira.
Eu d'esta gloria só fico contente[3],
que a minha terra amei, e a minha gente.

LIVRO PRIMEIRO

SONETO I

O AUTOR AO LIVRO DOS SEUS VERSOS

1557

Livro, se luz desejas, mal te enganas[1].
Quanto melhor será dentro em teu muro[2]
quieto e humilde estar, inda que escuro[3],
onde ninguem t'empece, a ninguem danas[4]!
Sugeitas sempre ao tempo obras humanas
co' a novidade aprazem; logo em duro
odio e desprezo ficam; ama o seguro
silencio; fuge[5] o povo, e mãos profanas.
Ah! não te posso ter[6]! deixa ir comprindo[7]
primeiro tua idade; quem te move
te defenda do tempo, e de seus danos[8].
Dirás que a pezar meu foste fugindo[9],
reinando Sebastião, Rei de quatro annos;
anno cincoenta e sete; eu vinte e nove.

II

Aquella, cujo nome a meus escritos,
que a meu amor dará melhor ventura[1],

toda virtude, toda fermosura,
que apoz si leva os olhos, e os espritos;
aquella branda em tudo, só aos gritos
meus surda, aspera aos rogos, a Amor dura,
podia co' um sorriso, hua brandura
d'olhos curar meu mal, ornar meus ditos.
Mas que dará de si hua esteril veia,
um desprezado amor, hua cruel chamma,
senão desconcertado, e triste pranto?
Quem de tristezas vive, só me leia;
cante a quem inspira Amor mais doce canto[2];
busco piedade só, não gloria, ou fama.

III

Eu não canto, mas choro[1]; e vai chorando
comigo Amor, de ter-me assi obrigado
em parte tal, que nem a elle é dado
valer-me em mais, que de ir-me consolando.
Vai-me sempre ante os olhos figurando
aquella fermosura, em que enlevado
ha tanto que ando, e assi com meu cuidado
me vou tráz ella emfim triste enganando.
Mas não póde sofrer[2] tamanho engano
Amor, que nos conhece, e de tal ver-me
foge, e me deixa só de pura mágoa[3].
Olho-me então, e vejo o desengano[4];
afronta a alma cansada[5]; e por valer-me[6],
desabafo desfeito em fogo, e em agoa[7].

VII

Lagrimas costumadas a correr-me,
quem vos póde deter? sahi correndo
doces, e tristes; vão-vos todos vendo;
uns riam, outros chorem de tal ver-me.
Onde poderei eu de mim esconder-me [1]?
Se quanto mais resisto, e me defendo,
então me venço mais [2], e vai crescendo
a força, como posso defender-me?
Quem meus olhos olhar, rindo, ou chorando,
sentirá n'elles logo um movimento
d'algum esprito, que os lá rege, e manda [3].
Este chorar me faz, este cantando [4]
me leva apoz meu mal, sem um momento
esta alma livre ter do estado em que anda.

XI

AO MONDEGO

Mondego, tão soberbo vás [1] da vista
da tua fermosa Nimpha, que parece
que quanto achas diante, se offerece [2]
recolher-te, sem haver quem te resista;
que té o Oceano grande (que a conquista
nossa tem feito humilde) te obedece [3],
d'ali te leva ao Indo, e se engrandece
o Gange, e Nilo, de que tua agoa é vista.
Thetis com suas Nimphas te acompanham [4],
por honra d'esta Nimpha em ti criada,
e por todo seu reino a vão cantando.

Estas tuas agoas rogo, em que se banham
os seus cabellos d'oiro, que cantada
seja por lá tambem a pena em que ando.

XII

Quando entoar começo com voz branda
vosso nome d'amor, doce, e suave,
a terra, o mar, vento, agoa, flor, folha, ave[1],
ao brando som se alegra, move, e abranda.
Nem nuvem cobre o ceo, nem na gente anda
trabalhoso cuidado, ou peso grave;
nova cor toma o sol, ou se erga, ou lave
no claro Tejo, e nova luz nos manda.
Tudo se ri, se alegra, e reverdece;
todo mundo[2] parece que renova;
nem ha triste planeta, ou dura sorte.
A minh'alma só chora, e se entristece[3].
Maravilha d'Amor cruel e nova!
o que a todos traz vida, a mim traz morte.

XIV

Ó olhos, donde Amor suas frechas tira
contra mim[1], cuja luz me espanta, e cega!
Ó olhos, onde Amor se esconde, e prega[2]
as almas, e em pregando-as, se retira!
Ó olhos, onde Amor Amor inspira,
e Amor promette a todos, e Amor nega!
Ó olhos, onde Amor tão bem se emprega,
por quem tão bem se chora, e se suspira!

Ó olhos, cujo fogo a neve fria
acende, e queima! ó olhos poderosos[3]
de dar á noite luz, e vida á morte!
Olhos por quem mais claro nasce o dia[4],
por quem são os meus olhos tão ditosos,
que de chorar por vós lhes coube em sorte!

XXXI

Em dia escuro e triste fui lançado
dos ceos na terra tão pesadamente,
que vendo ao longe o esprito o mal presente,
eu logo de mim mesmo fui chorado.
Em lagrimas nasci, a ellas fui dado;
n'ellas passei minha idade innocente.
Tanto ha, que historia triste sou á gente!
Tanto ha, que o ceo espero ver mudado!
Um grande bem a quem não custou muito?
a quem foi dada tão ditosa sorte,
a que o mal não coubesse por medida?
Não eram minhas lagrimas sem fruito,
pois por vós eram, nem o será a morte,
que mais doce é por vós, que sem vós vida.

XXXIV

Doce Amor novo meu tambem[1] tomado,
quando será o tão ditoso dia,
que dos enganos livre em que vivia,
me veja em ti de todo socegado?
Quando será, que tendo triumphado
do que tão cegamente me vencia,

o mal, que tanto d'antes me aprazia,
em verdadeiro bem veja mudado?
Amor doce, que em mim de novo crias
novo desejo, novo esprito, e santo,
illustrado de um novo lume raro;
guia-me áquelle fim, que me escondias,
muda esta minha noite em dia claro,
levantarei em teu nome alegre canto.

XXXVI

Quando vos vi, senhora, vi tão alto [1]
estar meu bem, que logo ali em vos vendo,
o achei juntamente, e fui perdendo,
ficando n'um momento rico, e falto.
E tal foi de vos ver o sobresalto,
que os olhos outra vez a vós erguendo,
senti a vista, e esprito ir falecendo [2],
quando me olhei, e vi posto tão alto.
Ficou de sua prisão a alma tão leda,
e os olhos de vos verem tão soberbos [3],
que toda outra coisa desprezáram.
Não os tenho já mais, que pera ver-vos.
Tudo mais lhes defende Amor, e veda [4].
E elles que al verão, pois vos olháram?

XXXVIII

Quando eu vejo sair a menhã clara,
nos olhos dia, as faces neve, e rosas,
afugentando a sombra, que as fermosas
cores do campo e ceo d'antes roubára;

e quando a branca Delia a noite aclara,
e traz nos brancos cornos as lumiosas
estrellas, serenando as tempestosas
nuvens, que o grosso humor nos ceos juntára;
tal é, digo comigo, a clara estrella,
que minh'alma me encheu de outra luz nova,
e meus olhos abriu ao que não viam.
Assi me leva a vida, e m'a renova,
assi as vãs sombras, que antes me escondiam
o claro ceo, fugindo vão ante ella.

XLVIII

Quando se envolve o ceo, o dia escurece,
assopra o bravo vento, o alto mar geme,
o sol se nos esconde, a terra treme,
trovoa[1] a noite, o raio resplandece,
eu olho áquella parte, onde esclarece[2]
um sol, que eu vejo só, e elle só vê-me[3],
e com sua luz, em quanto o mundo teme,
de lá me alegra o esprito, e fortalece.
Meu perpetuo verão, meu claro oriente,
d'onde o dia me vem, d'onde doiradas
vejo as nuvens correr, os ceos fermosos!
Ditosas aves, a que foram dadas
pennas, ditosa a terra, a que é presente
a luz d'estes meus olhos saudosos!

L

Assi da fonte cristalina e pura,
meu rio, a tua clara agoa a veia enchendo,

sempre igual, sempre doce, e sem mistura
que a turve, té o mar largo vá correndo[1],
assi cantos de amor e de brandura
sempre aqui o caminhante estem detendo,
em ti se banhe, e pise tua verdura
Marilia, e as brancas flores vá colhendo;
que as lagrimas saudosas, que derramo,
n'um vidro de cristal, contra corrente,
que trazes, mandes lá á tua fresca praia.
E a mais branca tua Nimpha as apresente
nas brancas mãos de quem me ama, e amo.
(Isto cortava Alcippo n'hua alta Faia[2]).

LI

Quantos suspiros, triste, e quão compridos
ardendo vejo vir dentro a meu peito
d'aquella doce parte, onde eu desfeito
em lagrimas fiquei todo, e em gemidos!
Vereis em agoa uns olhos consumidos
mensageiros de amor não contrafeito;
a alma achareis lá, se do direito
caminho não viestes mal perdidos.
Tornai-vos pois áquelle doce abrigo
do meu amor, d'onde assi em vão partistes,
ficando eu escondido lá em seu seio:
e dizei-lhe: Senhora, uns olhos tristes
vimos lá só chorar, sem fim, sem meio[1];
cá o tendes, cá buscai o vosso amigo.

LIII

Quando será que eu torne a ter diante
d'estes meus olhos o seu doce obgeito,
a quem um honesto Amor me fez sugeito?
e que èu ante ella escreva, ante ella cante?
Nem tu, Amor, és composto de diamante,
nem eu de pedra tenho este meu peito,
que perto está de em agoa ser desfeito,
se esprito algum não ha, que m'o levante.
Representas-me, Amor, as mais fermosas
lagrimas, antes perlas, que tu viste
sair de uns olhos de chorar indinos.
Que armas me dás tu, com que as forçosas
lembranças vencer possa, e os tão continos
golpes mortaes, que ferem hua alma triste?

LV

A que alçarei os olhos, pois não vejo
aquelles olhos, de que eu só vivia,
onde leda minh'alma se estendia,
e onde repousava o meu desejo?
La vai meu esprito ardendo, agoas do Téjo;
o triste corpo fica pedra fria,
(quanta tristeza custa uma alegria!) [1]
té me tornar o dia que eu desejo.
Em tanto n'estes valles, n'estes montes,
tão longas noites, e tão tristes dias,
crescerão com meu choro hervas, e flores.
Quando, olhos meus (olhos não já, mas fontes[2])
tornareis vêr as vossas alegrias?
Quando est'alma enchereis de seus amores?

LIVRO SEGUNDO

SONETO I

Nimphas do claro Almonda[1], em cujo seio
nasceu, e se criou a alma divina,
que um tempo andou dos ceos cá peregrina,
já lá tornou mais rica, do que veio;
Maria, da virtude firme esteio,
alma santa, real, de imperio dina[2],
a baixeza deixou, de que era indina,
ficou sem ella o mundo escuro, e feio.
Nimphas, que tão pouco ha, que os bons amores
nossos cantastes cheias de alegria,
chorai a vossa perda e minha mágoa.
Não se cante entre vós já, nem se ria,
nem dê o monte herva, nem o prado flores,
nem d'essa fonte mais corra clara agoa.

II

Ó alma pura, em quanto cá vivias,
alma lá onde vives já mais pura,
porque me desprezaste? quem tão dura
te tornou ao amor, que me devias?
Isto era, o que mil vezes promettias,
em que minh'alma estava tão segura,

que ambos juntos um' hora d'esta escura
noite nos subiria aos claros dias?
Como em tão triste carcer me deixaste?
como pude eu sem mim deixar partir-te?
como vive este corpo sem sua alma?
Ah! que o caminho tu bem m'o mostraste,
porque correste á gloriosa palma!
Triste de quem não mereceu seguir-te.

III

Despojo triste, corpo mal nascido,
escura prisão minha, e peso grave,
quando rota a cadeia, e vôlta a chave[1],
me verei de ti solto, e bem remido?
Quando co' esprito pronto, aos ceos erguido,
(despois que est'alma em lagrimas bem lave)
batendo as asas, como ligeira ave,
irei aos ceos buscar meu bem perdido?
Triste sombra mortal, e vã figura
do que ja fui uns dias, só sustida
d'aquelle esprito, por quem cá vivia,
quem te detem n'esta prisão tão dura?
não viste a clara luz, a santa guia
que te lá chama á verdadeira vida?

IV

Com que magua, ó Amor, com que tristeza
viste cerrar aquelles tão fermosos
olhos, onde vivias, poderosos
de abrandar com sua vista a mór dureza!

Roubada nos é já nossa riqueza,
nossos cantos serão versos chorosos,
e suspiros tristissimos, queixosos
da morte, que nos pôz em tal pobreza.
Eu perdi o meu bem; tu, Amor, tua gloria.
eu o meu sol; e tu teu doce fogo,
honesto e sancto ao mundo raro exemplo.
Mas viva será sempre a alta memoria
d'aquella, que nos ceos viva contemplo,
a quem humilde peço oiça meu rogo.

V

Aquelle claro sol, que me mostrava
o caminho do ceó mais chão, mais certo,
e com seu novo raio, ao longe e ao perto,
toda a sombra mortal me afugentava;
deixou a prisaõ triste em que cá estava.
Eu fiquei cego, e só, co'o passo incerto,
perdido peregrino no deserto,
a que faltou a guia, que o levava.
Assi co'o esprito triste, o juizo escuro,
suas santas pisadas vou buscando,
por valles, e por campos, e por montes.
Em toda parte a vejo, e a figuro.
Ella me toma a mão, e vai guiando.
E meus olhos a seguem feitos fontes.

VI

Aquella nunca vista fermosura,
aquella viva graça, e doce riso,

humilde gravidade, alto aviso,
mais divina que humana real brandura;
aquella alma innocente, e sabia, e pura,
que entre nós cá fazia um paraiso,
ante os olhos a trago, e lá a diviso
no ceo triumphar da morte, e sepultura.
Pois por quem choro, triste? por quem chamo
sobre esta pedra dura a meus gemidos,
que nem me póde ouvir, nem me responde?
Meus suspiros nos ceos sejam ouvidos;
e em quanto a clara vista se me esconde,
seu despojo amarei, amei, e amo.

VII

Um tempo chorei lêdo co'a esperança
doce, que o brando Amor de si me dava;
e quanto mais gemia, e suspirava,
mór era a minha bemaventurança.
Agora n'esta triste, e cruel mudança,
com que a morte de longe me ameaçava,
o meu prazer perdi, que bem lograva:
suspiro em vão pelo que não se alcança.
Lagrimas bem choradas, bem devidas
ao desejo do bem, que inda que tarde,
sustenta o esprito com seu doce engano!
Mas tristissimas lagrimas perdidas
traz um bem, que fugiu, e traz um dano,
que remedio não deixa ou cedo, ou tarde!

VIII

Quem póde ver um coração tão triste?
quem uma vida, que ha inveja á morte,
que se não doa, por mais duro, e forte,
do que tu, Morte, em mim fizeste, e visto?
Se nunca o amor te offende, nem resiste,
antes desejam sempre uma igual sorte
os que bem se amam, e que um golpe os corte,
porque um tão doce amor, cruel partiste?
Mas tu não poderás, por mais que possas,
partir as almas, e os pensamentos,
que onde querem, se vêm, se amam, se entendem,
triumpha agora d'estas cinzas nossas,
que inda juntas ao esprito altos assentos
terão, onde tuas forças não se estendam.

X

Qual bom Planeta, qual boa estrella, ou sino
invocarei? qual sprito piedoso,
que incurte este desterro saudoso,
que me faz ser no mundo peregrino?
Onde eu os olhos claros, e o divino
rosto via, onde ouvia o deleitoso
som da voz branda, que em tão amoroso
fogo me inflamma, de que eu só fui dino,
ali é minha vida, e a minha terra.
Ali se satisfaz alma, e desejo.
Ali todo meu bem se me offerece.

Em toda outra parte acho odio, e guerra.
Em toda a parte o sol se me escurece,
e fogo, e morte vejo, em quanto vejo.

XIII

A D. SIMÃO DA SILVEIRA

EM RESPOSTA DE OUTRO SONETO

Desfeito o esprito em vento, o corpo em pranto,
tão poderosamente fui de ti
chamado, que tornei, Simão, assi
como da morte á vida, em novo espanto.
Ergueste, doce Orpheo, co' o teu bom canto
um esprito morto, a cujo som d'aqui
se alçou todo ar escùro, e só por ti
rompi d'alta tristeza o grosso manto.
Foi remedio a meu mal meu desatino;
fugiu o juizo, deu logar ás dores,
que já me tinham junto ao reino escuro.
Andou o esprito um tempo peregrino
buscando entre vãs sombras seus amores;
tu m'o tornaste agora em bom seguro.

XV

A EL-REI D. SEBASTIÃO

NA SUA MAIORIDADE. — 20 DE JANEIRO DE 1568.

Rei bemaventurado, este é o dia,
que quatorze annos ha, que o mundo espera
desde o teu Téjo, á oriental esphéra,
e da zona torrada, á zona fria;

Quando outra nova luz, nova alegria,
qual no teu nascimento o sol já déra,
veremos na doirada, e ditosa era
da tua tão esperada Monarchia?
Benigno o Ceo te está, obediente a terra,
abraçam-se entre si Justiça, e Paz,
que a ti, buscando abrigo, vem fugindo.
Erguendo a Christã Fé, que fraca jaz,
aos teus igual justiça repartindo,
terás sempre paz santa, ou santa guerra.

XVI

Se saber, fermosura, e real estado,
pureza d'alma, e limpa castidade,
se um desprezo da gloria, e vaidade
do mundo assi esquecido, e sopeado,
se um viver contente, e descansado,
fundado em fé, esperança, e caridade,
se em tão alto logar baixa humildade,
se um esprito nos ceos todo enlevado,
podéram fazer bemaventurada
n'este mundo, e no outro uma creatura,
nós na terra, e nos ceos te coroamos.
De Deus será tua alma festejada;
de nós honrada tua sepultura,
de que grandes milagres esperamos.

XVIII

AO MARQUEZ DE TORRES NOVAS D. JORGE

(DEPOIS DUQUE DE AVEIRO)

No seu casamento com D. Magdalena Giron, filha do Conde de Ureña.

A Jupiter tres deusas se queixáram,
vendo de Ureña a tão fermosa planta.
— « Não é minha honra, nem riqueza tanta
(diz Juno) — « pois no mundo igual me acháram. »
— « Nem eu sou só, a que tanto celebráram,
(se queixa Pallas casta, sabia, e santa)
« pois uma Madalena se levanta,
« em quem todos meus dões os ceos juntáram.
— « Eu fora (dizia Venus) mais queixosa,
« se quem venceu a minha fermosura,
« não vira de meu filho tão vencida. »
— « Sofrei (Jupiter diz) sua ventura,
« pois eu sofro a ventura mais ditosa
« de Jorge, a quem dos ceos foi concedida. »

XIX

AO MARQUEZ DE TORRES NOVAS D. JORGE DE LANCASTRE

Clarissimo Marquez, em cujo esprito
novo lume de gloria resplandece,
se á viva chamma, que já em ti parece,
igual fosse meu verso, e meu escrito,
tu serias, senhor, cantado, e dito
grande entre aquelles, a que Apollo tece
gloriosa corôa, e a que offerece
de seus nomes a fama um alto grito.

Mas em quanto eu desejo mór alteza
a meu ingenho desigual ao peso,
tu conserva tua vida, e tua saude.
E levanta esse peito á alta grandeza
da viva gloria, da viva virtude,
que o templo te abrirá a outros defeso.

XX

A D. PEDRO DINIZ DE LANCASTRE

IRMÃO DO MARQUEZ

Eu vejo arder teu peito em nova gloria,
clarissimo Dom Pedro, mal contente
de não largar já as pennas altamente,
onde te chama a tua clara historia.
Por ti florecerá a alta memoria
de teus grandes avós, e o raio ardente,
que em ti se esconde, nova luz á gente
trará na paz, na guerra, e na victoria.
Socega teu esprito emtanto, e espera
tempo, senhor, que não tardará muito,
em que mostres ao mundo, o que eu já vejo.
Tu verás das tuas obras o alto fruito;
eu cingirei por ti as frontes d'hera,
se igual nascer meu verso a meu desejo.

XXVI

A DIOGO BERNARDES

Limiano, tu ao som do claro Lima,
inda por ti mais claro, á sombra fria
a branca Nimpha, que te deu por guia

Amor, fazes soar na doce rima.
E em quanto cantas, flores mil de cima
derrama Cytherêa, e um loiro cria
para as tuas frontes Phebo, e em companhia
de outros, teu nome leva já a outro clima.
Eu mudo, e triste, em lagrimas banhado,
vou gastando a alma em esperar um' hora,
que minha cruel sorte está detendo.
Então solto, então livre, e a mim tornado,
teu brando som iria o meu regendo;
emtanto teu bem canta, e meu mal chóra.

XXX

A EL-REI D. JOÃO III

Os que a fortuna deusa sua faziam,
e por mór deusa nos ceos a assentavam,
est'honra, este vão titulo lhe davam,
porque de suas mudanças se temiam.
Mas aquelles, que d'ella não pendiam,
em vez de a adorarem, lhe pisavam
co'os pés sua fraca roda, e desprezavam
a falsa divindade, em que não criam.
Quanto será de ti mais desprezada,
felicissimo João, que dos ceos certo
tens premio igual aos dotes, que te deram!
Seguro premio, não vario, ou incerto,
como os que da fortuna outros tiveram,
que a ti não pode dar, nem tirar nada.

XXXI

A FRANCISCO DE SÁ DE MIRANDA (?)

Quanto de Amor se póde humanamente
sentir, tu o sentes; ou cantar, tu o cantas,
Salicio; e em quanto a doce voz levantas,
tudo arde em fogo, em tudo amor se sente.
Só Flerida, e Amor a ella obediente,
ao vivo fogo teu, lagrimas tantas,
aos grandes versos, com que o mundo espantas,
olhos, e ouvidos cerram cruelmente.
Por ventura que em quanto á estrangeira
lingua entregas teus doces accentos,
não é tua voz com tanto effeito ouvida.
Dá pois á dor sua lingua verdadeira,
dá os naturaes suspiros teus aos ventos,
por ventura será tua dor mais crida.

XXXII

Á MORTE DE DIOGO DE BETANCOR

Alma innocente, que teu véo despindo
solta d'esta prisão estreita e escura,
vestida já da eterna fermosura
esse espaçoso ceo andas medindo;
ditosa, que tambem foste fugindo
do que mais nos engana, e menos dura,
e vives já sem fim leda e segura,
de nossas sombras vãs piedosa rindo.
Quão bem atalhaste á tua verde idade
meu Betancor! assi o merecia

este divino sprito aos ceos nascido.
Meu amor chorará tua saudade;
mas ditoso em meus versos será lido
o teu primeiro e derradeiro dia.

XXXIII

NA ANTIGA LINGOA PORTUGUESA

Bom Vasco de Lobeira, e de grã sem[1],
de prão[2] que vós avedes[3] bem contado
o feito d'Amadis, o namorado,
sem quedar[4] ende[5] por contar hi rem[6].
E tanto nos aprougue[7], e a tam bem[8],
que vós seredes[9] sempre ende loado[10],
e entre os homês bõs por bom mentado[11],
que vos lerão adeante, e que hora[12] lem.
Mais[13] porque vós fizestes a fremosa[14]
Brioranja[15] amar endoado[16] hu[17] nom[18] amarom[19],
esto[20] cambade[21]; e compra[22] sa[23] vontade.
Cá[24] eu hei[25] grã dó[26] de a ver[27] queixosa,
por sa gram fremosura, e sa bondade;
e er[28] porque ó[29] fim amor nom lho pagarom.

XXXIV

Vinha amor pelo campo trebelhando[1]
com sa fremosa madre, e sas donzellas;
el[2] rindo, e cheo[3] de ledice[4] entre ellas,
já de arco, e de sas setas non curando[5].
Brioranja ahi a sazom[6] sia[7] pensando
na grã coita[8] que ella ha; e vendo aquellas
setas de Amor, filha[9] em sa mão hua dellas,

e meteá no arco, e vay-se andando.
Deshi[10] volveo o rostro hu[11] Amor sia;
er disse: — « Ay traydor[12], que me has fallido[13];
« eu prenderey[14] de ti crua vendíta[15]. » —
Largou a mão, quedou Amor ferido;
e calando[16] a sa sestra[17], endoado grita:
— « Ay! mercê! » — a Brioranja que fugia.

XXXV

A UM SOLITARIO

Solitario, que segues tão contente
o caminho mais arduo, que nos guia
da nossa escura noite áquelle dia,
em que vive tão clara a immortal gente;
esperta este meu somno, em que dormente
tive tégora est'alma; sê me guia,
por onde eu suba aos ceos, que antes não via,
de mim mesmo enganado cegamente.
Escuro, triste, morto, e mal vivido
tempo, de mágoa, e de arrependimento,
gastado em vãos desejos, vãos cuidados!
Já achou meu vago esprito seu assento;
sejam ou esquecidos, ou chorados
os tristes dias, em que andei perdido.

XXXVII

Eis o mar, eis o vento, espanto, e medo
aos tristes navegantes, cruel morte
em toda a parte mostram; ali o mais forte
quer, por não ver mais mal, morrer mais cedo.

Quando aquelle poder, que firme, e quedo
tem seu eterno imperio, a triste sorte
n'um ponto muda, e guia a náo, que aporte
em salvo pelo mar, que abre co'o dedo,
vence o prazer ao medo; torna a vida
como furtada á morte; novo ceo
parece, e novo sol, e novo dia!
Assi um'alma enganada, que perdida
anda em tão alto mar, de escuro véo
cuberta, tu, alto Deus! me aclara, e guia.

XLII

Diante do cutello rigoroso
do tiranno cruel, esp'rando a morte
co'o animo cad'um tão firme, e forte
quanto era o do algoz mais bravo, e iroso,
estavam os santos Frades, desejoso
tanto cad'um de cair n'elle a sorte,
que por mais depressa, que o aço córte,
remisso lhes parece, e vagaroso.
Oh! Xarife cruel! que essa crueza
a ti o é só, a elles gloria, e vida;
a nós esse seu sangue grã thesoiro.
Com que esforço, e vigor, e fortaleza,
nos ensinam correr á promettida
grã coroa de gloria, não de loiro!

XLIII

Á RAINHA SANTA IZABEL

Rainha santa, aos Reis exemplo raro,
ao mundo espanto, luz á nevoa escura,
por onde já rompendo d'essa altura,
lançando estás em nós teu raio claro,
d'esse rico thesouro, que tão caro
te foi cá, e possues já segura
de t'o roubarem, parte nos procura
de quem para nós só o comprou tão caro.
Rainha santa, que na mór alteza
da terra, mais humilde aos ceos voaste
com o mundo fazendo força ao ceo,
esta tua terra, ó santa, que pisaste,
rompendo com tua luz seu escuro véo,
de tua humildade enche, e fortaleza.

NOTAS AOS SONETOS

OITAVA AOS BONS ENGENHOS

[1] V. 1. Notemos de passagem este exclusivismo: nada quer dos maus, nem com os maus; procura os bons; só para elles canta: elles sós o inspiram.

A vós só canto, espritos bem nascidos.

A está ahi na accepção de *para;* hoje parece que não poderiamos empregal-o assim com clareza; ou teriamos de dizer: *para vós só canto,* ou *só a vós dedico o meu canto.*

Outro exemplo do nosso autor:

Esse divino esprito aos ceos nascido

(Son. Liv. II, xxxiii); visivelmente *aos ceos* significa ahi para os ceos.

Outro:

A ti só vives lá, a ti só cantas.
(Cart. L. II, ix.)

A palavra *espirito* é constantemente estropiada por Ferreira, nos versos; na prosa do Bristo é que se nos deparou na Scena i do Acto II *espiritual,* e na Scena vi do Acto III *espiritos.* Em muitos sitios onde lhe teria sido indifferente escrever *espirito* ou *sprito,* preferiu não deixar de casar a apherese com a syncope.

Exemplos:

O poeta poderia ter dito no soneto xvi do Livro II:

Se um espirito nos ceos todo enlevado;

ficava-lhe o verso durinho, mas certo; agradou-lhe porem mais: *Se um sprito*, que aliás deve ler-se: *esprito*.

Eu co'o espirito inquieto aos ceos suspiro.

Escreveu *sprito*, sendo para o verso igualmente bom, ou mau, *sprito* ou *espirito*. Ha duzias de outros exemplos.

E não é só Ferreira quem assim estropia esta palavra. Camões, Sá de Miranda, Bernardes, Gil Vicente, Caminha, e quantos e quantos mais! porem como Ferreira é que nenhum. Contam-se nos seus sonetos cincoenta *spritos!* fora as outras obras.

Como se pode isto explicar? era talvez uma d'estas adulterações muito generalisadas, como o *consirar*, o *imigo*, etc. Ora a má critica de Ferreira, e o seu pouco sentimento da forma não lhe permittiam ver que repetia sem cessar a mesma palavra. Será isso n'elle provavelmente um desleixo, mais do que um proposito firme. E talvez seguia o uso geral. Ha muitos exemplos d'isso nos escriptos em prosa; e ainda hoje o nosso povo diz *esprito*, deixando o *espirito* para a gente culta.

[2] V. 3. Para poder medir este verso é indispensavel fazer de *Aa* (que hoje é uma só syllaba) duas syllabas. Era uma liberdade usada frequentemente pelo nosso Ferreira, por Gil Vicente, Bernardim Ribeiro, Miranda, etc.

[3] V. 7 e 8. Estes dois sinceros e optimos versos ficaram proverbiaes. E isso aconteceu com mais versos e phrases d'este autor. Fallando com os seus proprios versos disse o pulido Boileau:

Vous croyez, etc.
Et par le prompt effet d'un sel réjouissant
Devenir quelquefois proverbes en naissant.
(Ep. x.)

LIVRO I.

SONETO I.

Sobre o soneto I do Livro I diremos algumas palavras, attendendo a que elle induziria em erro a quem com menos attenção lesse a primeira parte dos versos d'este poeta.

D'este soneto poderia inferir-se que aos vinte e nove annos de idade, em 1557, tinha Ferreira promptas para a imprensa todas as suas obras; e não é exacto. Já o estudioso Pedro Jozé da Fonseca, a

pagina 7 da sua citada vida de Ferreira (na edição de 1771) responde a essa supposição, que entre as obras do poeta (e não só na segunda como na primeira parte d'ellas) algumas peças ha de data muito posterior a 1557; e são ellas por exemplo a Egloga IX á morte de Sá de Miranda em 15 de Março de 1558; o Epithalamio aos Principes de Parma em 1565; o soneto XV á maioridade d'El-Rei D. Sebastião em 20 de Janeiro de 1568; não fallando em muitas das suas outras composições, cuja data se não pode muito ao certo affirmar.

Nem seria de crer que este escriptor, com o seu amor ao trabalho, e a sua vida quieta, cerrasse tão mancebo as contas com a Musa, que não viesse ella, manhosa e lasciva como é, negacear-lhe uma e muitas vezes com a tentadora maçã de Galatêa.

Parece-nos pois ter sido o soneto I escripto sim aos vinte e nove annos da idade do autor, mas para ficar fazendo cabeçalho a seus irmãos, nascidos uns antes d'elle, e outros muito depois.

Do seu merecimento poetico, pouco pode dizer-se. Quanto differe esse canto ao apartamento, d'aquelle sentido queixume de Ovidio nas Tristezas! Ovidio tem lagrimas; acompanha em espirito os seus versos para Roma, e quasi os bafeja como a filhos. Ferreira, hirto e glacial, acha em si mesmo a força de aconselhar e raciocinar. São quatorze varões de ferro, onde o autor engaiolou algumas sentenças moraes (das menos canoras ainda assim) e cuja chave de cobre (preciosa aos olhos do antiquario) tem toda a poesia de um registo baptismal nu e cru.

[1] V. 1. Mal *te enganas*. — É esse um idiotismo da nossa lingua, que parece dar força ao *enganas*. *Andar mal enganado com alguem* é phrase muito portugueza, e ainda hoje frequente no povo. E *mal ferido* não significará tambem *bem ferido, ferido perigosamente*?

[2] V. 2. A rima, que elle previu, obrigou o autor a empregar *muro* impropriamente. *Dentro em teu muro* é uma idéa diversissima de *dentro em teus muros*.

[3] V. 3. ..... Inda que escuro.

Hoje só *obscuro* diriamos n'este sentido; n'esse tempo era porem frequente *escuro* por *obscuro*. Vid. Camões. Lus. C. I est. 13.

[4] V. 4. *Onde ninguem te empece*. — Empecer é damnar, fazer a alguem perda, damno, mal. Não é só impedir; é mais : é prejudicar.

[5] V. 8. *Fuge o povo*. — O verbo hoje conjuga-se foge; n'esse

tempo, de ambos os modos se dizia; o proprio Ferreira abona os dois.

[6] V. 9. *Ah! não te posso ter.* — *Ter* por *conter*. *Ter*, *conter*, *deter*, *suster*, e *reter*, significariam pouco mais ou menos a mesma idéa. É o *tenere* latino.

Neque te teneo, neque dicta refello.
Virg. En.

[7] V. 9 e 10. ..... Deixa ir cumprindo
Primeiro tua idade.....

Seria isto o *nonumque prematur in annum* de Horacio? Se era, deu-lhe Deus á farta lazer para a espera. Do anno da composição d'este soneto á primeira edição (posthuma) dos versos de Ferreira em 1598, mediaram 41 annos.

[8] V. 10 e 11. ..... Quem te move
te defenda do tempo e de seus danos.

Parece que o autor allude ahi a que alguem o compellia a imprimir os seus versos; e alguem poderoso, que o podia defender.

[9] V. 12, 13, 14.

Dirás que a pesar meu foste fugindo,
reinando Sebastião, Rei de quatro annos,
anno cincoenta e sete, eu vinte e nove.

é isso tirado do final da Epistola xx do Livro I de Horacio.

Forte meum si quis te percontabitur œvum,
me quater undenos sciat implevisse Decembres,
collegam Lepidum que duxit Lollius anno.

SONETO II.

[1] V. 1 e 2. Viciosa construcção a d'esses dois versos.

[2] V. 13. Verso escuro. O autor subentendeu *aquelle*; isto é: cante mais doce canto aquelle a quem o amor inspira.

SONETO III.

Os dois quartetos são melhores que os tercetos; ha n'elles melancolia, e alguns toques felicissimos.

Aponto aquella singela phrase: *Eu não canto, mas choro;* e aponto aquelle doce: *Me vou traz ella emfim triste enganando.*

[1] V. 1. Eu não canto, mas chóro;

recordação (quem sabe?) do

Cantai, or piango,

do soneto CXCIII, ou do

Io piansi, or canto,

do soneto CXCIV, ou do

In dubbio di mio stato or piango, or canto,

do soneto CCXIV de Petrarcha.

[2] V. 9. Nunca será demasiada a insistencia no differençar os dois verbos *soffrer* e *padecer*, que os modernos gallicistas confundem no seu *soffrer*. *Padecem-se* dores, que muita vez se não podem *soffrer;* mas para soffrer é necessario *padecer*. Esta é a distincção; o *padecer* pode ser moral, ou physico; o *soffrer* é só filho da vontade, e é só moral. Padece dores atrozes, e soffre-as com resignação evangelica. No *soffrer* porem ainda ha graus : *aturar*, *supportar*, *tolerar;* definiu-os mui bem o erudito cardeal Saraiva nos seus synonimos.

N. B. — Do *padecer* ha exemplos significando tambem *soffrer;* mas muito melhor será (nos parece) distinguir podendo-o.

[3] V. 11. Verso escuro. O autor quiz dizer : me deixa só a mim, cheio de pura magoa: mas esse verso como está exprime o seguinte : o Amor deixou-me só por pura magoa (d'elle). O *cheio de pura magua* é um lusitanismo antigo; significa cheio de magoa só. Morreu de puro desamparo; isto é só de desamparo.

[4] V. 12 ..... *e vejo o desengano.* — Isto significa : vejo-me livre do engano amoroso em que estava.

[5] V. 13. *Afronta a alma cançada.* — O verbo *afrontar* é aqui tomado neutramente; e quando assim apparece significa anciar. Nem afrontam na presença dos trabalhos — disse Lucena. Vid. S. Franc. Xav. 8, 21.

[6] V. 13. ..... *e por valer-me.* — Não se entende esse *por valerme*; e talvez tenha culpa d'elle a rima, que tem carregado com tantos crimes, e tantas coisas tem feito : até formigas brancas!

[7] V. 14. Alambicamento sem graça nem verdade. Pena é que tantos de igual jaez encerre o nosso autor, e tantos dos seus contemporaneos, não esquecendo Camões, que disse :

O peito Mongibello, os olhos agua.

SONETO VII.

Exprime este soneto amorosas maguas do poeta. O primeiro quarteto é feliz e quasi irreprehensivel.

[1] V. 5. Onde poderei eu de mim esconder-me?

Grande energia e concisão de pensamento, duramente expressa.

[2] V. 7. Então me venço mais,

Então me enfraqueço, me derrubo, me aniquilo mais; é o que parece querer dizer ahi esse *venço;* ou quem sabe se essa forma não estará ahi tomada pelo *vincor* passivo?

[3] V. 11. Que os lá rege e manda,

Pleonasmo, que á rima devemos agradecer.

[4] V. 12. Este chorar me faz; este cantando.

Os dois *estes* referem-se ao mesmo esp'rito.

SONETO XI.

Foi este soneto escripto em Coimbra, como se vê.

[1] V. 1. *Vás* por *vais* é um archaismo tão intoleravel hoje, quanto desnecessario.

[2] V. 3 e 4. *Se offerece recolher-te* é uma expressão que não se entende de outro modo, que não seja por uma transposição. *Se te offerece recolher*, isto é engolir, recolher no teu seio.

[3] V. 5 e 6. Estes dois versos respiram a ufania de um portuguez d'aquellas eras dos grandes descobrimentos. É um feliz toque essa posposição do *grande* a *Oceano;* é um *quid* virgiliano.

[4] V. 9. Thetis com suas Nimphas te acompanham,

tem um imperdoavel erro de grammatica; deveria ser *Thetis e suas Nimphas te acompanham*, ou *Thetis com suas Nimphas te acompanha*.

É um desprimorzinho, como o de Ovidio:

Ilia cum Lauso de Numitore sati.

SONETO XII.

É falso e artificioso, e não deixa comtudo de ter certo encanto, e certa doçura de metrificação. Parece ter sido escripto em Lisboa.

[1] V. 3. É notavel o atuchamento d'este verso.

[2] V. 10. Era indispensavel ahi o adjectivo determinativo *o; todo o mundo.*

D'essa forma ha porem muitos exemplos n'este poeta e em todos os seus contemporaneos : *toda parte, todo mundo, toda sorte.*

[3] V. 12. A minha alma só chora, e se entristece.

Foi-te infiel a pausa, meu desembargador! querias dizer : *a minha alma sómente*, e obrigam-te a dizer a *minha alma só chora.* Porque te não occorreu n'essa angustia :

Só a minha alma chora?

Estavas salvo.

SONETO XIII.

É gracioso, mas pesa pouco. Os dois quartetos teem alguns traços galantes de frescura e colorido.

Não apparece o sol, triste está a terra;
as nuvens carregadas, os ceos tristes.

E que graciosos não são estes versos do 2° quarteto?

Aquelle sol fermoso, que na serra
nos soe amanhecer, vós o encobristes.

Lamentavel é a perda d'esse precioso verbo defectivo *soer!* tão latino e tão nosso, e deixaram-n-o afogar na terriça da nossa mascavadissima linguagem!

SONETO XIV.

É uma curiosa regencia a que faz columna vertebral ao soneto XIV! todo elle se move sobre uma interjeição vocativa, e chega ao fim n'esses termos sem atar nem desatar. Entretanto não é dos mais mal rimados do autor, sendo dos mais eivados de *concetti.* Escolhemol-o ainda assim, porque o mal tambem instrue e tambem cura.

[1] V. 2. Depois do *contra mim,* subentenda o pio leitor outra vez *ó olhos;* sem isso fica o sentido manco, e a luz parece referir-se a *mim.* Ai estes quinhentistas! quando até os mais cultos (entre os quaes avulta o nosso homem) caem a cada passo que dão, e desprezam os rudimentos da propria grammatica, os mais somenos teem perdão, e desculpa ainda por cima.

E depois ralhem dos Aristarcos uns certos communistas da litteratura! mofem dos Horacios, e insultem os Boileaus!

[2] V. 3 e 4. Aquelle *pregar* já não vigora hoje. O que porem lhe substituiriamos é que nos não occorre. Será talvez *fere*, *punge*, *atravessa*, *traspassa*.

[3] V. 10 e 11. ..... Ó olhos poderosos
de dar á noite luz.....

Tambem envelheceu essa palavra, cujos substitutos hoje são inquestionavelmente mais fracos: v. g. *capaz de*, *habil para*, etc.; teriamos, para dar o antigo *poderosos de*, necessidade de empregar um circumloquio.

[4] V. 12, 13, 14. Se ha nada mais artificial! mais escuro! mais falso! Traduzido em portuguez val isto talvez: *Olhos, por causa de quem os meus olhos são tão ditosos, que lhes coube em sorte chorar por vós.*

Não commentemos; apontemos só.

SONETO XXXIV.

[1] V. 1. *Tambem tomado* parece ser um erro de orthographia, em vez de *tão bem tomado*. Assim mesmo, na duvida, não nos atrevemos a alterar. Limitamo-nos a indicar.

SONETO XXXVI.

[1] V. 1. Esta idéa da *altura* em que está collocada a amante, é de Petrarcha; mais de uma vez allude a ella; n'estes versos por exemplo do soneto XII:

Io benedico il loco, il tempo, e l'ora,
che sí alto miraron gli occhi miei.

[2] V. 7. *Fallecer*, na accepção de *faltar* ou *desfallecer*.

[3] V. 10. *Soberbos* é uma curiosa rima para *ver-vos* (na pronuncia de galliza).

[4] V. 13. *Defender* e *vedar* são ahi quasi synonimos. Hoje *defender* na accepção que lhe dá Ferreira, Camões, e outros, de *prohibir*, soaria talvez a gallicismo.

SONETO XXXVIII.

É notavelmente bello este soneto. Pintura accentuada, e forma suave quasi sempre.

SONETO XLVIII.

[1] V. 4. *Trovoar* é um bello verbo, que deixámos perder. Hoje diriamos *trovejar*.

[2] V. 5. *Esclarece* está ahi (talvez não muito propriamente) na accepção neutra do verbo.

[3] V. 6. *E elle só vê-me.* — Viciosa construcção; pecca a um tempo contra o genio da lingua, e contra a grammatica.

SONETO L.

[1] V. 1 a 4. São recordações da Egloga x de Virgilio :

> Sic tibi, quum fluctus subterlabere sicanos,
> non intermisceat undam Doris amara suam.

[2] V. 14. Esta idéa (aproveitada por todos os bucolicos) dos nomes e disticos entalhados nas arvores, tral-a varias vezes o Ferreira; na Egloga IX: na Egloga VI,

> ..... Inda leio
> mil versos em meu nomê aqui cortados,
> n'esta faia.....

e finalmente n'este soneto. É tudo o mais virgiliano possivel.

A esse costume alludiu brincando o Tolentino :

> Qual, co' a navalha aguçada
> desigual cortiça aplana,
> e entalha em lettra romana
> o nome da sua amada.

SONETO LI.

[1] V. 13. *Meio.* Pessoa muito douta, a quem consultámos sobre o sentido d'este verso, interpretou-o assim : *chorar sem fim, nem interrupção.*

SONETO LV.

[1] V. 7. Quanta tristeza custa uma alegria!

é dos mais admiraveis versos do autor. Que profunda intuição da alma humana!

[2] V. 12. É esta uma idéa altamente falsa e hyperbolica, em que Ferreira insiste mais de uma vez : o tornarem-se os seus olhos

duas fontes, o engrossarem-se os rios com as lagrimas que elle chora, etc.

Vêmol-a expressa (mais de uma vez tambem) em Petrarcha; n'este verso por exemplo:

Fiume, che spesso del mio pianger cresci.

Camões disse (e não bem):

Nos saudosos campos do Mondego
de teus formosos olhos nunca enxuito.

LIVRO II.

SONETO I.

[1] V. 1. Almonda é o rio que passa em Torres Novas, terra natal da amante do nosso poeta. Diz o Padre Carvalho na sua *Corographia*, que Almonda vem de *Alius Munda*, outro Mondego, porque as suas aguas são tão limpidas como as do rio coímbrão, chegando a avistar-se os peixes nadando na maior fundura dos mais altos pegos. Valha a verdade. Parece-nos antes que será nome arabe.

[2] V. 6. Alma santa, Real, de imperio dina

não será est'outro:

Alma real, dignissima d'impero

do soneto CCXXVIII de Petrarcha?

Esta palavra *Real* é varias vezes empregada, sem grande motivo por Ferreira; por exemplo:

Mais divina que humana Real brandura.

como tambem Petrarcha a empregava:

Real natura, angelico intelletto.

SONETO II.

É este talvez o mais bello de todos os sonetos do autor; é altissima poesia, de qualquer modo que se considere. Merece lido, relido, e decorado.

SONETO III.

[1] V. 3. *Vôlta a chavė.* Eis ahi um participio passivo do verbo

volver, que nós perdemos; têmol-o nos compostos, e não no simples; e é pena, que era uma forma energica e verdadeira.

SONETO XIII.

No soneto XIV terminam estes tristissimos cantos consagrados pelo poeta na sua viuvez á sua saudosa companheira.

Como vimos, e veremos, encontram-se nos sonetos do Ferreira versos inteiros, e geitos de phrase, inspirados ou traduzidos de Petrarcha; mas (o que é mais do que palavras) encontra-se n'elles o tom mystico, a melancolia suave dos sonetos do amante de Laura. É a mesma vaga tristeza, a mesma respeitosa adoração, a mesma elevação ideal (com menos correcção de forma ainda assim). Era visivelmente Petrarcha um dos autores validos do nosso Ferreira; vê-se que este andava (á moda do tempo) alimentadissimo d'aquella sympathica poesia.

SONETO XVI.

A quem seria dirigido este soneto? provavelmente á Rainha Santa Izabel.

Tudo quanto ahi se diz é applicavel a ella; e o *Real estado* parece confirmal-o.

E não nos ponham a objecção de que a piedosa esposa d'El-Rei D. Diniz só foi canonisada em 1625, isto é muito mais de cincoenta annos depois de escripto este soneto (cuja data certa não podemos aventar); porque, se faltava á santa Rainha a canonisação, já desde muitas dezenas de annos o povo a venerava por bemaventurada, visitava com grandes devoções o seu tumulo em Santa Clara (a velha), e tinha por muito milagroso o seu precioso corpo.

Alem d'isso já desde 1516 se achava beatificada a soberana, pelo Papa Leão X.

O proprio Ferreira nos dá bom testemunho da fama dos milagres da santa, quando diz na Egloga I, fallando de Coimbra:

..... Onde a Rainha
seu templo sacrosanto, que hi parece,
com seus milagres honra.

SONETO XXX.

Posto que este soneto seja dos escuros do nosso poeta, inclinamonos a que fosse dirigido a El-Rei D. João III; e isto pelas seguintes razões:

1ª Respira todo élle uma certa respeitosa cortesia, propria de tão alto assumpto.

2ª O epitheto de *Felicissimo* parece uma lisonja de côrte, de quem queria significar-lhe que ainda a sua estrella propicia sobrelevava á do *Venturoso* Rei D. Manuel.

3ª O ultimo verso só a um Rei se podéra dirigir; mesmo a Principes fòra descabido.

A serem verdadeiras estas conjecturas, é este soneto anterior a 1557.

SONETO XXXIII.

Teem estes dois sonetos em portuguez antigo dado azo a largos commentarios.

Querem uns que sejam do Ferreira; outros que não.

Quanto a nós, não concordamos com a suspeita do illustrado academico e nosso respeitavel amigo o Snr. Innocencio Francisco da Silva (e pedimos perdão da franqueza) de que taes sonetos se introduzissem furtivamente nas obras d'este poeta, não sendo de lavra sua. Esta opinião (não inteiramente adoptada pelo mencionado bibliographo) tambem a tinha Bouterweck, que os attribue a El-Rei D. Affonso IV, ou ao Infante D. Pedro da Alfarrobeira (se nos não falha a memoria), e não menciona o nosso autor.

Não vemos porem n'essas meras conjecturas, que esbulham dos dois sonetos o Ferreira, pezo bastante, nem razão convincente.

Não repugna acreditar que o poeta os escrevesse por brinco e gymnastica litteraria. Para nós o maior argumento é o testemunho insuspeito de Miguel Leite Ferreira; do outro lado ha apenas inducções.

São estas as palavras do filho do poeta, e seu editor: — *Estes dois sonetos fez meu pae na linguagem que se costumava n'este reino no tempo d'El-Rei D. Diniz, que é a mesma em que foi composta a historia de Amadis de Gaula por Vasco de Lobeira, natural da cidade do Porto, cujo original anda na casa de Aveiro. Divulgaram-se em nome do Infante D. Affonso filho primogenito d'El-Rei D. Diniz, por quão mal este Principe recebera (como se vê da mesma historia) ser a fermosa Briolanja em seus amores tão mal tratada.*

É verdade que se nos pode objectar, que sendo Miguel Leite, ao tempo do fallecimento de seu illustre pae, tão pequenino que o não

chegou a conhecer (como elle proprio confessa[1]), a sua declaração, de haver seu pae querido imitar a linguagem antiga, pode ser apenas o echo do que ouvia em casa, sem que por isso tenha criterio de verdadeira. Poderá ser; mas ao nosso espirito parece tão explicito o depoimento do filho, como verosimil a intenção do pae.

Anda n'isto provavelmente uma historia como a do auto da Boa Estreia reputado ser do quinhentista Antonio de Castilho; ou como a do personagem ficticio a quem eram attribuidas as obras em inglez antigo intencionalmente escriptas pelo infeliz Chatterton.

Dos dois sonetos alludidos tira Bouterweck argumento para provar que desde o tempo d'El-Rei D. Affonso IV se manifestara entre nós decidido pendor para a imitação dos italianos, pois affirma que o soneto

Vinha amor pelo campo trebelhando

é traducção de outro do Petrarcha; não conhecemos porem o original.

16 de Fevereiro de 1872.

Até ahi tinhamos escripto acerca da debatida paternidade dos sonetos. Achava-se já o original em Pariz, quando nos chegou á mão um erudito estudo litterario do Snr. Francisco Adolpho de Varnhagen, litterato brazileiro distinctissimo, e hoje Ministro do Brazil em Vienna de Austria. Este recem-publicado estudo intitula-se : *Da Litteratura dos Livros de Cavallarias*, etc., 1872.

Em vista do modo novo por que o douto escriptor encara os dois sonetos em portuguez antigo attribuidos a Antonio Ferreira, não podemos deixar de accrescentar algumas palavras mais.

Quando trata do Amadiz de Gaula e sua nacionalidade, transcreve o Snr. Varnhagen da mais antiga edição hespanhola do mesmo Amadiz algumas linhas que dão grande luz á questão; com a devida venia copiaremos o que se lê de pag. 49 em diante :

Diz o autor :

« Passemos agora á revisão dos autos. Examinemos o texto castelhano impresso da propria novella de Amadiz, já que se não sabe da existencia de nenhuma copia mais antiga. Eis o que dá de si esse texto, consultado no livro 1°, cap. 40, que corresponde ao 41 das traducções estrangeiras, todas provenientes da franceza, na qual as linhas que vão servir ao nosso argumento foram supprimidas. Tra-

[1] Dedicatoria da edição de 1598.

tando do grande amor que nasceu no peito de Briolanja pelo bello e heroico Amadiz, prosegue o texto:

Por mui gran fuerza de amor costreñida, no lo podiendo su ánimo sofrir ni resistir, habiendo (Briolanja) cobrado su reino.... fué por parte della requerido que dél y de su persona sin ningun entrevalo señor podia ser; mas esto sabido por Amadiz, dió enteramente a conocer que las angustias é dolores con las muchas lagrimas derramadas por su señora Oriana, no sin gran lealtad las pasaba, AUNQUE EL SEÑOR INFANTE DON ALFONSO DE PORTUGAL, HABIENDO PIEDAD DESTA FERMOSA DONCELLA, DE OTRA GUISA LO MANDASE PONER. *En esto hizo lo que su merced fué, mas no aquello que* EN EFECTO DE SUS AMORES SE ESCRIBIA. »

Depois d'esta transcripção, vai o Snr. Varnhagen, com muito criterio e muita prudencia, procurando conhecer quem é o *Infante D. Alfonso de Portugal* mencionado no texto hespanhol, e acha evidentemente ser o Infante que veio a chamar-se El-Rei D. Affonso IV; e prosegue a pagina 60:

« Uma vez provado, assim pelo proprio texto castelhano, como pelos argumentos dos Snrs. Castelhanos, que as observações acerca da sorte de Briolanja foram feitas ao autor pelo, ao depois Rei, D. Affonso IV, chegamos ao conhecimento de que só esse principe pode ter sido o verdadeiro autor de um soneto que alguns lhe teem ja attribuido, mas que outros, imaginando sem duvida a novella mais moderna, attribuiram ao Infante D. Pedro, o das Sete Partidas; e que o filho do poeta Antonio Ferreira, encontrando-os escriptos por lettra de seu pae, entre os papeis que deixára, tomou por composições do mesmo seu pae, e como taes os publicou, etc. . . . . . .

. . . .

« Quanto á supposição de haverem sido os mesmos sonetos obra de Ferreira, parece-nos que só a cegueira do amor de filho podéra desculpal-a. No tempo de Ferreira não se tinham feito estudos da poesia antiga, que o habilitassem a emprehender taes composições; e tanto assim, que elle nem sequer as entendeu bem, ao copial-as; pois só assim se explica o haverem sido menos correctamente dadas á luz. De mais, para compor o soneto do Infante D. Affonso tinha elle a idéa no proprio texto do Amadiz; mas a resposta de Lobeira que oraculo lh'a inspirou? Assim, o apparecimento d'esses dois sonetos escriptos pela lettra do autor dos Poemas Lusitanos não serve mais que a provar que o mesmo autor (encontrando-os talvez annexos no codice manuscrito portuguez do Amadiz) tirára de ambos copia, sem indicar no primeiro d'elles nenhum autor. Outro

curioso houve, que igualmente no seculo XVI, tirou, com pequenas variantes, tambem copia d'elles; e considerando desde logo como autor do primeiro o Infante D. Pedro, juntou ambos aos conhecidos versos do *Rousso da Caba* e a outros papeis, e formou um codice, do qual no seculo passado foi possuidor um Fernão Duarte Montearroyo, e hoje se guarda no Museu britannico, sendo o numero 20922 dos manuscritos chamados *Addicionaes*. Assim, ainda quando dos escriptos do mesmo Ferreira possuissemos os autographos, ou uma copia digna de toda a fé, como succede a respeito dos de Sá de Miranda, não poderia tirar-se d'ahi argumento para o proclamar autor de taes sonetos, que se prova serem de outros. »

Cabe ao Snr. Varnhagen inquestionavelmente a gloria de ter sido o primeiro que tratou esta emmaranhada questão com profundeza e affinco; e (posto que um tanto conjecturaes algumas vezes) os seus argumentos não deixam de convencer. Se se provasse o que diz Bouterweck, de ser o soneto

Vinha amor, etc.,

traducção de Petrarcha, isso complicaria muito a argumentação; mas como (apesar de termos procurado com attenção) não encontrámos entre as obras do poeta italiano coisa alguma que nos parecesse o original do soneto portuguez, imaginamos que Bouterweck laborava em erro.

A vista pois do exposto pelo incançavel investigador brazileiro, damos por não escripta a primeira parte d'esta nota, e adoptamos, até novas provas, a sua judiciosa opinião. Conservamos porem agora os sonetos entre as obras de Ferreira, por serem elles a causa d'estas discussões, e porque acerca da sua interpretação desejamos submetter ao Snr. Varnhagen algumas duvidas.

[1] V. 1. Bom Vasco de Lobeira, e de grã sem.

Diz Moraes que *sem* vem de *semen*, e significa geração, semente, e dá (como unico exemplo) aquelle verso. Não tôa muito ao nosso ouvido essa etymologia; antes nos inclinamos ao *sensus* de que falla Viterbo no artigo *sem* do Elucidario. Aqui muito mais cabida tem o *grande senso* do que a *grande geração*. Nem faça duvida o *m* de *sem*, que não é o *n* de *senso;* na pseudo-orthographia portugueza ha exemplos para casos d'esses, e para muito mais. No prologo do Nobiliario do Conde D. Pedro vem um *sem* que abona o que dizemos.

[2] V. 2. *De prão*; é locução adverbial, que significa *de plano, planamente*, *chãmente*, isto é *sinceramente.*

[3] V. 2. *Avedes;* forma antiga de *haveis.*

[4] V. 4. *Quedar;* ficar, restar. Ainda hoje na provincia dizem *quedo.*

[5] V. 4. *Ende.* Eis ahi uma ruina romana; nada menos que o *inde.* Significa d'ahi, d'isso.

[6] V. 4. *Hirem.* Assim se lê erradamente em algumas edições, ou todas (não podemos verificar). Isso verdadeiramente são duas palavras: *hi* e *rem; hi* significa *ahi;* é palavra antiquissima, que ainda hoje se emprega : *por hi* diz o povo; e *onde ha hi coisa,* não *ha hi quem pense,* etc., escreve gente culta. *Rem* quer dizer coisa; é a palavra latina textualmente escripta.

Essa morreu de todo; vive ainda no francez, mas já muito adulterada da sua primitiva significação; é o *rien.*

[7] V. 5. *Aprougue;* do verbo *aprazer;* hoje dizemos *aprouve.*

[8] V. 5. *E a tambem.* Não entendemos essa phrase; ahi anda omissão talvez.

Pessoa de grande voto a quem consultámos, viu n'essa phrase o sentido seguinte : *e tanto nos agradou, e tão bem,* etc. Aquelle *a* é (segundo o mesmo abalisado critico) meramente expletivo, e não altera o sentido do *tambem;* e adduziu-nos logo dois exemplos, em que o *a* não tem valor : o primeiro foi de Gil Vicente :

A segundo vão os tempos;

e outro foi de Camões :

A segundo a policia melindana.

Ora n'aquelle *tambem* viu o douto commentador duas palavras : *tão bem,* reunidas n'uma só.

O sentido assim fica intelligivel, ainda que a segunda metade da phrase é redundancia, pouco para notar-se em tão silvestre poesia.

O Snr. Varnhagen, no seu livro citado pouco acima, substitue esse *a tam bem,* por *er tan ben.*

[9] V. 6. *Seredes* forma antiga do *sereis.*

[10] V. 6. *Loado;* louvado.

[11] V. *Mentado;* lembrado; essa palavra morreu no simples; vive nos seus compostos : v. g. *commentado, dementado,* etc.

[12] V. 8. *Hora;* hoje escreveriamos *ora;* significa *n'este tempo, agora.*

[13] V. 9. *Mais*, significa *mas;* é o francez *mais*. Hoje ainda o nosso povo pronuncia *mais*.

[14] V. 9. *Fremosa*, ou *fermosa;* hoje escrevemos (mais etimologicamente) *formosa*.

[15] V. 10. *Brioranja;* nome de mulher, que hoje está fora de uso, e que tambem se escreveu *Briolanja*. Parece-nos uma contracção de dois nomes antigos : Brites e Olanja ; pelo menos assim temos visto decomporem aquelle nome alguns genealogistas.

[16] V. 10. *Endoado*, dorido, doloroso; adjectivo tomado aqui talvez adverbialmente; como para significar : vós no vosso romance fizestes Brioranja amar doridamente, isto é : com mágua, *hu nom amarom*, isto é : pois a não amaram, pois lhe não correspondiam.

O Snr. Varnhagen propõe em vez de *endoado*, *endoada*. É talvez mais intelligivel.

[17] V. 10. *Hu*, onde; lembra o *où* francez.

[18] V. 10. *Nom*, forma antiga (e mais etimologica do *não*, e em geral das terminações em *ão*.

[19] V. 10. *Amarom*, forma antiga de *amaram*.

[20] V. 11. *Esto*, isto. Ainda hoje é hespanhol.

[21] V. 11. *Cambade*, forma antiga (e muito mais latina) dos imperativos da primeira conjugação, que hoje fazemos *ae*.

Ainda hoje as palavras *cambio*, *cambista*, *escambo*, *recambiar*, são parentas do antigo *cambar*, que significava *trocar*, *mudar*.

[22] V. 11. *Compra; cumpra* escreveriamos hoje.

[23] V. 11. *Sa*, ou *sua*.

[24] V. 12. *Cá*. Esta palavra é parenta, pela forma e pela significação, do *car* dos francezes, que é filho do *quare* dos romanos. Quer dizer *porque*. Encontra-se nos autores antigos *câ* em vez de *cá*, significando algumas vezes *que*.

O Snr. Varnhagen substitue ao *cá eu*, *por que ei* (*ei* se encontra nos escriptos antigos por *hei*).

[25] V. 12. *Hei*, tenho.

[26] V. 12. *Dó*, dor, pena. O Snr. Varnhagen substitue ao *dó*, *dôr*.

[27] V. 12. *Aver;* assim trazem algumas edições, em logar de *a ver*, ou vel-a.

Tivemos o gosto de nos encontrarmos n'este ponto com a substituição do Snr. Varnhagen.

[28] V. 14. *Er;* encontra-se frequentemente este vocabulosinho entre os escriptos dos antigos; parece significar *alem d'isto*, ou *tambem*, ou *ainda*, ou coisa assim.

[29] V. 14. *O;* assim escreviam os antigos *ao*. Ainda o povo que pronuncia mal diz: *fui ó Porto, cheguei ó fim*, etc.

Não sabemos o porque o Snr. Varnhagen substituiu a este *ó*, que é tão frequente na graphia antiga o *em;* nem tão pouco porque eliminou o *er*.

SONETO XXXIV.

Chama o Snr. Varnhagen a este soneto, na sua citada obra DA LITTERATURA DOS LIVROS DE CAVALLARIAS, *Resposta de Dom Vasco de Lobeyra.*

Não percebemos bem (ingenuamente o confessamos) o porque este soneto é *resposta* do autor do Amadis; mas dando que o seja, porque daria o erudito escriptor o titulo de *Dom* ao problematico Lobeyra?

N'essa edição nova do soneto, propõe-se o Snr. Varnhagen restaural-o, e tornal-o intelligivel, com algumas mudanças que propõe, já na graphia, já na pontuação.

Como não concordamos em todas com Sua Excellencia permittimo-nos declaral-o; e esperamos que um autor, a quem desde a nossa mais tenra meninice conhecemos e respeitâmos, nos não levará a mal esta franqueza.

[1] V. 1. *Trebelhando.* — *Trebelhos* se chamavam as peças do jogo de xadrez; d'onde *trebelhar* significou *jogar*, e por extensão *brincar*. *Trebelos* era o que hoje chamamos *bonitos* de creanças.

Trebelhando vem pois ahi na accepção de divertir-se, folgar, etc.

[2] V. 3. *El;* apocope de *elle;* é talvez um hespanholismo. O Snr. Varnhagen substitue-lhe a conjuncção *e;* porque?

[3] V. 3. *Cheo*, antiga orthographia de *cheio*.

[4] V. 3. *Ledice*, rad. *ledo;* hoje diriamos alegria.

[5] V. 4. A este verso

Já de arco e de sas setas non curando

substitue o Snr. Varnhagen outro, que não é mais claro que o primeiro, e tem o defeito de cara mais moderna:

Já do arco e das setas non curando.

[6] V. 5. *A sazom*, isto é n'esse momento, justamente então.

[7] V. 5. *Sia*, por *se ia*.

[8] V. 6. *Coita*, dor, tormento; é o *cuita* castelhano. Morreu esta palavra, e só se conserva no seu composto *coitado*.

[9] V. 7. *Filha*, é do verbo *filhar*, que significava *tomar*, ou *pilhar* (esta ultima palavra é o antigo *filhar*, transformado pela facilidade que teem as inflexões dento-labiaes em se fazerem labiaes, e vice-versa). *Cão de filhar*, diziam os antigos; hoje dizemos *cão de fila*. Assim : *filhar*, *filar*, e *pilhar* são a mesma coisa.

[10] V. 9. *Deshi;* é *de hi*, com um *s* euphonico. Significa *d'ahi*, *depois*.

[11] V. 9. *Rostro*, *rostrum* em latim significa focinho, parte proeminente da face dos animaes; os romanos só como termo de insulto applicaram essa palavra ao homem. Os modernos, mais contentaveis, tomaram-n-a á boa parte, e fizeram d'ella *rostro*.

Hoje dizemos *rosto*, como de *rastro* fizemos *rasto*, etc.

[12] V. 10. Os antigos faziam da palavra *traidor* tres syllabas; assim o exige n'este caso a medida do verso. Hoje largámos aquella como que aspiração do *i*, e fizemos do *ai* um diphtongo.

[13] V. 10. *Fallido*, enganado; é muito latino.

[14] V. 11. *Prenderei*. Hoje só os italianos e os francezes (que saibamos) usam na accepção de *tomar*, dos verbos *prendere* e *prendre*, que são o nosso antigo *prender*.

[15] V. 11. *Vendita;* hoje é *vindicta*, ou *vingança*.

[16] V. 13. *Catando*, *procurando*, *examinando*.

[17] V. 13 e 14. *Sestra;* do latim *sinistra*, esquerda.

Sestra parte diz o Ferreira n'outro soneto. Hoje ainda a lingua heraldica dos francezes conserva o *dextre* e *senestre* por direita e esquerda.

Na opinião de um veneravel mestre da nossa lingua, a palavra *sestro*, tendencia má, ou *sinistra*, deriva da mesma fonte, porque o lado esquerdo era entre os antigos de ruim agoiro.

Malum..... sinistra..... predixit..... cornix..... disse Virgilio na Egloga I.

O Snr. Varnhagen julgando inintelligivel este verso com a *sestra* propõe em logar d'ella *seta*. Isso é que nos parece de todo escuro. E senão, vejamos; a historia foi assim :

O Amor ia folgando e desprevenido pelo campo fora; Briolanja que o viu, e lhe tinha odio, poude acercar-se d'elle, e furtar-lhe do carcaz uma das settas; e (segundo se deprehende) o arco tambem. Cupido ficou desarmado, e Briolanja apartou-se; quando estava a distancia voltou-se ella para elle, e gritou-lhe : *traidor, que me enganaste! deixa estar que me vou vingar de ti!* Largou a mão, isto é desfechou, e o Amor ficou ferido da sua propria setta; e olhando a sua *séstra*, isto é ao seu *lado esquerdo*, ou ao *coração* (que é onde a setta se tinha cravado), grita muito dorido para a magana de Briolanja, que ia fugindo : *Ai! mercê!* isto é *ai! piedade! tem dó de mim!* etc.

Em vista d'esta nossa interpretação, que julgamos satisfazer inteiramente, o modo por que o Snr. Varnhagen pontuou o ultimo verso

Ai! Mercê a Br'olanja!... que fugia....

não dá sentido algum.

Sustentâmos pois (salvo melhor juizo) a nossa pontuação :

« Ai! mercê! » — a Briolanja que fugia.

Podia forçar-se outra interpretação, que nos occorre agora : *e catando a sa seta*, isto é : olhando ou procurando a *sua seta*, isto a que lhe estava cravada no coração. Seria esta talvez a explicação do Snr. Varnhagen; entretanto o *sestra* parece-nos tão claro, como diziamos, que não mais insistiremos em tal.

SONETO XXXVI.

É notavel o espirito de arrependimento que anima este mistico soneto. É mais uma prova da profunda religiosidade do nosso bom poeta.

SONETO XXXVIII.

O assumpto d'este formoso soneto parece ter connexão com o do XXXV *a um solitario*, e com o do XXXVIII e o do XL *a S. João Baptista.*

SONETO XLII.

Quem seriam os *santos frades* que deram assumpto a este soneto? não o podémos ao certo descobrir. No diccionario do Snr. Innocencio F. da Silva, que é um subsidiario constante para quem

escreve em Portugal, encontra-se menção de um livro (que o autor do diccionario não poude ver) intitulado : — *Tratado da vida e martyrio dos cinco martyres de Marrocos, enviados por S. Francisco. Coimbra, por João Alvares.* — 1568. — 4°. — *Caracter gothico.*

Seriam esses os celebrados por Ferreira?

No mesmo diccionario, Tomo II, pag 420 se menciona outra obra mais moderna (de 1671) sobre os mesmos martyres de Marrocos.

Diz o Padre Carvalho na sua corographia que em Coimbra existiam reliquias d'estes santos; o que pode ter concorrido para que a devoção de Antonio Ferreira lhes dedicasse taes versos.

ODES

ADVERTENCIA ÁS ODES

Parece-nos que as Odes de Ferreira (pelo menos algumas) foram compostas nos primeiros annos da sua carreira de poeta, porem quando ja tinha por bussola o Horacio. Estão muitas d'ellas cheias da nova theoria; e aquelle mesmo alardear a doutrina nos mostra o iniciador novél.

O tom d'estas poesias é arrojado e severo; os seus assumptos todos nobres.

Em dois livros se acham as odes divididas; das quatorze porem que os compõem, nem todas merecem reler-se.

Dicção geralmente correcta, muita moral e muito sã, bons principios na arte de escrever, elogio rasgado, que era um dos caracteristicos do poeta, e frequentissimas reminiscencias de Horacio; tudo isso constitue as Odes.

Os versos de seis syllabas misturados com os heroicos, não são de todo mal tratados; pressente-se no autor a

intenção de dar á sua poesia os arrebatamentos da alta lyrica facil, e cantavel.

A Ode portugueza, genero participante ao mesmo tempo da Ode horaciana e da canção de Petrarcha, estava nascida. Elle proprio, o autor, o confessa com ufania, logo no introito da Ode I.

LIVRO PRIMEIRO

ODE I

Fuja d'aqui o odioso
profano vulgo; eu canto
as brandas Musas a uns espritos dados
dos ceos ao novo canto
heroico e generoso,
nunca ouvido dos nossos bons passados[1].

N'este sejam cantados
altos Reis, altos feitos;
costume-se este ar nosso á lyra nova.
Accendei vossos peitos,
engenhos bem creados,
do fogo que o mundo outra vez renova.

Cada um faça alta prova
de seu esprito em tantas
portuguezas conquistas e victorias,
de que ledo te espantas,
Oceano, e dás por nova
do mundo ao mesmo mundo altas historias.

Renova mil memorias,
lingua aos teus esquecida,
ou por falta d'amor, ou falta d'arte;
sê para sempre lida
nas portuguezas glorias,
que em ti a Apollo honra darão, e a Marte.

A mim pequena parte
cabe inda do alto lume
igual ao canto; o brando Amor só sigo
levado do costume.
Mas inda em algua parte,
« Ah Ferreira (dirão) da lingua amigo! »[2]

IV

AOS REIS CHRISTÃOS

Onde, onde assi crueis
correis tão furiosos,
não contra os infieis
barbaros poderosos
turcos de nossos roubos gloriosos?

Não pera a mal perdida
cabeça do Oriente
nos ser restituida
tão pia, e christãmente,
roubo a vós feio, e rico á turca gente;

não pera a casa santa,
santa terra pisada

dos infieis, com tanta
afronta vossa, armada
a mão vos vejo, nem bandeira alçada;

nem pera em fogo arder
desdo chão té as ameias
Meca, e Cairo; e se ver
trazido em mil cadeias
em triumpho o seu Rei com nossas preias.

Ah! cegos, contra vós
vos leva cruel furor!
Ah! que fartando em nós,
e em vosso sangue o ardor
que o imigo tem, fazeil-o vencedor.

Vós armas, vós lhe dais
ao covarde ousadia;
em quanto vós matais,
eis Rhodes, eis Hungria
em sangue, em fogo, em nova tirannia.

Paz sancta dos ceos dada
por vida só, e bem nosso,
como tão desprezada
d'este injusto odio vosso
Reis christãos, he'crueis chamar-vos posso[1].

Nunca se viu fereza
a esta que usais igual,
armados de crueza.
Um ao outro animal
da mesma natureza não faz mal.

Tornae, tornae, ó Reis
á paz; tende-vos ora;
olhae-vos, e vereis
com quanta razão chora
a Christandade a paz que lançais fóra.

VI

A UMA NÁO D'ARMADA

EM QUE IA SEU IRMÃO GARCIA FROES

Assi a poderosa[1]
deusa de Chipre, e os dois irmaõs de Helena
claras estrellas, e o grã Rei dos ventos,
segura náo, e ditosa
te levem, e tragam sempre, com pequena
tardança, aos olhos que te esperam attentos;

que meu irmão, metade
da minha alma[2], que como encomendado
a ti deves, nos tornes vivo, e são
do fogo, e tempestade,
a que se aventurou co'o esprito ousado;
vença, á dura fortuna, a boa tenção.

Quem cometteu primeiro
ao bravo mar n'um fraco páo a vida,
de duro enzinho ou tresdobrado ferro
tinha o peito, ou ligeiro
juizo, ou sua alma lh'era aborrecida;
digno de morte cruel no seu mesmo erro.

Esprito furioso
que não temeu o pégo alto revolvido
(entregue aos ventos posto todo em sorte)
do sempre tempestoso
Africo, nem os vaos cegos, e o temido
Scylla infamado já com tanta morte![3]

A que mal houve medo
quem os monstros no mar, que vão nadando,
com seccos olhos viu? quem o ceo cuberto
de triste noite, e quedo
sem defensão co'o corpo só esperando
está a morte cruel, que tem tão perto?

Se Deus assi apartou
com summa providencia o mar da terra,
que a nós os homens deu por natureza,
como houve homem, que ousou
abrir por mar caminho mais á guerra
que á paz? e á morte mais roubo, e crueza?

Que coisas não comettes,
ousado esprito humano, em mar e em fogo,
contra ti só diligente, e engenhoso?
que já te não promettes,
dês que o medo perdeste á morte, e em jogo
tens o que de si foi sempre espantoso?

Um o ceo cometteu;
outro o ar vão exp'rimentou com pennas
não dadas a homem; outro o mar reparte,

que por força rompeu.
Senhor, que tudo vês, que tudo ordenas,
pera a ti só chegarmos dá-nos arte.

VII

A MANOEL DE SAMPAIO

Sampaio, tu lá só
de mim estás, não das Musas, não do santo,
fresco, são, e brando ar, que as Graças criam,
n'essa felice terra
regada da corrente graciosa
de um novo Tibre, ou Pó,
que nova gloria, e espanto
ao grande Oceano leva, claro rio
manso Mondego meu, onde sohiam
meus olhos de uma Serra
ver com desprezo o mundo; saudosa
agoa, que tão soberba vai correndo,
tomando senhorio
dos campos, e das agoas, e dos mares,
que ledos dentro em si a vão recolhendo.

Doces, sacros lugares
de brancas Nimphas, musicos pastores,
habitas, verdes heras, verdes loiros,
valles sombrios, e fontes
doces, puras, e frias, que manando
estão lagrimas tristes
dos doces meus amores.
Isto tens lá Sampaio; eu cá que tenho?

Lá, amigo, te deixei, lá meus thesoiros.
        Ah! secos, e altos montes,
negros fumos, máos ventos, que turvando
meus bons intentos andam! Se sentistes,
imigos meus (lhes digo) porque a vida
        desejo, em que sustenho,
deixae-me o pensamento, que descanse
no que deseja, que em al é perdida.

        Que vejo, em que não canse?
Afronta esta alma triste em tanto aperto.
Soberbas portas, prodigas larguezas,
        vaõs faustos, vãs palavras,
i-vos longe de mim, i tristes ventos[1].
        Fique eu de vós seguro.
        O que em desastre e acerto
(ah! olhos cegos, corações errados)
anda, seguis? isto chamais riquezas?
        Ditoso tu, que lavras
tua terra co'os teus bois, e os pensamentos
de boa esperança enches; peito duro
santa alma, lingua sã, mãos innocentes
        desejo; os mais estados,
fortuna, dá a quem queres; eu só quero
viver seguro, e livre entre os contentes.

        Isto desejo, e espero.
Quem me d'esta riqueza enriquecesse?
Quem visse já o tão claro e alvo dia
        em que assi repoisasse
este esprito inquieto, que pendendo
        está de seu perigo?

Oh! ceos, quem merecesse
pender sempre de vós, sem mais do mundo
querer, que vida honesta! esta queria
meu Sampaio, esta achasse.
Santa, rustica vida, aborrecendo
te estão; pois eu te busco, pois te sigo;
deixa os que te desprezam, vem-te a mim.
Comtigo lá n'um fundo
valle viverei eu livre e contente,
leda a vida terei, seguro o fim.

LIVRO SEGUNDO

ODE II

A PERO D'ANDRADE CAMINHA

NA MORTE DE UM SEU IRMÃO

Fogem, fogem ligeiros
nossos dias e annos,
Andrade; que bem vive? que mal dura?
O que foi dos primeiros,
será dos derradeiros.
Iguaes aos bens os danos
todos vão dar em triste sepultura.

Torna nova verdura,
torna verão, e inverno:
claro apoz chuva o sol, poz noite o dia.
Ah! nossa lei tão dura!
Despois da noite escura
do mortal sono eterno
já mais torna esta luz que a vida via.

Triste quem se confia
em cegas esperanças,

que no mór nosso bem nos desenganam!
Quem nome de alegrias
cá achou, como sabia
haver medo ás mudanças
crueis, que tanto podem, tanto danam!

A fonte, d'onde manam
de nosso erro os perigos,
que é, senão proprio amor mal conselhado?
Desejos vãos, que enganam,
e a pura alma profanam,
e entregam a seus imigos,
d'onde tarde vem ser seu mal chorado!

Quanto mundo é passado!
Soberbas monarchias
de Asia; de Grecia, e Roma imperios tantos,
que o mundo sogigado
tinham, como forçado,
vês em quão poucos dias
cahíram suas grandezas? seus espantos?

Que ficam, senão prantos,
e saudades tristes
d'aquellas coisas grandes, que acabáram?
Quantos triumphos, quantos
ledos, e doces cantos,
passados tempos, vistes,
quê senão mágoa, e espanto nos deixáram?

Ai! quanto em vão choráram
apoz a dura morte

tão pouco ha nossos olhos saudosos!
Quanto bem nos roubáram!
Mas que choros bastáram
mudar a dura sorte
dos crueis fados, tristes, invejosos?

Espritos gloriosos
que d'esta baixa terra
fostes morar aos ceos em clara alteza;
ditosos vós, ditosos,
que já victoriosos
de tão misera guerra
despistes esta nossa vil baixeza!

Cesse pois a tristeza,
cesse já a saudade
baixa; alça o esprito aos ceos, pera que vejas
com que nova grandeza
vestida a fortaleza
já d'immortalidade
de teu irmão está, que em vão desejas.

V

A ANTONIO DE SÁ DE MENEZES

Eis nos torna a nascer o anno fermoso,
zefiro brando, e doce primavera;
eis o campo cheiroso;
eis cinge o verde loiro já a nova hera.
Já do ar caido géra
o cristalino orvalho hervas, e flores,

as Graças, e os Amores
coroados de alegria,
em doce companhia
de Nimphas e pastores, ao som brando
doces versos de amor vão revezando.

Apoz, a branda deusa do terceiro
ceo, que triumphando vai de Apollo, e Marte;
e entre elles o frecheiro
o seu doce fogo onde quer reparte.
Fogem de toda parte
nuvens; a neve ao sol té então dura
se converte em brandura,
e d'alta e fria serra
caindo, rega a terra
agoa já clara, a cujo som adormece
toda féra serpente, e o mirtho cresce.

Renasce o mundo, e torna á fórma nova
do seu dia primeiro; o sol mais puro
sua luz nos renova,
e affugentando vai o inverno escuro.
O monte calvo, e duro,
o valle d'antes triste, e turvo rio,
ar tempestoso, e frio,
os tornam graciosos
aquelles amorosos
olhos de Venus, faces de Cupido,
criando em toda parte um Chipre, um Gnido.

Já deixa o fogo o lavrador, já o gado
da longa prisão solto corre, e salta

roendo o verde prado;
nem agoa clara, nem verdura falta.
Eis tira da arvore alta
ou Progne com seu ninho, ou Philomena
Tityro, e inda sem penna
cria a tenra ave ledo,
por esperar que cedo
do seu fermoso don Cloris vencida
não soffrerá ser d'elle em vão seguida.

Agora nós tambem nos coroemos,
ó claro Antonio, de hera, e mirtho, e loiro,
e mil odes cantemos
á branda Venus, mil a Apollo loiro,
que com seu raio de oiro
a escura nuvem do teu peito aclára.
Ah! quanto suspirára!
Ah! como desfazendo
em tenro pranto, e erguendo
os olhos a ti, Phebo, Nise triste
chamar « ó sol! ó sol! » com mágoa ouviste!

Olho claro do ceo, vida do mundo,
luz, que a lua e estrellas alumias,
ó movedor segundo
de quantas cousas cá na terra crias,
crespo Apollo, que os dias
trazes fermosos, e as doiradas horas,
lá d'esse alto, onde moras
com tua luz clara e santa,
que o máo Saturno espanta,

torna a Antonio, e conserva a luz primeira,
do puro sangue a cor, e a força inteira.

Os mais brandos liquores, suaves sumos
das mais saudaveis plantas busca; e colhe
os mais cheirosos fumos,
que Arabia em si, em si Sabá recolhe;
faze que onde quer que olhe
o teu bom Sá, prazer, e riso, e canto
veja; ah! Phebo, a quem tanto
teu claro lume adora,
e ao Doiro, que inda chora
do seu passado medo a viva mágoa,
não negues a um sã vida, a outro clara agoa.

A vida foge, como ao sol a sombra;
quem poder viva, em quanto um' hora tarda,
hora, que espanta, e assombra,
nem escusa recebe, ou ponto aguarda.
Quem sua vida guarda
para outro dia? quem no leve vento
faz firme fundamento?
Anda o ceo, volve o anno,
mostrando o desengano
d'esta vida inconstante, e em fim mortal,
de bens escassa, prodiga do mal.

Ó meu bom Sá, em quanto nos defende
a vida breve longas esperanças,
tu lêdo o esprito estende

por honestos prazeres, sãs lembranças,
livre das vãs mudanças,
em que andam os mais em sorte ao vento postos,
co'os inconstantes rostos;
lá sempre um, sempre inteiro,
seguindo o verdadeiro
caminho, que ao alto ceo te chama e guia,
contente vive o anno, o mez, e o dia.

NOTAS DAS ODES

LIVRO I.

ODE I.

[1] V. 1 a 6. São imitação dos primeiros versos da Ode I do Livro III de Horacio :

> Odi profanum volgus et arceo.
> Favete linguis; carmina non prius
> Audita Musarum sacerdos
> Virginibusque puerisque canto.

[2] V. 25 a 30. A ultima estrophe d'esta ode parece indicar-nos que o autor quando a compunha era ainda muito moço, e cantava ainda maguas amorosas. Seguia, mau grado seu, o costume do tempo mas punha já toda a diligencia na introducção dos modelos antigos.

Que admiravel prophecia não encerra aquelle ultimo verso!

ODE IV.

Esta ode é (como muito bem notou Costa e Silva) uma imitação do Epodo VII de Horacio.

Logo os primeiros versos são quasi traducção do

> Quo, quo, scelesti, ruitis? aut cur dexteris
> aptantur enses conditi?

É esta ode uma energica apostrophe aos Reis da Europa, applicavel ainda em nossos dias, e por mais de uma vez, a testas coroadas.

[1] V. 35. Reis christãos hé crueis chamar-vos posso

Confessamos sinceramente não entender aquelle *hé crueis*, poderá ser talvez *té crueis*.

ODE VI.

É toda esta ode uma deselegante traducção ou paraphrase, da ode III do Livro I de Horacio, a Virgilio navegando para Athenas. Ha por ahi phrases, versos inteiros, que nasceram em latim.

[1] V. 1. e seguintes. — Traducção do

Sic te diva potens Cipri,
Sic fratres Hellenæ, lucida sidera,
Ventorumque regat pater, etc.

[2] V. 7. ..... Meu irmão, metade
da minha alma.
..... Animæ dimidium meæ

e assim por diante, quasi verso a verso.

[3] V. 22, 23 e 24. Essa allusão ao vento de Africa (allusão que aliás é tambem horaciana) e a Scylla, monstro mythologico do mar da Sicilia, nos induz a crer que seria para esses lados o termo da viagem de Garcia Froes.

ODE VII.

Já n'outro capitulo dissemos o pouco que sabemos acerca d'este Manuel de Sampaio, condiscipulo do autor. Esta ode parece ter-lhe sido dirigida de Lisboa. As invejas amigaveis que em todos estes versos se encontram são de um gracioso effeito. Muitos d'esses pensamentos são communs com Horacio em varios passos das suas obras; e a Epistola VI de Boileau faz bom parallelo a esta ode.

[1] V. 36. Significa: *Ide-vos para longe de mim, ide, tristes ventos*, — ou *fugí, palavras vãs como o vento.*

LIVRO II

ODE V.

É muito maviosa e gentil esta ode. Lembra Virgilio nos seus momentos de maior suavidade. O renascer da terra ao sopro de Abril está muito bem pintado. No meio das alegrias todas da primavera, apparece-nos, porém a figura melancolica de Antonio de Sá, amigo do Ferreira, e para quem o poeta supplica ao sol o calor vital que o ia desamparando, e tão cedo o furtou ao seio da familia.

ELEGIAS

ADVERTENCIA ÁS ELEGIAS

As Elegias são já n'outra clave; algumas ha muito notaveis; e (bem que nos não pareça esta a melhor collecção do autor) tem, não obstante, versos de primeira ordem.

Assim como Ferreira foi o introductor da Ode, e o verdadeiro creador das Cartas; assim o foi tambem das Elegias, pois que Miranda, seu predecessor, tem apenas uma, que possa entrar devidamente no genero, porque a outra é mais Carta do que Elegia.

Diz Bouterweck que foi Ariosto o modelo que Ferreira seguiu nas Elegias; e Costa e Silva acha que seriam Tibullo e Propercio os seus modelos.

Bem pode ser que de todos colhesse algumas flores; até em Horacio as achou; por exemplo : a Elegia II, á morte de Diogo de Betancor, tem muitas semelhanças na Ode XXIV do Livro I do Venusino.

ELEGIAS

ELEGIA I

A FRANCISCO DE SA DE MENEZES

NA MORTE DO PRINCIPE D. JOÃO, A QUEM SERVIU DE AIO
E CAMAREIRO MÓR.

Tristissimo Francisco, quem podesse
por arte, ou por engenho, alcançar tanto,
que meio a tuas lagrimas posesse[1]!
Quem já fim a teu justo e triste pranto
pedisse, cru seria; chora, triste;
justo é teu choro, e meu desejo santo.
Acende mais o fogo, quem resiste
na mór chamma. De cá te vejo arder
despois que o nosso lume morto viste.
Aquella Real planta, que crescer
com tanta fermosura começava,
promettendo da terra aos Ceos se erguer[2];
aquella flor fermosa, que alegrava
tantos olhos, e almas, que tua mão
com tanta diligencia nos criava,
colheram-t'a ante tempo; já no chão
cortada e seca jaz; vál-a seguindo

co'a alma, e co'o desejo, triste, em vão.
Vejo-te ir em suspiros consumindo,
aos Ceos queixoso, porque te apagáram
a clara luz, que se ia descobrindo;
porque tão cruelmente te cortáram
teu bem, tua honra, e tantas esperanças,
quantas já para sempre nos faltáram.
Como houve tempo para taes mudanças!
Dizes, « Oh! Ceo! tal foi? » — e assi pasmado
com lagrimas acordas, e te lanças[3].
Ah! quão triste te é tudo! quão pesado!
Tu mesmo a ti te trazes bem assi[4],
como por força um grã peso arrastado.
Deixa o pranto, Francisco, torna a ti,
falla comtigo só, vai-te buscando;
tu a ti mesmo és necessario aqui.
Olha quantos teu mal estão chorando;
olha o mundo, quão triste e saudoso
fica do com que tanto se ia honrando!
Quanto vemos, quão triste, e quão queixoso
da morte está! mas ah! que inda que seja
choroso a todos, é a ti mais choroso.
Por mais que o mar, a terra, o Ceo se veja
chorar aquelle Principe, tu mais
choras; mais o ama tua alma, mais deseja.
Esses suspiros teus, esses teus ais
tão justos, tão devidos, cá me soam,
co'o som das tristes lagrimas iguaes.
As musas de acipreste se coroam,
e toda arvore triste; deixam o loiro,
e ao som d'esse teu pranto, o seu entoam.
Suas capellas, seu cabello d'oiro

arrancam, e desfazem; tu as guias,
dizendo: perdeu o mundo o seu thesoiro.
Ah! que tu mais que todos conhecias
aquelle grã João de ti criado;
novo lume, nova alma n'elle vias.
Pois tanto com razão será chorado
mais de ti, quanto ao mundo promettendo
d'elle mais ias, a que foi roubado.
Que grandezas não estavamos já crendo
de seu esprito, e teu, que o informavas!
Que fortuna, que guerra, ou mal temendo?
Pelo publico bem te desvelavas [5],
grã Francisco, tuas horas, e tua vida,
em nossa vida e honra só gastavas.
Ai! tanta diligencia tão perdida
de nós, que tu lá levas, real esprito,
aos Ceos, onde melhor é conhecida!
Igual ao pensamento era teu dito;
igual ao dito a obra; se vivêras,
quanto nos cá de ti ficára escrito!
Ao menos, Reino triste, conheceras
a industria de Francisco, em te criar
Principe, com que mal nenhum temeras.
Francisco eleito só para ensinar
um Principe a ser Principe, tambem
o deixáram saber por ti reinar.
De um bem fôra pendendo outro mór bem,
que já se ia mostrando; mas a morte
atalhou; sempre armada ao melhor vem.
Isto teu peito generoso e forte
sente só, e chora; o que de ti sabias
te faz mais dura a dor da triste sorte.

Conheceste a ti bem, e conhecias
a nova idéa de Rei, porque esperavas
conforme a teu esprito, a que a fazias.
Claros sinaes de tanto bem nos davas,
Principe santo; todos em ti viamos
quão bem aquelle esprito em ti passavas.
Os olhos, de que nós todos pendiamos*,
pendiam de Francisco, que guiando
t'os ia sempre ao bem, que nós queriamos,
esse teu alto esprito levantando
da terra tanto aos Ceos, té que subiu
lá pera sempre, a terra desprezando.
Quem em tão breve vida tanta viu?
Quem em tão poucos dias tantos annos?
Que esprito igual de um corpo tal sahiu?
Ditoso tu, que livre dos enganos
do mundo, e da fortuna, limpo, e puro
aos Ceos voaste, sem provar seus danos.
Deixaste, clara estrella, o triste, e escuro
ar, de que cá vivias; quão luzente
entre os córos dos Anjos te figuro!
Que baixa coisa te parece a gente!
Que pouquidade o Mundo! vês o Rei
quão pouco é de outros homens differente.
Qual já mais se livrou da geral lei?
Veja, quem o não crer, tua morte agora;
de que outra morte já me espantarei?
Principe glorioso, não te chora
a terra; não Francisco; só choramos
quanto em ti nos roubou uma triste hora.
Se contra essa tua gloria desejamos
ver-te outra vez na terra, erro grande é;

perdoa-nos, Senhor, com amor erramos.
E tu Francisco, em quem mais certa fé
ficou do que sabias, nos desculpa;
nos Ceos, a que o guiaste, reine, e estê [7].
Tua é sua gloria; nossa será a culpa
se lh'a invejarmos; d'amor é o desejo,
mas tal amor não quer, dos Ceos o culpa.
Vive tu, grã Francisco, que eu o vejo
dos Ceos encommendar-te o seu thesoiro
que cá deixou, e eu em tuas mãos desejo.
Não de pedras vãs é, não de baixo oiro;
mas outro sprito seu, de que tremendo
já está o barbaro Turco, o Indio, o Moiro;
felicissimo parto, em que vivendo
estamos; vida nossa, que te está
o Reino todo já em tuas mãos metendo.
Por tua mão, Francisco, crescerá
felicemente. Deus, que nol-o deu,
igual ao santo pae por ti o fará.
Aqui repousará o esprito teu;
quanto viste em sinaes, e em figura
no pae, Deus quiz guardar a este don seu.
Augusto SEBASTIÃO, que alta escritura [8]
encherá, começando por tua guia
obedecer aos Ceos, a elle a ventura.
Enxuguem-se teus olhos; já se cria,
a quem tu serás Néstor, quem da terra [9]
tarde aos Ceos subirá, luz, e alegria [10]
do Mundo, grande em paz, e grande em guerra.

ELEGIA II

NA MORTE DE DIOGO DE BETANCOR

Darei choros, ou cantos á tua morte,
meu Betancor? á tua verde idade
direi ditosa, ou triste a dura sorte?
Lagrimas pede minha saudade,
e aquelle amor tão vivo, inteiro, e puro,
que fez de ti, e de mim hua só vontade.
Como será meu coração tão duro,
que te não chame, que te não suspire[1],
pois sem ti acho todo esto ar escuro?
Que coisa póde vir, que mude, ou tire
a lembrança de ti, meu doce amigo?
Que coisa, a que já ledo os olhos vire?
Chorarei eu, e chorarão comigo
Musas, Graças, brandura, e cortesia,
e tudo o mais, que se nos foi comtigo.
Aquella alta esperança, que crescia
cada vez mais do teu divino esprito,
como nos enganou nossa alegria!
Tu alçáras ao longe um alto grito[2]
de gloriosa fama; em toda a parte
se cantára teu nome, e teu escripto.
Aquelle raro ingenho de tanta arte,
tanto estudo, e doutrina, culto, e ornado,
que versos déra a Amor, que canto a Marte!
Aquelle raro engenho tão criado
no vosso seio dos primeiros dias,
por vós, ó Musas, fôra coroado.

Já crescias, nova hera, já crescias,
novo laureiro pera dar coroa
a quem tão justamente te devias;
quem a Mantua fizera igual Lisboa,
quem a corrente de Arno déra ao Téjo,
e a doce frauta, que em Arcadia soa.
Com que doce facundia, e bom despejo[1]
soára a viva voz na verdadeira
doutrina, a que aspirava seu desejo!
Que caminho tão chão, que tal carreira
ias, meu Betancor, ledo correndo,
se a morte não corrêra mais ligeira!
Foi sempre a clara luz resplandecendo
do fogo em ti aceso, alto, e divino,
que tantos bens nos ia promettendo.
Esprito raro, de mil annos dino,
todo de Deus, e de saber composto,
julgaste o meu amor do teu indino?
Levaste-me da vida o doce gosto
que teu tão brando amor de si me dava;
fico eu sem ti, como em deserto posto.
Quanta parte dess'alma tua tomava
esta minh'alma, tanta me falece
da vida, que comtigo me alegrava.
Agora em mágoa minha reverdece
o alegre tempo já tão bem vivido,
que tão doces memorias me offerece.
Quando tão bem cantado, e bem ouvido
era de nós teu verso culto e brando,
digno de ser em toda parte lido,
estavam as brandas Nimphas escuitando
do Mondego então ledo, ora saudoso,

que o seu bom Betancor estão chamando.
Torna, ah! torna, bom sprito, ao amoroso
seio das Nimphas, que te tal criáram,
das suas flores, e agoas, tão mimoso.
Como, cruel? assi em vão te ornáram
dos melhores dões seus? assi te alçaste
ingrato, co'o que em ti enthesoiráram?
Ah! torna (dizem) que inda não levaste
a coroa devida a essas tuas frontes[4].
Assi nossos amores desprezaste?
Quantos valles pisamos, quantos montes[5],
meu Betancor, colhendo hervas, e flores?
Quantos rios bebemos! quantas fontes!
ora cantando a vida dos Pastores,
que tu amavas tanto; ora escrevendo
nos tenros troncos nossos bons amores;
outr'ora um ouvindo, outro dizendo
aquelles sãos conselhos, bons segredos,
com que um'alma, a outra alma estava vendo,
ouvidos só dos Ceos, e dos penedos,
das mansas aves, e das agoas claras,
que nos ambos banhavam, estando quedos.
Quantas verdades, e simprezas claras
guardareis sempre em vós, bosques sombrios!
Ditoso tempo, se me mais duráras!
Em fim ao rio a fonte, ao mar os rios
correm; mas mais ligeiras nossas vidas,
que assi nos pendem de tão fracos fios!
Mas não se dirá nunca que perdidas
foram no Mundo tuas breves horas,
antes em melhor vida convertidas.
Ditoso tu, meu Betancor, que moras

na eterna vida, na luz sempre clara,
onde o summo bem sempre vês, adoras!
Quem fôra tão ditoso, que cortára
comtigo este alto mar, fugindo o pego,
e comtigo batendo azas, voára!
Áh! que duro deserto, e carcer cego
fugiste, alma ditosa, e bem levada
á gloria, que eu chorando, mal te nego.
Antes será de mi sempre cantada
a ditosa hora, que tão levemente
te passou a essa eterna alta morada.
De boca em boca irá, de gente em gente
sempre vivo teu nome. E aquelle dia,
que aos altos Ceos voaste, eternamente
me encherá de saudade, e de alegria.

ELEGIA III

A MAIO

Vem, Maio, de mil hervas, de mil flores
as frontes coroado [1], e riso, e canto,
com Venus, com Cupido, co'os Amores.
Vença o prazer á dor, o riso ao pranto;
vá-se longe d'aqui cuidado duro,
em quanto o lédo mez de Venus canto.
Eis mais alva a menhã, mais claro e puro
do Sol o raio; eis correm mais fermosas
nuvens afugentando o ar grosso, e escuro.
Sae a branda Diana entre as lumiosas
estrellas tal, qual já ao pastor fermoso
veio pagar mil horas saudosas [2].

Mar brando, sereno ar, campo cheiroso.
Foge a tristeza, o prazer solto voa,
o dia mais doirado, e vagaroso.
Tecendo as Graças vão nova coroa
de myrtho á mãe; ao filho mil espritos;
o fogo resplandece, a aljaba soa[3].
Mil versos, e mil vozes, e mil gritos
todos de doce amor, e de brandura,
uns se ouvem, uns nos troncos ficam escriptos.
Ali soberba vem a fermosura;
apoz ella a affeição cega, e cativa;
quanto uma mais chorosa, outra mais dura.
Ah! manda Amor assi; assi quer que viva
contente a triste, do que seu Deus manda;
deseja inda mais dor, pena mais viva.
Mas quanto o moço encruece[4], a mãe abranda,
ella a peçonha, e o fogo lhe tempéra;
assi senhora de mil almas anda.
Ali o engano em seu mal cego espera
um' hora doce; ali o encolhimento
sem causa de si mesmo desespera.
Aos olhos vem atado o pensamento,
não voa a mais que ao que ali tem presente;
e em tanto mal, tudo é contentamento.
Em riso, em festa corre a léda gente,
traz o fermoso fogo, em que sempre arde,
cada um, quanto mais arde, mais contente.
Manda Venus ao Sol menhã e tarde
que seus crespos cabellos loire e estenda,
que em vir se apresse, que em se tornar tarde.
Ao brando Norte, que assopre, e defenda
do ardor da sésta a branda companhia,

em quanto alçam de myrtho fresca tenda.
Corre por toda parte clara, e fria
agoa; cae doce sombra do alto loiro;
canta toda ave canto de alegria.
Ella a neve descobre, e solta o oiro:
banham-na as Graças na mais clara fonte;
aparece d'Amor rico thesoiro.
Caem mil flores da doirada fronte;
arde de Amor o bosque, arde a alta serra;
aos olhos reverdece o campo, e o monte.
Despende Amor seus tiros, nenhum erra;
mil de baixo metal, algum do fino;
fica de seus despojos cheia a terra.
Vencida d'hua mulher, e d'um menino.

ELEGIA V

A PERO D'ANDRADE CAMINHA

EM RESPOSTA D'OUTRA SUA, NA MORTE DE D. MARIA PIMENTEL.

Não tinha visto sol d'aquelle dia [1],
que o meu se me eclipsou, deixando escuro,
quanto d'antes alegre e claro via;
nem meu esprito, que no golpe duro
de todo me cahiu, podia alçar-se;
nem achava á sua dor lugar seguro;
e esta alma desejosa de soltar-se
d'este carcer cruel, que a tem forçada,
tentava por si mesma desatar-se;
assi lhe ficou viva, assi entalhada,
mais que em duro metal, ou em diamante,

aquella de mim nunca assaz chorada;
quando uma nova luz se poz diante
dos meus olhos, qual vem a menhã clara,
rompendo as grossas nuvens de Levante.
Eu digo aquella doce, aquella rara
melodia do teu verso tão brando,
cujo suave som todo ar aclara.
Áquella luz fermosa olhos alçando,
vi novo dia, e sol, que com seu raio
a triste noite me ia afugentando.
E inda provando[2] erguer-me, Andrade, caio;
combate ao fraco esprito a dor antiga:
e como a desafio em campo saio.
Mostraste á alma estrada chã, que siga;
conheço, amigo, minha grã fraqueza,
de todo seu remedio cruel imiga.
Armado tinha o peito de dureza
contra mim mesmo, e contra a poderosa
e commum lei da humana natureza;
aspera sempre, e então mais rigorosa,
quando um amor de duas almas parte,
contra a que fica menos piedosa.
Andrade, que farei? que a melhor parte
de mim perdi! ai! pera sempre triste,
que cobral-a não val já força ou arte!
Aquelle doce fogo, em que me viste
contente arder soberbo do meu fado,
a que já cantos mil alçar me ouviste;
aquelle nó, que docemente atado
me tinha em suave jugo, em prisão léda,
tão cruelmente assi me foi cortado!
Quem de tão alto deu tão triste quéda;

ficando só por seu remedio a morte?
Quem suas justas lagrimas lhe veda?
E qual será um coração tão forte,
antes barbaro, cru, e adamantino,
que golpe tão cruel não quebre ou córte!
E pude eu ver, Marilia, o teu divino
esprito de amor todo, e de brandura,
desemparar teu peito d'elle dino?
E pude eu ver aquella fermosura
dos teus olhos, que os ares serenava,
ficar-me assi ante os olhos céga e escura?
e aquella doce voz, que me encantava
entre rubis formada, e perlas finas,
que os mais furiosos ventos abrandava?
e mil outras, não humanas, mas divinas
graças assi enterradas n'um momento,
que de mil annos pareciam dinas?
Ah! falsos bens! quem crêra que eram vento
tantas verdades, tantos bons amores,
inda de outros maiores fundamento?
Crescei mágoas crueis, e crescei dores;
quebrae o vagaroso, e triste fio,
que alonga a cruel Parca em seus lavores.
Levou-me a dôr, Andrade; mas confio
que perdoarás á força do costume,
mais poderosa, quando a contrario.
Vi com tua claridade novo lume;
abrio-se-me o Ceo todo, e ali vi escripto
quanto teu douto verso me resume.
Alcei os olhos co'um piedoso grito;
« Pequei (disse); senhor! usai piedade!
« e desça novo esforço ao fraco esprito.

« Vença a razão a tão cega vontade;
« levante um alto muro de paciencia;
« deixe já as sombras vãs pela verdade. »
O que o tempo obra ao longe, obre a prudencia
com cedo; (assi me dizes) nisso posto
faço já á minha dor mais resistencia.
Enxugo os olhos, contrafaço o rosto,
o fogo porém dentro lavra, e arde.
Este é da minha vida o só meu gosto.
Foge-me a morte; mas por mais que tarde,
esta alma em sua prisão sua hora espera,
que, pois não veio então, já me vem tarde.
Quem me aquella ditosa estrella déra
dos teus tão santos paes, que ambos um'hora
juntou nos Ceos em mór amor do que era!
Quem se já visse onde Marilia mora,
lá nos Ceos mais amiga, e mais fermosa!
Que outra coisa suspira est'alma, ou chora?
Inda a vejo de mim lá saudosa;
o caminho me mostra; a mão me estende;
toda risonha, e toda graciosa.
E o raio aparta, que me a vista offende
d'aquella claridade empyria e nova,
que olho mortal não vê cá, nem comprende.

« São (me diz) santas obras certa próva
« d'alma, que este lugar alto deseja.
« Deixa lagrimas vãs; a alma renova.
« Se me amas, amigo, o amor seja
« conservares lá bem tua vida pura,
« té que o Senhor te chame, e eu cá te veja.
« Aquella, que chamavas fermosura,

« foi sombra vã, tornou-se (o que era) em terra.
« Outros mais altos bens de cá procura;
« aos falsos bens do mundo os olhos cerra. »

ELEGIA VI

A AFFONSO D'ALBUQUERQUE

EM LOUVOR DOS COMMENTARIOS, QUE COMPOZ DOS GRANDES FEITOS DE SEU PAE.

Affonso d'Albuquerque, por ti escripto
teu clarissimo pae vive, e florece,
de quem co'o nome herdaste ess'alto esprito.
E o teu branco carvalho reverdece[1]
de mais fermosas folhas, novas flores,
de que inda seu real[2] tronco se guarnece.
Fizeste teus, os seus claros louvores,
dando-lhe eterno assento entre a memoria
dos grandes capitães, e Imperadores.
E renovaste n'elle a antiga historia
do grande Macedonio, que parece
mostrar inveja d'esta nova gloria,
com quanto já de longe resplandece
seu raio, e a tua nua e chã pintura
nova aos olhos do mundo se offerece.
Vestida de sua propria fermosura,
não de outras cores vans e lisongeiras,
aparece a verdade clara, e pura.
Testemunhas serão as Reaes bandeiras,
que vencedoras vio o sol oriente[3]
lá nas praias do mar mais derradeiras[4].
De Persia e Arabia a tributaria gente

víram[5] de seu despojo a praias cheias,
e do barbaro sangue a grã corrente.
Turváram o Nilo, o Gange, o Hydaspe as veias,
vendo altas fortalezas levantadas,
e o vencedor pendão entre as ameias.
De Méca as portas té então cerradas
tremêram ver-se, não sómente abertas,
mas do grande Albuquerque conquistadas.
Quantas ilhas, e terras descobertas
foram por elle ao mundo? quantas minas
de oiro té li a todos encobertas?
Quem mais gloriosas fez as Reaes Quinas?
Quem o portuguez nome mais famoso
com mais victorias de triumpho dinas?
Ousado capitão, e venturoso,
se a morte não cortára teus intentos,
que fruito inda nos déras tão fermoso!
A ti se devem os altos fundamentos
do Oriental Imperio, que inda dura
firme entre tanto mar, e tantos ventos.
Não pode a inveja a clara fermosura
escurecer da tua viva fama,
por mais que contra ti se armasse dura.
Rompeu o raio da tua alta chamma
as vãs nevoas; venceste, e vê-se agora
o teu tão alto esprito, que o mundo ama.
Inda hoje Roma, inda hoje Grecia chora
dos seus bons capitães premios escuros :
e mortos os suspira, honra, e adora.
Quantos trophéos alçados, quantos muros
rotos a suas victorias se trocáram
despois a muitos em desterros duros!

Nunca igualmente se galardoáram
em vida os altos feitos; só na morte
seu verdadeiro premio e honra achâram.
Louvou-se, agora espanta o peito forte
do teu illustre pae, a alta paciencia,
que em tudo lhe deu tão ditosa sorte!
Espanta a ousadia com a prudencia,
que juntas n'elle igualmente venciam,
a constancia, a justiça, a continencia.
Desprezando as vãs vozes, que impediam
o nosso bem, tudo venceu soffrendo;
que premios a este Fabio se deviam?
Quanto suou, quanto soffreu vivendo,
tu lh' pagaste agora, filho dino
de tal pae, que immortal foste fazendo.
Não fallo no alto premio, que ao divino
esprito seu nos Ceos lhe será dado,
de que por obras não parece indino.
Fallo na terra, em que nenhum estado,
nenhum titulo illustre igual seria
á honra de o ter tão bem ganhado.
Toda piedade e amor, que se devia[6]
de tal filho a tal pae, tens bem cumprido,
tornando-lhe a sua noite em claro dia.
Não está toda honra no sepulchro erguido.
Mausoléos aos mortos não dão vida,
que em fim tudo por tempo é consumido.
Mais é vencer o tempo, e ter erguida
hua viva estatua contra a morte, e d'ella
triumphar. D'ambos já fica vencida,
d'ambos direi ditosa a clara estrella.

NOTAS DAS ELEGIAS

ELEGIA I.

[1] V. 1 a 3. É difficil de entender este terceto. É escura hoje aquella expressão *pôr meio a lagrimas*. Lembra-nos uma phrase de Sá de Miranda nos Estrangeiros (Scena I do Acto II) : *No meio dos desejos não acho cabo; no cabo não acho meios.*

O que nos parece é que *meio* está ahi no sentido de *moderação, allivio.*

Ter meio com alguma coisa é de Jorge Ferreira; Moraes interpreta-o *guardar moderação, prudenciar, mesurar-se, ter soffrimento.*

O terceto seguinte corrobora a nossa opinião; o autor deseja *alliviar* as maguas de Francisco de Sá, mas entende que seria cruel quem tentasse *pôr fim* ás suas lagrimas.

[2] V. 12. Ha ahi uma curiosa construcção, do genero d'essas a que hoje chamamos *brazileirismos.*

[3] V. 27. *Lanças.* Morreu inteiramente essa accepção do verbo *lançar,* que tem tantas e tão translatas significações.

Aqui entra como *te deitas, te recolhes ao leito.* É parente este significado do outro que tem a mesma palavra, e que Moraes cita : *enterrar, recolher na campa.* Foi *lançada* com El-Rei seu marido.

[4] V. 29. Tu mesmo a ti te trazes bem assi.

Não é *te trazes bem;* é *bem assim.*

[5] V. 61. E seguintes. — Allude Ferreira ao muito carinho, á constante diligencia que Francisco de Sá empregava na educação de um tão esperançoso menino.

Esta elegia é o panegyrico dos dois : o Principe, e o seu aio.

[6] V. 89. E seguintes. — Que lindissimo quadro! O amor do povo pelo principe herdeiro da Monarchia, e a docilidade d'esse principe aos carinhosos conselhos do seu mentor.

[7] V. 117. *Estê*, forma antiga de *esteja*.

Ha varios exemplos em Ferreira; este por exemplo :

E Magallio de inveja estê morrendo.

Este verso deve a sua energia á concisão do *estê*. É para notar tambem a abundancia da vogal *e*, que por sua meia côr, e por sua surdez, tão bem caracterisa a inveja.

[8] V. 136. Allude-se n'esse e nos antecedentes tercetos ao filho do Principe D. João, e já pelo seu nome, o que prova que esta elegia foi escripta depois do seu nascimento, e talvez do seu baptisado.

É notavel o dom prophetico do poeta. Adivinhou o espirito bellicoso do infeliz Rei D. Sebastião.

[9] V. 140. Accentuámos a palavra Nestor na primeira syllaba, por se nos figurar que esse latinismo de pronuncia (unico salvador d'esse erradissimo verso) seria bem aceito ao leitor, e provavelmente ao autor, se elle podesse ressuscitar.

[10] V. 140. Ha do verso antecedente pára esse uma ellipse. Subentende-se *o principe*, ou *o mancebo*, ou *o homem*, a quem tu serás, etc. O segundo *quem* é (quanto a nós) errado grammaticalmente. Um *que* emendaria tudo, ainda que o sentido ficava confuso.

ELEGIA II.

[1] V. 8. É para hoje formosa novidade aquella accepção transitiva do verbo *suspirar*. A analogia desculpa essa audacia. Dizemos *chorar alguem;* era justo que com igual concisão dissessemos *suspirar alguem*. Todos ou quasi todos os quinhentistas empregaram n'esse sentido o *suspirar*. Diremos de passagem que não concordamos com Moraes que dá como exemplo do *suspirar* n'esta accepção *a ti suspiramos gemendo e chorando;* ahi parece-nos antes : *suspiramos para ti*, do que *suspiramos-te*. Vide o que dissemos acerca da preposição *a* no principio da introducção de Ferreira *aos bons engenhos*.

[2] V. 19. E seguintes. — Por toda essa elegia se nos deparam as provas do muito que no conceito do nosso poeta valia o seu amigo Diogo de Betancor, ou Bettencourt, como hoje escreveriamos. Não se podè dizer mais de um homem.

.. .. Em toda a parte
se cantára teu nome e teu escripto.

[3] V. 34. E seguintes. — Vê-se que Diogo de Betancor pertencia à escola de Miranda e Ferreira. Aquelle *verdadeira doutrina* na bocca do nosso Horacio o está confirmando.

[4] V. 68. Parece-nos erroneo esse emprego da palavra *fronte*. Bifronte só Jano. Será confusão com *fontes*. *Fontes* é usado por Pero de Andrade.

[5] V. 70. Que formosura n'essas recordações das palestras, e dos passeios dos dois amigos!

ELEGIA III.

[1] V. 1 e 2. Essa construcção, que não é portugueza, é um latinismo, ou antes um hellenismo. Ha uma ellipse de um *circa* no latim.

[2] V. 10 a 12. Allude aos amores de Diana com Endimião.

[3] V. 18. *A aljaba sôa* porque as settas com o movimento se entrebatem.

[4] V. 28. *Encruecer;* tornar-se cruel; verbo neutro, hoje perdido.

ELEGIA V.

Quando falleceu D. Maria Pimentel, mulher de Antonio Ferreira, ao pobre viuvo dedicou Andrade Caminha a sua formosa e sentidissima Elegia III. Esta Elegia V do nosso poeta é a resposta que lhe elle deu; resposta cheia de melancolia e de amargura, resposta onde o seu admiravel coração nos apparece, resposta que é ainda hoje um modelo, e merece decorada por todos.

[1] V. 1. Significa esse verso, de si escuro, que *desde aquelle dia* em que elle enviuvou, nunca mais o poeta tinha visto o sol.

[2] V. 22. *Provando*, tentando.

ELEGIA VI.

Acerca d'esta Elegia fallámos n'um dos capitulos do Livro I d'esta obra.

[1] V. 4. Não percebemos o que significa esse *branco carvalho*. É uma allegoria muito falsa.

[2] V. 6. *Real.* A extirpe dos Albuquerques é regia, por El-Rei D. Diniz.

[3] V. 20. *Oriente* ahi é adjectivo; perdeu-se; ficou porém o *poente*.

[4] V. 21. *Mais derradeiras* é expressão pouco exacta.

[5] V. 22 e 23. *A tributaria gente viram*, etc.
E muito commum essa forma : um agente no singular (quando é palavra collectiva) reger verbo no plural. Parece-nos porém que (afora um ou outro caso, em que só o gosto poderá decidir) é uma incorrecção pouco para seguir-se.
In Africa major pars ferarum, inopia imbrium, non bibunt. — disse Plinio velho.

[6] V. 76. Toda piedade e amor que se devia
de tal filho a tal pae.....

Essa construcção é viciosa. Elle queria dizer : *cumpriste como filho toda a piedade e todo o amor que devias a teu pae.*

EGLOGAS

ADVERTENCIA ÁS EGLOGAS

Nas Eglogas é que o poeta se entrega de todo a Virgilio, e ahi o reproduz com delicias em muitos passos.

São as Eglogas, quanto a nós, das obras mais pittorescas e agradaveis do autor, ainda que não isentas de conceitinhos alambicados, que são em toda a parte o escolho do genero. As bucolicas do pincel de Watteau e Boucher são muita vez conceitos.

Seguindo a Sá de Miranda na intenção, excedeu-o Antonio Ferreira na forma e na variedade do colorido.

Será o portuguez apto para a Egloga pastoril? e porque não? que lingua mais doce, mais ingenua do que a nossa? mais opulenta de termos propriamente ruraes, que ao mesmo tempo não desdizem da gravidade poetica? que linguagem mais sonora para os descantes bucolicos, para as querellas de pegureiros, para os arrulhos de pastoras?

Por isso os nossos bucolicos em geral se leem ainda hoje com prazer; ha toques de muita verdade no meio dos artificios proprios do genero. A vida nativa das serras e cabanas apparece com os seus desataviados encantos, entre as louçainhas da poesia.

Foi demasiado severo, nos parece, o juizo de Manuel de Faria e Sousa quanto á *perdurable dureza y poca dicha en pensamientos y afectos* das Eglogas de Ferreira.

Costa e Silva, mais indulgente sem duvida, e n'este caso melhor juiz, lhes chama as melhores portuguezas depois das de Camões; e já Manuel Severim de Faria as achara mui *suaves*.

N'esta divergencia de opiniões, inclinámo-nos aos que viram nas obras bucolicas do nosso poeta muito affecto, a possivel correcção, e uma certa doçura melancolica e encantadora, que se vê ter sido um dos caracteristicos da sua indole.

Tinham alguns por grave attentado de lesa Musa virgiliana o exceder de dez o numero das eglogas. Ferreira não participou da superstição, e escreveu XII, bem que a ultima pareça ter sido, na intenção primeira do autor, a XI. Lá se nos depara logo no principio a invocação a comproval-o:

> Este ultimo favor só me concede,
> rustica Musa...... etc.

Nas Eglogas que não inscrimos nos excerptos muitas recordações virgilianas se podiam apontar. Aqui vão algumas ao acaso.

O principio da Egloga v

Porque, já que aqui ambos nos juntámos,
meu Vincio, ao pé d'est' arvore sombria,
dos nossos bons amores não cantamos?

é o principio da Egloga v de Virgilio :

Cur non, Mopse, boni quoniam convenimus ambo,
Tu calamos inflare leves, ego dicere versus,
Hic corylis mixtas inter considimus ulmos?

Na Egloga VIII este terceto

Ah! duro! é na montanha alta seguida
do leão a que o foge; é do carneiro
no campo a ovelha; e eu sou de ti fugida!

é visivel paralello do

Torva leœna lupum sequitur; lupus ipse capellam

da Egloga II.

Na Egloga X

Arde o mundo, a cigarra só responde

lembra por longe o

Sole sub ardenti resonant arbusta cicadis

da Egloga II.

Na mesma Egloga X tem Ferreira uma oitava á cigarra, que lembra a Ode XLIII de Anacreonte; eil-a :

Tu passas, ó cigarra, a sésta ardente
cantando á sombra d'essas verdes ramas, etc.

EGLOGAS

EGLOGA I

ARCHIGAMIA

AO CASAMENTO DO PRINCIPE D. JOÃO

CASTILIO. — SERRANO.

Notempo, que o cruel e furioso
imigo dos pastores e dos gados,
da terra, e das sementes, bellicoso
Marte, segundo contam, por peccados
do mundo, contra o mundo tão iroso
desceu, que té os lugares mais sagrados
assi com ferro, e fogo commetteu,
que tudo de ira, cinza, e sangue encheu[1];
nas derradeiras partes do Occidente,
onde o sol de cansado se refaz
de nova luz, pera a tornar á gente
d'onde se parte, que ás escuras jaz,
e pola que ali deixa, outra excellente
leva, e muito mais clara da que traz,

o pacifico João, e piedoso[2]
reinava então no mundo glorioso.
Eu digo aquelle Rei de grandes Reis,
que desdo Téjo muito álem do Nilo
com suas armas obrigou, e leis,
tomál-o todos por seu Rei, e servil-o;
filho d'aquelle, que no mar vereis
em baleia sentado, ou crocodilo
em lugar de Neptuno, e seu tridente
na mão, como seu Rei, e de sua gente.
Foi este Rei dos Ceos á terra dado
para remedio da que se perdia
paz já no mundo; nunca tão cerrado
esteve Jano, que d'antes sohia
abrir-se a cada passo, no passado
tempo, que em ira, e odio todo ardia.
Assi presa em cadeias teve a guerra,
que só paz reinou sempre em sua terra.
Cantavam os pastores descansados
pelos valles e campos, tão seguros
de si, e de seus rebanhos descuidados,
como quem não temia os máos e duros
imigos, de que fossem salteados.
Suas choupanas eram fortes muros.
Seus versos e cantigas, todas eram
louvar o seu bom Rei, que os Ceos lhes déram.
Crescia a grossa espiga, e se segava,
despois que já quebrava de madura,
d'aquella mesma mão, que a semeava;
pascia o gado gordo da verdura
da serra, que roida se queimava
para lhe renovar sua pastura[3];

as aguas claras tão livres corriam,
quão livres caminhantes as bebiam.
O claro Téjo, Doiro, Minho, Odiana
o mar seguramente vão buscando.
Não os seca o imigo, não os dana;
lédos vão docemente murmurando;
o som dos quaes tambem segue Diana,
que ao longo, com suas Nimphas vai caçando.
Sohia ali fazel-o, mas agora
em outra parte já com Pallas mora[4].
Em outra melhor parte, que parece[5]
que mais que as outras todas lhes convinha;
onde o claro Mondego, quando cresce,
inveja faz ao mar; onde a Rainha
seu templo sacrosanto, que hi parece[6],
com seus milagres honra; onde se vinha
tomar antigamente a alta coroa,
d'aquelle que daqui tomou Lisboa;
aqui Pallas e Phebo se sentáram.
E escolhendo na terra seus assentos
os mais doces e frescos, começáram
aos homens levantar os pensamentos
a coisas, que té li nunca cuidáram,
cegos só de seus cegos movimentos;
os Ceos, e as estrellas, que não viam,
já agora as sabem ver, d'antes as criam.
Mas Venus, que tambem d'antigamente
tinha tomado posse d'essa terra,
(que inda hoje se vê n'ella o innocente[7]
sangue da branda Nimpha, odio, e guerra
do pae co'o filho) triste, e descontente
temendo as móres Deusas, a uma Serra

se foi co'o seu menino, e ali esperou
té que uma, e outra Deusa a visitou.
« Não é nossa tenção tomar-te o teu [8],
(lhe diz Diana) » nem Minerva vem
« pera isso; mas se queres tu, e eu
« com ella aqui vivamos; não convêm
« que uma queira roubar á outra o seu;
« quanto cada uma de nós todas tem
« juntemol-o aqui n'esta tua Serra,
« d'aqui só mandaremos toda a terra.
« E Phebo com seu canto ajudará
« amar-nos mais a gente, e mais temer-nos.
« Com sua doce lira forçará [9]
« os tigres, e liões obedecer-nos.
« Té que aquella JOANNA [10], que virá,
« nos force irmol-a ver, em vez de ver-nos.
« Iremos mais seguras, mais honradas,
« todas tres indo juntas, que apartadas.
« Não póde já tardar, teu filho o sabe,
« que nunca a deixa; nunca mór façanha
« fez, que feril-a; razão é que acabe
« de mostrar um tamanho bem á Hespanha.
« A todo mundo, ao mundo todo cabe
« parte; não é sómente ella, e Alemanha;
« o grande Oceano o diga, diga o Nilo,
« não podem Eufrates, Gange, e Indo encubril-o.
« Pera vodas tão grandes bem parece
« que, Venus, já daqui nos percebamos;
« um tão alto Himenêo não merece
« que da maneira d'outros a elle vamos.
« Já Phebo se exercita, já guarnece
« a curva lira, á qual sempre cantamos;

« irão as nossas Nimphas, vão as tuas
« cantando ao som da lira as graças suas. »
Todas d'esta maneira concertadas
vão-se logo as tres Deusas polas mãos,
a qual mais alva, e loira, assi travadas
com seus rostos alegres, peitos saõs.
Mui differentes d'aquellas passadas
iras nascidas de appetites vãos.
Por onde quer que passam, vão caindo
mil flores de que o chão se vai cobrindo.
Aquella fonte antiga, que um serrano
fez de lagrimas suas (que antes era
um grã penedo duro) Lusitano
pastor, que n'uma serra se perdêra;
(segundo contam) fez-lhe tal engano
amor, que n'esta fonte o convertêra;
o corpo em agua ali ficou desfeito;
do esprito não se sabe bem que é feito.
A agua d'esta fonte vai chorando.
A quem deixa esquecer o esprito n'ella
parece que por Lesbia vai chamando.
A quantos acontece ir ter com ella
não sei de que se ali vão namorando;
não sei que se lhes nasce só de vel-a.
Os olhos postos n'agua, aos pensamentos
vem logo uns amorosos movimentos.
As hervas ali mais que em outra parte
parece que enverdecem; ali mais cores
parece a Natureza que reparte
pelas frescas boninas, pelas flores.
Ali nunca parece que se farte
de chorar Philomela os crueis amores.

Ali juntas as Deusas se sentáram,
e a tudo nova graça acrescentáram.
Pondo seus ricos arcos e vestidos,
aquelles brancos corpos nûs mostráram,
ao Troiano París já despidos.
Os seus cabellos soltos espiráram
um odor, que a nenhuns mortaes sentidos
nunca chegou, e assi na fonte entráram,
que é d'então pera cá d'ellas morada,
mas d'uma só, das outras emprestada.
Como a sagrada fonte, ali cada hora
os pastores vão ter; este suspira,
este tange, outro canta, o outro chóra;
todos ali Amor leva, e Amor inspira.
Ali doce brandura d'almas mora,
que todo pensamento baixo tira.
Doces são os queixumes, doce a dor,
doce agua, doce fogo, e doce amor[11].
Serrano aconteceu, que todo um dia
se achou ali, como elle costumava;
o pranto, qu'então fez, derreteria
de pedra um coração; bem se enxergava
na terra, que ao redor humedecia
das aguas, que dos seus olhos lançava.
Quando o amigo Castilio ali chegou,
e vendo-o tal, com mágoa assi fallou.

CASTILIO.

Amor cruel! que já nunca te fartas
de nossa morte, dize porque assi
um triste coração de um corpo apartas?
Este corpo, que tens lançado[12] ahi,
menos te ha de servir morto que vivo :

dá-lhe alma, e vida ao menos para ti.
Mas ah! que digo eu triste? tambem sirvo
a quem taes pagas dá; tambem m'as dão;
ai! dôe-se de um cativo, outro cativo.
Serrano amigo, tu não ves o chão
onde estás, que de seco, que antes era,
tão humido tens feito? dá cá a mão.
Levanta-te; levanta-te; quizera
que te víra tua Lesbia qual estás,
a ver se a morte, ou sua mão te dera.

SERRANO.

Ai! ai! Castilio amigo, ai!

CASTILIO.

Que has?

SERRANO.

Não sei. Parece como que te trazem
de dentro d'esta fonte[13].

CASTILIO.

Onde te vas?

SERRANO.

Mas eu estava sonhando.

CASTILIO.

Olhae que fazem,
estes doidos amores; eu diria
que alguns encantamentos n'elles jazem.

SERRANO.

Não sei que ora isto foi, que bem te ouvia:
mas não saberei dar fé de palavra;
em outro mundo estava, outro Ceo via.
Que meio me darás pera que eu abra
este meu peito, e lance d'elle fóra
esta peçonha, que assi n'elle lavra?

Ves-me aqui vivo, e são : daqui a um'hora
não sei se me verás; vai-se-me a vida
em fogo, em vento, em agua, que alma chora.
A memoria de mim trago perdida.
Muitas vezes me busco, não me vejo.
Minh'alma de mim mesmo anda fugida.
Ora aborreço o campo, ora o desejo;
a frauta, que me alegra, me entristece;
eu a mim mesmo ás vezes me sou pejo.
Vês tu essa herva como reverdece
co'o orvalho fresco, e quanto mais á fonte
se chega, tanto mais verde parece?
Vês o rio, que vai de monte a monte
carregado de roubos, e queixumes,
que ora ameaça, ora não sofre a ponte?
Vês agora n'aldeia bons costumes?
uns rostos brandos, riso, e bom amor
fora de más sospeitas de ciumes?
Verás d'aqui a pouco vir o ardor
do sol, queimar as hervas, e secar-se
o rio, o campo, a herva, a folha, a flor.
Verás na nossa aldeia vir mudar-se
aquella livre, aquella boa soltura
de vida, em um de outro não fiar-se[15].
Que poderás já ver, que tenha dura?
Muda-se o tempo, e o Ceo. O gado ora anda
morrendo-te de fome, ora em fartura.
A que dizes ora isso? me demanda;
digo, Castilio, que eu só vivo firme
em minha dura estrella, que me manda.
Que já cuidei d'aqui por vezes ir-me[16];
em o cuidar sómente me tornava.

Morria já, sem me partir, por vir-me.
O corpo como iria, onde ficava
presa, e cativa est'alma já de tanto?
Ria-me então de como me enganava.
Esta fonte ouviu hoje aqui meu pranto :
e como se o sentisse, parecia
que ajudava entoar tão triste canto.
Ora fazia pausa, ora corria
com murmurio ora grave, e ora agudo;
disseras que algum sprito ali havia.
Em fim cansei. Estive um espaço mudo.
Tornei a cometter ir mais avante;
não pude; antes perdi o tento a tudo.

CASTILIO.

Agora creio que nada ha, que espante
a quem muito ouve, ou vê. Já ouvi dizer
de uma ave, que não morre, sem que cante;
de outra tambem, que quando quer morrer
ajunta os páos, com as azas fere o fogo,
queima-se ali, e dali torna a nascer.
Tomava eu isto, quando o ouvia logo
por fabula, e por graça; senão quando
eu mesmo um dia vim cahir no jogo.
Este meu fogo (dizia eu) em que ando,
quem m'o faz ora? eu mesmo quem me inflama?
Eu; eu o atiço, eu me vou queimando.
Dos olhos de Crinaura nasce a chamma,
em que eu ardendo estou nas prisões d'oiro,
que Amor cabellos falsamente chama.
Nunca já de mim foi o bravo toiro
apartado das vacas tão temido
em campo raso sem carvalho, ou loiro[17];

nunca o espantoso lobo perseguido
dos importunos cães, o porco fero,
que escumando vem sangue embravecido [18],
como me é seu rosto; ás vezes quero
esperal-o, não posso; logo caio.
Ali então da vida desespero.
Vejo tornar cad'anno o alegre Maio
vestido de mil flores de alegria;
uns se alegram de o ver, mas eu desmaio.
Leva-me a morte logo á fonte fria;
ali em meu canto triste me desfaço,
que inveja áquella triste ave faria.
Mas não sei como dahi a pouco nasço
de novo tal, que eu mesmo me pergunto:
quem sou? que busco, ou quero aqui? que faço?
Ditoso aquelle, a que algum'hora junto
veio todo seu mal, e já acabou;
mas eu nem vivo sou, nem sou defunto.

SERRANO.

E nunca ouviste tu, que o mar gerou
de Amor a cruel mãe? porque te espantas,
se a cruel condição do mar tomou?
Quando tu na bonança alegre cantas
(se algum'hora a tiveste) eis vem as ondas
mais altas do que tu; tua voz levantas.
Vai ora então buscar onde te escondas
d'aquella furiosa tempestade;
nem com quem falles ha, nem a quem respondas.

CASTILIO.

Quando de dentro d'agua, ó crueldade!
nasceu o fogo, que nos vai queimando,
que remedio esperamos? que piedade?

Mas conta-me o teu sonho; assi enganando
a dor d'esta cruel chamma estaremos,
o pensamento ao duro Amor furtando.

SERRANO.

Pera mór nosso mal lh'o furtaremos,
porque acode despois tão furioso,
que quer que todo tempo lhe paguemos.
Mas este sonho, amigo, milagroso
dirás que é. Parecia que no centro
d'essa fonte lá dentro me levavam;
como que m'enganavam; mas diziam
duas Nimphas, que me iam companhando:
« Serrano, não chorando, mas contente,
« e rindo has-de ir á gente, que te chama,
« pera dares cá fama do que vires.
« De em tanto prazer rires não tens culpa,
« que o tempo te desculpa. » Eu me calava,
porque assi me espantava do que via,
que quasi o não cria. Ao pé do monte
debaixo d'esta fonte solapado,
não sei como levado fui das duas
Nimphas, que pelas suas mãos me tinham;
ellas sós me sostinham, e me guiáram
até que me deixáram onde estendendo
minha vista, tremendo, a todas partes,
vi coisas d'outras artes, e maneiras
tão novas, e estrangeiras, como era
estar a Primavera ali metida
assi como escondida. Tal verdura
em campo, nem pintura não parece,
qual dentro ali florece. Um campo chão
morada do Verão, das mais fermosas

hervas, e mais cheirosas flores cheio
se faz ali; e no meio está esta fonte
cercada do alto monte, que ao redor
parece muito mór do que cá agora
a vista vê por fóra. Ali nascia
esta agua n'uma pia de cristal
lavrada de um metal mais fino que oiro,
de palma, myrtho, e loiro rodeada,
e uma ave namorada em cada ramo[19],
(eu sonho a isto não chamo) assi cantavam
que todo ar serenavam. Ao doce canto
floreciam entre tanto novas flores
pintadas de mil cores; e uns espritos,
amorosos espritos! que inspiravam
por todo ar, que voavam[20], doce amor.
Ali gado, ou pastor nunca chegára,
que logo se enxergára nas pégadas[21].
Nunca foram pisadas, nem colhidas
aquellas bem nascidas hervas, plantas
de differenças tantas; nem geada,
nem do sol tinha entrada ali o raio.
Perpetuo Abril, e Maio pareciam
que sempre ali viviam. Uma d'aquellas
ou Nimphas, ou donzellas, « Vê, pastor,
(dizia) « sem temor o que quizeres,
« que aqui só ha mulheres; não receies;
« ri, folga, não pranteies, como fazes;
« aqui Amor, e pazes, e prazeres
« vivem; vês os tangeres, que lá soam
« quão docemente toam? Nimphas são
« das Deusas, que aqui estão, Pallas, Diana,
« e Venus, que a Joanna, que já vem,

« fazem festa. Porém tu estás cansado:
« d'aqui lédo, e deitado ouvirás tudo. »
Ficava eu como mudo. Ella então se ia
áquella companhia, que chegava
á fonte, onde eu estava. Vinham todas
como a celebrar vodas, com capellas
de myrtho as Nimphas bellas, porém mais
as tres Deusas sós tais, que quem as víra,
nos rostos presumíra que ellas eram.
A mim porém me déram sobresalto,
que do juizo falto assi á primeira
no rosto, e na maneira Venus tive
por Lesbia; mas retive-me, e entre tanto
co'o doce som, e co'o canto se sentáram
todas, como chegáram ao redor d'agoa.
Que dor, que mal, que mágoa sentiria,
quem visse que tangia n'um psalteiro
Minerva, e co'um pandeiro concertava,
que ora Venus tocava, ora acudia
com sua voz? Corria a fonte clara,
em que a Deusa inspirára ao mesmo ponto,
tão certa no seu conto, que já mais
deixáram de ir iguaes. Então aquellas
Nimphas loiras e bellas começáram,
(que as Deusas lh'o mandáram) um novo canto,
de que eu de puro espanto arrebatado
fiquei como encantado. E só me achava
lá onde o Téjo lava a grã cidade,
que em toda a Christandade espanta, e soa;
eu digo a alta Lisboa, do Occidente
rainha, e do Oriente; e parecia
que entrar no mar o via, e o mar batendo

co'as ondas, que encolhendo ora se vão,
ora tornando, dão n'aquella praia,
sem que nunca se saia já de um certo
ponto. Cheguei-me perto; mas não sei
como de agua me achei em um momento
cercado, quando attento, fiquei tal,
que co'o rosto mortal torno fugindo
atrás, e inda seguindo as ondas me iam;
não sei que me queriam; então tornavam
recolher-se, e deixavam descoberto
quanto tinham coberto. Amanheceu,
claro o sol pareceu, e d'outra cor,
de novo resplandor e claridade,
em que uma divindade conhecêras,
se teus olhos poséras n'elle fitos,
d'alguns santos espritos, que o moviam,
e ao Téjo o traziam a se banhar,
de que o Téjo, e grã mar ficavam taes,
tão claros, tão iguaes, que não se viam
as que d'antes se erguiam, ondas bravas.
Pera onde quer que olhavas, prata vias;
taes as aguas dirias. Eis que sae
d'agua, e soberbo vai em todo estado
o grã Téjo doirado, em cristallino
carro d'oiro mais fino guarnecido.
De neve seu vestido era, e a partes
pedras de novas artes reluziam
tanto, que os que as viam, assi cegavam,
que não determinavam bem o que era.
No carro um' alta esphera se mostrava [22].
Na mão Téjo levava o grã Tridente,
que de lá do Oriente lhe mandou,

quando se sogeitou, Neptuno a elle.
Vinham derredor d'elle alguns Tritões,
que com seus ricos dões sempre o vêm ver.
Seu rosto, e parecer logo mostrava
que este era o que mandava o grande mar.
Ali se vem juntar a alta Rainha
Thetis, que tambem vinha á Real festa;
como uma dona honesta, antiga, e grave,
vinha entregar a chave do thesoiro
das ricas perlas, e oiro do Oriente
á clara, e excellente, e alta Joanna,
que como uma Diana reluzia,
com sua companhia álem do Téjo[23].
Cega-me a luz, que vejo. Eis aparece
Joanna; o Ceo esclarece; viras ir
o Téjo a mais partir[24], mas mansamente
com Thetis obediente a presentar-se
áquella, que chamar-se já começa
do grande mar cabeça, a cujo lado
vinha o tão nomeado Duque eleito[25]
com razão a tal feito alto João,
de cuja fé, e mão de Carlo a filha
do mundo maravilha se fiava;
e assi authorizava a magestade
real, e a gravidade do alto officio,
que a quem o via indicio dava claro
de ser no mundo raro seu esprito,
ao qual nenhum escripto igual seria;
neto bem parecia do Rei santo[26],
do mundo amor e espanto, João segundo,
do grã Mestre, que o mundo saudoso
deixou de si, ditoso filho, e dino.

Eis já no cristallino carro entrava [27]
o grã Rei, e passava da outra parte,
de que Vulcano, e Marte sinaes davam [28],
co'os fogos que tiravam temerosos,
mas então deleitosos. Téjo, viste,
ó Téjo, em ti, e sentiste, o teu grã Rei,
por cuja regra e lei vives, triumphas,
e tiras ricas trumphas, e coroas
a Reis por onde soas com grã medo.
O mar quieto, e quedo n'um momento,
mostrando acatamento a seu senhor,
com toda honra, e amor o recolhia.
Elle, d'alta alegria o peito cheio,
d'alma lá bem no meio agazalhava
a filha, que lhe dava o valeroso
Duque tão glorioso. Logo o Téjo,
(inda cuido que o vejo) ás Nimphas manda
que em voz suave e branda derramando
mil flores, vão cantando a grã Joanna,
mais divina, que humana. Parecia
que a terra e o Ceo se ria, o sol doirava;
e seus raios mostrava de luz pura.
A voz, e a fermosura amansando iam
das Nimphas a agua [29], viam os que olhavam
o oiro que mostravam lá nas veias
das doiradas areias.

CASTILIO.

Dise, amigo,
assi nunca em perigo vêr te queira
tua Lesbia, que maneira, que arte tinha
esse canto?

SERRANO.

Convinha que eu tivesse,
ou que Apollo me désse um tal esprito,
para que fosse dito com tal graça,
que n'elle não desfaça. Ora cantavam
umas, ora ajudavam, e respondiam
outras. Se bem me lembra assi diziam:
vem, claro Phebo, a tão ditoso dia
dar nova luz das outras differente;
vem, claro Phebo, co'o resplandecente
raio teu aquentar a terra fria.
Vem dar sinal, ó Phebo, da alegria,
que o Ceo tem de tão santo ajuntamento,
mil annos, mil, e cento
vivam em paz João, com sua Joanna;
assi seja, e será; assi o quer Diana.
Já vem aquella luz tão desejada
dar nova luz á terra, gloria, e honra;
já vem aquella Nimpha, de quem se honra
até a praia do mar mais apartada.
Já vem Joanna tal, qual foi julgada
no monte d'Ida Venus do Pastor,
pagar aquelle amor,
de que arde quem a espera; venha, venha;
não chuva, vento, mar, nada a detenha.
Não vedes como logo conformáram
nos rostos, e nos nomes, nos amores?
Não vedes como em tão iguaes ardores
de tão longe um polo outro se inflamáram?
Não vedes como os Ceos logo os criáram
um para outro? Uma só estrella, um fado
a ambos está guardado.

Já vem Joanna. Torna a idade d'oiro.
N'estes ambos tens, mundo, teu thesoiro.
Qual no cerrado horto é a branca rosa,
que nunca foi cheirada, nem colhida,
e qual a branca neve, que subida
na serra está tão alva, e tão fermosa,
tal vem Joanna, tal vem que invejosa
lhe póde ser com suas Nimphas bellas,
quando no meio d'ellas
Diana sae; Diana assi o confessa.
Depressa vem, mas venha mais depressa.
Por onde quer que vem, se ri a terra.
Por senhora a festeja, e reconhece.
Todo campo, que pisa, reverdece;
florido fica o monte, o valle, e a serra.
Tudo é prazer, e amor. Ha só grã guerra
sobre quem mais festejará sua vinda.
E pera mór bem inda
assi tambem o Ceo vem festejando,
que Dezembro em Abril fez ir mudando[30].
Que Principe, e que Rei tão glorioso[31]
vos nascerá a seus paes tão semelhante!
Dos quaes por muito que já a fama cante,
maior será seu nome, e mais famoso;
um Principe fortissimo, e espantoso
aos Barbaros, que d'elle estão tremendo,
já os altos feitos vendo,
a que não chegam Julios, Paulos, Drusos.
Assi o fiam as Parcas nos seus fusos[32].

EGLOGA II

JANIO

AO FALLECIMENTO DO PRINCIPE D. JOÃO

PIERIO. — AONIO.

PIERIO.

Vês o sepulchro triste do fermoso
pastor roubado ao campo, aos Ceos levado
do fado[1] bom para elle, a nós danoso.
Em quanto ao mar tu as redes, eu o gado
á verd'herva deixamos, co'estas flores
honremos o chão já d'elle pisado.
JANIO, saudade dos pastores,
da ribeira do Téjo saudade,
das Nimphas, dos prazeres, dos Amores.
honra do campo, gloria desta idade:
gracioso nos olhos, branco, e loiro,
recebe os pobres dões da sã vontade.
Este cedro, esta faia, este alto loiro
a teu nome levanto; escripto seja
teu nome, JANIO, inda em lettras d'oiro.
Com lagrimas de dor, e mágoa veja
o caminhante a pedra, que escondendo
teu brando corpo está, que o Ceo deseja.
Aonio, assi te estem no mar enchendo
as Nimphas tua rede, e do perigo
das ondas, e do vento a vão sustendo;
assi na tempestade bom abrigo

dem ao teu barco; assi se mostre um' hora
branda a ti Galatea, Amor amigo ;
que aquelles tristes versos, com que chora
nosso Sazio[2] sua dor, se na memoria
os tens, como elle n'alma, os cantes ora.

AONIO.

Renovaste-me a dor da triste historia ;
chovem-me tristes lagrimas dos olhos,
co'a dor da perda da passada gloria.
De cassia[3], myrrha, incenso, tres, tres molhos
queima aqui o triste Sazio cada dia ;
o gado cardos pasce, pasce abrolhos.
Em triste voz, que alma apoz si trazia,
ao som das ondas, que iam murmurando,
metido n'uma lapa assi dizia :
« Pastor fermoso, doce, branco, e brando
« De FILIS[4] triste, que tão só deixaste,
« ouve sua voz, que os ventos vão levando.
« Torna á saudosa praia, que pisaste,
« torna a este campo, que tão verde, e lédo
« comtigo era, e tão triste já tornaste.
« Aqui a menhã rosada, o vento quedo,
« aqui claras, e brandas sempre as agoas,
« a noite trazias tarde, o dia cedo.
« Pastor fermoso, agora as altas taboas
« da dura rocha turvam o claro rio,
« mostrando em suas quédas tristes mágoas.
« Quantas vezes aqui o doirado fio
« tiravam as brandas Nimphas ao sol alto
« no frio inverno, á sombra no estio !
« Escondeu-as no mar o sobresalto
« da tua morte ; deixas d'herva o monte,

« e d'agua o rio, e d'aves já o ar falto.
« Nem arvore dá sombra, nem dá fonte
« agua, nem dia o sol, nem a noite estrellas,
« nem ha quem lédo cante, ou de amor conte.
« Quem póde ouvir as aves? quem já vel-as?
« quem as frautas, que em choro o som mudáram,
« pois tu eras a graça, e o som d'ellas?
« nunca despois a verde herva provâram
« os tristes gados; nunca mais beberam
« em agua clara, desque te choráram.
« O branco orvalho os campos já perdêram:
« as boninas as cores, e estes prados
« de cardos, e de espinhos já se enchêram.
« Reverdeciam d'antes só olhados
« dos teus olhos fermosos, que os que os viam,
« levavam de ti, JANIO, pendurados.
« Com teus olhos fermosos floreciam
« os campos, nascia herva; as sementeiras
« a ti só parecia que cresciam.
« JANIO soavam os bosques, e as ribeiras,
« de pastores, e Nimphas tão cantado,
« de tua FILIS tristes companheiras.
« JANIO de todos, de mim mais chorado[5],
« quem lembrará sem mágua as breves horas,
« que com FILIS te via o verde prado?
« em vão, FILIS, suspiras, em vão choras:
« em vão choramos, chora o mar, e a terra.
« Tu, JANIO nosso, lédo nos Ceos moras.
« Em luz, em paz, em gloria, já da guerra
« dos barbaros pastores, já do damno
« dos tempos livre em si o Ceo te encerra.
« Não temes lá as espreitas[6], máo engano

« do lobo ao simpres gado ; em bom descanço
« vives, em melhor dia, em melhor anno. »
Assi cantava Sazio ; manso, e manso
as lagrimas corriam ; o som e o canto,
o ar calado, o mar tornava manso [7].

PIERIO.

Igual á triste dor o triste pranto
de Sazio a JANIO ; e de sua voz ouvido
a quem não fará magoa, não espanto?
Olha o meu gado, Aonio, que esquecido
da verde herva, tão murcho inda parece
que é d'elle o brando nome conhecido ;
inda o Ceo se revolve, e se escurece ;
inda o mar se levanta ; vês o vento
como lá n'essas ondas se embravece?
em quanto tu cantavas, tudo attento
calava : o campo, e o mar; como calaste,
em tudo a triste dor fez movimento.
Com esse ora outro pranto me lembraste,
que uma voz triste ao longo d'esta praia
fazia igual, Aonio, ao que cantaste.
Era então noite escura (inda desmaia
a alma á lembrança) a voz era cansada,
os versos vi cortados n'esta Faia.
ALMA, dizia, ó alma bem levada
a clara vida, da prisão escura,
do teu despojo nua, e desatada ;
alma toda innocente, toda pura,
que debaixo dos Ceos tens sol, e lua,
olhos n'outra mais alta fermosura;
esta praia, em que já por honra tua,
e de FILIS, mil Nimphas coroadas

de flores vos cantáram á lira sua,
este limo, esta areia, em que assinadas
com FILIS nos deixaste as tenras plantas,
vistas serão com dor, com amor lembradas.

AONIO.

Doce tanges, Pierio, doce cantas,
brando na voz, em tua frauta brando.
Co'o som deleitas, com a dor espantas.

PIERIO.

Vai-te á tua rede, Aonio, eu vou levando
com lagrimas o gado.

AONIO.

Deus renove
outro tempo mais lédo; mas oh! quando?

PIERIO.

A noite vem-se escura, e neva, e chove.

EGLOGA III

TITYRO

LOUVORES A FRANCISCO DE SÁ DE MIRANDA E FRANCISCO DE SÁ DE MENEZES

SERRANO. — CASTALIO

Uma fresca menhã, fria, orvalhosa,
ao longo do Mondego, que corria
com a agua clara, mansa, e graciosa;
quando já o claro raio reluzia
do loiro Phebo n'agoa, e começava
o orvalho derreter, doirar o dia;

ao pé de um grã cciceiro[1] rodeava
o gado de Castalio, e de Serrano,
que ambos um bom amor sempre juntava:
mas outro Amor cruel, Amor tiranno
os trazia ambos taes, que pareciam
dois espritos perdidos traz seu dano.
Ambos mancebos, ambos se perdiam
um por uns olhos verdes, outro brancos;
ambos cantavam sempre, ambos tangiam.
Diziam que aprendêram de dois Francos
pastores, que co' as Musas se creáram;
dois Linos, dois Orpheus os nossos Francos.
Bem conhecidos são; Sas se chamáram;
um de Menezes, outro de Miranda,
de que as irmãs, e Phebo se espantáram.
E inda hoje entre nós soa a voz tão branda
do seu divino canto, que lhe ouvimos,
que todo o Ceo aclara, e o ar abranda.
Ditosos nós, que em nosso tempo vimos
a nomeada Arcadia tão vencida
d'estes nossos pastores, que seguimos.
Aconteceu, que em quanto era ouvida
de mim uma bella Nimpha, que cantando
na veia d'agua estava meia mettida;
um cordeiro dos meus se foi lançando
para onde ambos estavam, o que eu seguindo,
ouvi Castalio estar-me já chamando.
« Tityro amigo, sejas tão bem vindo
« como este claro sol, que nos aquenta;
« aqui, diz, teu cordeiro veio fugindo.
« Deixa o mais gado ao moço; aqui te assenta;
« não vês esta clara agua, que nos chama?

« esta herva verde, que se nos presenta?
« aqui se esfria aquella doce chamma,
« que arde em nós sempre ; aqui Amor se engana.
« Aqui queres amar quem te desama.
« Se o sol muito apertar, temos choupana
« de cannas e ramada bem cuberta,
« onde nem entra sol, nem chuva a dana. »
Sentei-me. Eis se ergue entre elles grã referta
de quem tange melhor, ou melhor canta.
A contenda então mais a voz esperta ;
assi ora um, ora outro a voz levanta.

SERRANO.

Musas, ou vós me dae um verso brando[2],
qual a meu Sá, que a Phebo bem se iguala ;
ou se eu em vão trabalho ir-lhe chegando,
o som me fuja á lira, a voz á falla.

CASTALIO.

Pastores, coroae, que vai crescendo,
este novo poeta de hera, e flores[3] :
e Magallio de inveja estê morrendo,
que a todos para si rouba os louvores.

SERRANO.

Meus versos lê meu Sá, minha Musa ama.
E meu Sá versos faz, que Apollo espantam;
a ti, Sá, sempre minha Musa chama.
A ti meus versos rusticos se cantam.

CASTALIO.

A quem, Sá, te ama, nunca Apollo negue
seu divino furor, com que te cante.
E rompa-se Magallio, rompa, e cegue[4];
e de meus versos lá entre si se espante.

SERRANO.

Ó rustico Magallio sem brandura,
nunca som doce em teus ouvidos soe,
Magallio peito de cortiça dura,
todo o bom sprito atraz te deixe, e voe.

CASTALIO.

Crinaura entre uns salgueiros verdes via[5],
e sem me ver, a vista lhe furtava;
ella em me vendo ria-se, e fugia.
E não sei que entre dentes me fallava.

SERRANO.

Que me aproveita, Lesbia, vêr-te, e amar-te[6],
e que nem me desprezas, nem desamas,
se quando a lingua solto, por fallar-te,
volves o rosto, e rustico me chamas?

CASTALIO.

Triste a vista é do Lobo ao manso gado;
o chuveiro á seara já madura;
ás arvores o vento; a mim o irado
rosto de Filis tão fermosa, e dura.

SERRANO.

Doce é a chuva á terra desejosa;
aos cordeiros o prado de herva cheio;
á abelha o orvalho, a mim Filis fermosa,
por quem hoje mais claro o dia veio.

CASTALIO.

De duas pombas achei hoje um ninho[8];
tuas, Crinaura, são, se as tu quizeres;
e teu será, se o tomo, o branco arminho;
Cloris m'o pedio já, se o tu não queres.

SERRANO.

Dez maçans de cor d'oiro hontem colhidas

a furto n'um cerrado aqui te tenho.
Para ti, Lesbia, foram escolhidas.
Lesbia, só por te vêr trazer t'as venho.

CASTALIO.

Dos teus olhos, Crinaura, sae um raio
De fogo, que a fria neve acenderá.
Em te vendo arço, sem te vêr desmaio.
Mais doce a morte, vendo-te, será.

SERRANO.

Lesbia cruel, e quanto já haverá
Que esta minh'alma ardendo
Anda apoz ti? e esse teu peito frio
Me converteu n'um rio?
Olha como este rio vou enchendo.

CASTALIO.

Olha como este rio vou enchendo
de lagrimas, e mágoas.
Das lagrimas se vai todo turvando,
e das mágoas chorando.
Ah! de meu fogo vão ardendo as aguas!

SERRANO.

Ah! de meu fogo vão ardendo as aguas!
e tu estás mais fria
que a fria neve, e mais que pedra dura,
em que agoa acha brandura.
Um marmore meu pranto desfaria.

CASTALIO.

Um marmore meu pranto desfaria;
e teu peito parece
que quanto mais, Crinaura cruel, te chamo,
quanto mais te sigo, e amo,
tanto em ti mais essa dureza cresce.

SERRANO.

Lesbia minha mais que o sol fermosa,
mais alva que alva lua, e mais córada
 que as ardentes estrellas,
 e luz de todas ellas,
mais que as flores de Maio graciosa,
estes versos, em que és de mim cantada,
cortem n'este ceiceiro os bons pastores,
crescerá elle, crescereis Amores [9].

CASTALIO.

Crinaura minha mais que o lirio branca:
mais vermelha que rosa, e mais ligeira
 pera fugir, que o vento;
 de quem seu pensamento
tirar de ti não póde, vem, arranca
est'alma triste, que inda esta é a primeira
piedade, que usarás com quem a vida
sempre guardou por ser por ti perdida.

Isto só me lembrou do que cantáram [10]
e dali pera ca sempre nos montes
os Pastores Castalio noméaram,
Faunos nos bosques, Nimphas em suas fontes.

EGLOGA IV

LILIA

Por Lilia em vivo fogo Aonio ardia,
Lilia prazer do amor [1], e nada tinha
o triste que esperar, e o Amor crescia.
Entre uns bastos ulmeiros só se vinha

de tristes sombras[2], a alma ali forçada
com só chorar, com suspirar detinha.
Ora em som triste, em voz desconcertada,
Lilia, que inda que viva, inda que moura,
o nome ouve, assi d'elle era chamada:
« Lilia, Nimpha branca, Nimpha loira,
« ô dia nos teus olhos amanhece,
« dos teus cabellos, Nimpha, o sol se doira.
« Com tua vista um novo Abril florece
« em toda parte; á tua voz se abranda
« o Amor na mór ira, e se adormece.
« Lilia fermosa em tudo, em tudo branda,
« a mim só dura, eu em que errei? em amar-te?
« Amor te me mostrou, e amar me manda.
« Meu descanço só é, Nimpha, cantar-te
« ao sol, á sombra, em campo, em bosque, em rio;
« e meu premio, ah! cruel, em vão chamar-te?
« Ora co'o rosto descórado e frio
« no ardor do sol, ora no inverno ardendo,
« ou todo chamma, e fogo, ou neve, e frio.
« Ó cruel Lilia! e não te irá movendo,
« já que a amor não, a piedade um tanto,
« o fogo, que em meus olhos estás vendo?
« ouve-me, Lilia, por ti só meu canto
« renovarei; por ti, cruel, meu fogo
« tenho por doce, e por prazer o pranto.
« Por ti toda outra festa, e riso, e jogo
« desprezo; por ti sombras, e aguas quero.
« Aprazer te é só, Lilia, aos Ceos meu rogo.
« Não desprezes meus versos, que inda espero
« com teu nome aos pastores ensinado
« dos bosques, amansar-se o Amor fero.

« Tambem eu canto, tambem sou chamado
« dos pastores poeta, e eu não os creio[3],
« em quanto de ti sou tão desprezado.
« Pois tão rustico sou, Lilia, ou tão feio[4]?
« pouco ha que me vi n'agua; a cor mortal,
« dêsque te vi, e te chamo em vão, me veio.
« Quanto melhor me fôra, pois não val
« comtigo Amor, não deixar nunca a triste
« Filis, inda que a ti em nada igual!
« Choraste, Filis, ah! quando me viste
« partir de ti, e d'alma saudosa
« suspirando co'os olhos me seguiste.
« Alva Filis tambem, não tão fermosa
« ó Lilia, não tão loira; porém era
« inda que de amor livre, piedosa.
« As capellas de mirtho, loiro, e hera
« feitas da minha mão não desprezava,
« nem os rusticos dões da primavera.
« Já eu um'hora pera ti juntava
« diversas hervas, flores, e boninas,
« em que o cheiro melhor se misturava;
« hervas tratadas só das mãos divinas
« das Musas, e das Graças, dos Amores,
« das tuas mãos, e olhos, Lilia, dinas.
« Mas não t'as ousei dar; em taes tremores
« me trazes! e chorando as espalhei
« com mágua (quando as viram) dos pastores.
« Quantas vezes quizera, e comecei
« cantar teu nome, donde tu podesses
« ouvir-me, e em começando me calei!
« quantas vezes dizia em mim: quizesses
« Lilia, espreitar-me um'hora! tu verias

« sinaes do meu amor, a que fé desses.
« Se virão tão ditosos alguns dias,
« que pisando comtigo esta verdura
« traga o coração cheio de alegrias!
« Olha, Nimpha fermosa, que pintura
« de campos, e de Ceos, menhãs, e tardes!
« vem tu acrescentar sua fermosura.
« Solta ao vento os cabellos; não os guardes
« em vão; estende os olhos pelos prados;
« vem, Nimpha, foge o dia, vem, não tardes.
« Aqui ao tirar, e recolher dos gados
« soam as rusticas frautas namoradas
« dos rusticos pastores namorados.
« Aqui seguindo eu, Lilia, tuas pisadas,
« vivendo dos teus olhos te traria
« as maçãs brancas, e uvas orvalhadas.
« Das Nimphas uma te offereceria
« os cestinhos de lirios escolhidos,
« e léda, com t'os dar, se tornaria.
« Outra os loiros cabellos esparzidos
« te cingiria de hera, ou verde loiro,
« com versos bem cantados, bem tangidos.
« Este seria, ó Lilia, o meu thesoiro.
« Mas ah! triste, que cuido? estou sonhando
« no que desejo, e em vão desejo, e mouro.
« Aonio, Aonio, quem te está enganando?
« Lilia não te ouve; ao vento te desfazes;
« se se ella não mudar, vai te mudando.
« Outra acharás, se a Lilia não aprazes. »

EGLOGA VI

MAGICA

LICIDAS. — MENALO.

De Licidas, e Menalo pastores
o novo canto, que de Amor ouvido,
indo pelo ar voando co'os Amores
ao brando som se diz que foi detido;
e escondido com elles entre as flores
cada um a mágoa e lagrimas movido,
ao mundo perdoárão entre tanto;
de Licidas, e Menalo o som canto[1].
Tu, Marilia, tu só engenho, e arte,
tu esprito me dás, que inda algum'hora
levantado por ti, por toda a parte
ao mundo mostrará que o que em ti ora
tamanho espanto faz, á menor parte
d'outras tuas não chega; ouve-me agora.
E esse teu alto esprito um pouco engana
co'o som da pastoril e baixa canna.
Já a grossa e escura sombra da coberta
terra, co'o cego raio começava
a alva lua entre as nuvens encuberta
apartar pouco, e pouco; e eis se mostrava
ora meia, ora toda descoberta;
uma nuvem rompia, outra a cerrava;
quando cheio de dor, que a alma sentia,
ao pé de hua faia Licidas dizia :

LICIDAS.

« Sae clara, branca Lua, os Ceos serena,
o ar abranda, em quanto aqui vãmente
a ti, e aos Ceos me queixo, e a minha pena
mova ás estrellas mágua, dor á gente.
E tu, meu cruel genio, esta pequena
tardança da triste alma me consente.
Dae montes sempre fé do que me ouvistes.
Ajuda, frauta triste, os versos tristes[2].
Aqui os valles ouvem, aqui os montes,
aqui os pinheiros, e altas faias fallam[3];
as mágoas dos pastores choram as fontes,
ao som das frautas, aves, feras, calam.
Os rios se detem nas suas pontes;
as arvores co'o vento não se abalam.
E vós, Nimphas, ouvi, se amor sentistes.
Ajuda, frauta triste, os versos tristes.
Ao rustico Serpillo se dá Flora[4],
Flora de tantas mães tão desejada;
ao rustico Serpillo! quem não chora
Licidas, a quem fôra tambem dada?
onde justiça, onde igualdade mora?
quem esta roda traz assi forçada?
como, lumes do Ceo, tal consentistes?
Ajuda, frauta triste, os versos tristes.
Que se não poderá já ver no mundo?
Que não esperaremos os que amamos?
revolvam-se as areias lá no fundo;
o rio se semeie, onde pescamos.
As estrellas ao centro mais profundo
desçam; co'o sol o dia não vejamos.
A tudo causa, ó Ceos, já nos abristes.

Ajuda, frauta triste, os versos tristes.
Ó bem igual amor, e bem devido!
frios te eram meus versos, rouca a lira.
Todo som, todo canto aborrecido;
com desprezo me olhavas, e com ira.
Já achaste um entre todos escolhido
Serpillo; ah! cega moça! (em vão suspira)
vingae, estrellas, o roubo, que encobristes;
ajuda, frauta triste, os versos tristes.
Flora enganada, quem tão mal te cega?
Serpillo rustico é, não tange, ou canta.
Que engano, ah! moça, ao odio teu te entrega!
e o teu amor te tira! e assi te encanta?
Ama Serpillo; o teu Licidas nega.
Quanta vingança dás de ti! oh! quanta
ira moves ao Ceo, a que em vão resistes!
Ajuda, frauta triste, os versos tristes.
Muitas vezes te vi em moça; e um dia,
(já eu aos tenros ramos bem chegava)
as sanguinhas amoras te colhia,
as maçãs no regaço te lançava.
Inda eu então de amor livre vivia,
mas sentia-me arder quando te olhava [5].
Pagae, olhos, agora o que então vistes.
Ajuda, frauta triste, os versos tristes.
Ah! já sei que é Amor não de brandura
filho, mas de odio só, e de aspereza,
gerado de diamante e rocha dura,
imigo a nosso sangue e natureza.
Onde virdes, pastores, fermosura,
fugi, que ali está Amor, ali dureza.
Ditosos, que de suas mãos saistes!

Ajuda, frauta triste, os versos tristes.
Pastores (se algum está a meu canto attento)
que por amor em vão a alma partistes,
pastores, que perdeis vozes ao vento,
e a cruel Flora em vão, como eu seguistes,
não façais de vãs sombras fundamento;
deixa já, frauta triste, os versos tristes. »
Isto Licidas disse; o que cantava
Menalo, Apollo o diga, que o escutava [6].

MENALO.

Traze agua, que cavei na branca areia,
Licia, com minha mão, em o sol nascendo;
acende, e apaga n'ella esta candeia
de tres lumes, tres vezes; e acendendo,
a meia d'ella gasta; na outra meia
o meu encantamento irei fazendo.
Tu, santo Amor, minhas palavras guia.
Trazei-me, versos meus, o meu bom dia [7].
Arde o sagrado incenso; só fallecem
versos; versos a mortos tornam vida.
Com versos secos campos reverdecem;
com versos a lua é nos Ceos detida.
Aos versos as serpentes obedecem;
d'elles foi já Proserpina vencida [8].
Cantando Orpheu Euridice trazia;
trazei-me, versos meus, o meu bom dia.
Este sagrado mirtho a ti, fermosa
Venus, a ti tambem o teu sagrado
loireiro, loiro Apollo; a branca rosa,
o lirio de ninguem já mais tocado,
ao casto Amor consagro; piedosa
me sê mãe, me sê filho; e tu cantado

Phebo sempre em tristeza e alegria.
Trazei-me, versos meus, o meu bom dia.
Ata, Licia, ata o laço de tres cores
com tres nós; e em atando, dize: « Eu ato
« de Marilia, e Alcippo os bons amores;[9]»
diga Amor, diga Venus « Eu os ato. »
Estas duas capellas de alvas flores,
que aqui á Apollo puz, eu as desato.
Esta a mim, esta a Alcippo meu tecia.
Trazei-me, versos meus, o meu bom dia.
Em quanto Alcippo tarda é o dia escuro;
encobrem-m'o mil nuvens; eis derramo
da Phenix casta a cinza, em que o seu puro
corpo se queima, e nasce; e Alcippo chamo.
Vem, Alcippo, vem já; porque tão duro
es a Marilla? ah! meu Alcippo, eu te amo;
comtigo o Ceo se me esclareceria.
Trazei-me, versos meus, o meu bom dia.
Qual por montes e bosques a cansada[10]
novilha o branco toiro em vão buscando
junto d'agua em verde herva só deitada,
da noite, que já vem, não se lembrando,
ali de saudade traspassada
todo em seu brando amor se está gastando;
tal por mim, meu Alcippo ver queria.
Trazei-me, versos meus, o meu bom dia.
Este limo trazido lá do Nilo
me deu Merys; e esta herva que lá nasce
tinta no sangue do espantoso Horilo,
que mil vezes é morto, e mil renasce;
e esta espinha de um manso Crocodilo,
que n'agua vive, e na ribeira pasce.

Co' isto em mil fórmas Merys se fazia.
Trazei-me, versos meus, o meu bom dia.
Aqui d'Alcippo tenho inda guardados
os seus doces despojos, inda leio
mil versos em meu nome aqui cortados
n'esta faia; esta faia Alcippo creio.
Dos prazeres por ti prophetizados,
Alcippo, inda o primeiro me não veio.
Mostra a verdade, Alcippo, a quem te cria.
Trazei-me, versos meus, o meu bom dia.
Eis as folhas bolíram do loireiro.
Eis o mirtho com flores se levanta.
Oiço azas, oiço aljaba do frecheiro.
Á mão direita Philomela canta.
Alcippo vem, Alcippo verdadeiro
no casto amor, e na firmeza santa.
É Alcippo, ou me engana a fantesia?
cessae, versos: ja chega o meu bom dia[11].

EGLOGA VII

DAPHNIS

Á MORTE DO PRINCIPE D. JOÃO

EURILLO. — LICIDAS

EURILLO.

Aqui, Licidas, canta; olha quão branda
por entre as verdes canas vem bolindo
a fresca viração que este ar nos manda.
Olha quão enlaçada vai subindo

pelos altos ulmeiros a verde hera,
de que tão doce sombra está caíndo[1].
Se ora cantasses, Licida[2], eu te déra
bom premio; ah! pastor, canta; eu quero dar-te
premio, que inveja a Tityro fizera.

LICIDAS.

E a qual bom cantor, ou em que parte
viste, Eurillo, vender nunca seu canto,
que Apollo gracioso nos reparte?

EURILLO.

E qual preço será tão rico, e tanto,
Licidas, que igualar possa a brandura
do teu som, que desfaz o Amor em pranto?

LICIDAS.

Só da branca Marilia a fermosura,
negra nos olhos, negra nas pestanas,
meu canto paga, minha voz apura.
Rustico Mevio, ah! porque mal profanas
o som devido ás Musas e aos Amores?
porque infamas, máo Bavio, as doces canas?

EURILLO.

Mevio, e Bavio são rusticos pastores;
tu, meu Licidas só, tu só nos cantas.
Mevio, e Bavio são rãs, não são cantores.
A quem tu não deleitas, não espantas,
pareça Mevio bem, Bavio deleite[3].
Tu a mim canta, e tange ás Musas santas.
Um vaso tenho ali de puro leite
d'aquella branca cabra hoje mungido;
darto'-hei, e um tarro d'hera, em que t'o deite;
um novo tarro, Licidas, trazido
de estranhas terras, de um grã mestre obrado,

por onde licor nunca foi bebido [4].
Nunca o cheguei aos beiços, mas comprado
por hum tenro cabrito, assi té' gora
inteiro o tive sempre, e bem guardado.
Cada vez que as figuras vejo, chora
a minh'alma de mágua. Está a ribeira
do rico Téjo, onde Neptuno mora.
Ali tristes pastores, e primeira
chorosa Venus, Satyros, Sylvanos,
de toda flor, que em Papho, e Gnido cheira,
hum PASTOR cobrem, a que os leves annos [5]
fugindo vão. Amor ali esmorece,
então só piedoso de seus danos.
Co'o brando Adonis todo se parece
o moço branco e loiro; ah! crueldade!
os olhos cerra; como que adormece;
cruelmente cortado em mocidade,
como do duro arado a branca rosa,
que o duro lavrador move a piedade.
Em outra parte está como queixosa
contra os Ceos uma NIMPHA mansamente [6]
chorando, e assi chorando mais fermosa.
Lucina [7] mais que nunca diligente
um menino á luz clara então mostrando
da triste Nimpha parto seu recente,
o dá ás doiradas Horas, que criando
o vão mimosamente; e eis que as tres Fadas
já na mão tenra hum sceptro lhe estão dando.
Logo apoz ás Nimphas, que espantadas
sáem do fundo pégo, d'um alto monte
as estrellas por Protheo são mostradas [8].
E como que co' um dedo aos Ceos aponte,

com outro no menino, por escripto:
« Teus dias (diz) ledos o mundo conte. »
A mão do mestre igual ao grande esprito,
Licida, esta viva obra aqui cortou.
Lá na Arcadia se fez, vendeu m'a Eucrito.
Mas se a tua voz, que sempre me soou
branda, em quanto aqui o sol o pasto tolhe,
soltar quizeres, Licida, eu t'o dou.
Licidas, canta; assi amorosa te olhe
aquella, a quem tu cantas, e te teça
fresca capella, quando as flores colhe.
Sempre ás tuas ovelhas reverdeça
o prado; e o triste inverno, que tememos,
aos olhos da tua Nimpha nos floresça.
O nosso DAPHNIS que já aqui não vemos,
o brando Daphnis, com teus versos chama.

LICIDAS.

Versos a DAPHNIS, doces versos demos.
Voz de Licidas é, que Marilia ama.
Que fontes, ou que bosques lá forçadas
vos tinham, de Apollo irmãs fermosas,
quando a DAPHNIS as cores demudadas
vos não tornavam d'elle piedosas?
como alvas flores do sol são cortadas,
como murchas do frio as brancas rosas,
se cortou Daphnis; nós que esperaremos?
versos a Daphnis, doces versos demos.
Tinha-vos por ventura o vosso monte?
ou as alturas lá do fresco Pindo?
porque eu não creio que em sua branda fonte
vos estivesse o Mondego encobrindo[9].
Não creio que por mais que se nos conte

da fresca Tempe, assi fosseis fugindo
o amor de Daphnis, por quem cá vos temos.
Versos a Daphnis, doces versos demos.
Daphnis choráram na montanha as féras.
Choráram os lobos, os liões choráram[10];
despiram-se os ulmeiros de suas heras;
os rios ás suas fontes se tornáram;
as Nimphas contra si crueis e féras,
pelas praias em vão Daphnis chamáram.
Daphnis, ah! Daphnis, onde te acharemos?
versos a Daphnis, doces versos demos.
Chorou o barbaro Scytha, o duro Géta,
em quantos campos rega o Gange[11] e o Nilo;
chorou o Arabe, o Indio, o destro em seta
Partho[12], o grande alifante, o crocodilo.
Bem prometteu tua morte o cruel cometa[13]
que vimos; ninguem soube então sentil-o.
Ah! rusticos, que os Ceos nunca entendemos!
versos a Daphnis, doces versos demos.
Veo Ovylio pastor, que na ribeira
do Tibre suas manadas apascenta;
« Quem levará, diz, já por chã carreira
« o gado? quem da cheia, e da tormenta
« o recolherá são? quem verdadeira
« semente á terra lança, e acrescenta?
« quanto em ti, bom pastor, todos perdemos!
« versos a Daphnis, doces versos demos. »
Vinham outros pastores lá das serras
da neve frias, outros das campinas;
« Ditoso Daphnis, nós em sangue e guerras
« ficamos (dizem) tu melhor atinas.
« Outros pastos terás lá, outras terras,

« fontes, que sempre lá manam continas[14].
« Tu vás[15] viver, nós cá nos mataremos.
« Versos a Daphnis, doces versos demos. »
Não tanto o delphim lá no mar chorava;
não tanto Philomela lamentou;
não tanto Ariadne aos ventos se queixava;
nem tanto cisne em morte pranteou;
nem tantas vezes Eccho a voz tornava
do fermoso Pastôr, que em vão chamou,
quanto Daphnis choráram; e nós choremos;
versos a Daphnis, doces versos demos.
Daphnis, tu aos pastores ensinavas[16]
como ao curral viria o bravo gado;
tu as surdas serpentes encantavas,
e os duros toiros punhas ao arado;
aqui d'hua sebe, aqui d'outra cercavas
teu rebanho dos lobos bem guardado;
se são nos fica o gado, a ti o devemos.
Versos a Daphnis, doces versos demos.
Daphnis, tu sacrificios ordenaste
aos pastores, tão santos; tu lhe ergueste
pera os Ceos novo esprito; e levantaste
altar á santa paz, em que viveste.
Com quanto amor, bom Daphnis, já pisaste
estes campos, e esta agua aqui bebeste!
brando Daphnis, sem ti como a bebemos?
versos a Daphnis, doces versos demos.
Ah! Daphnis chama, Daphnis, ah! suspira
o teu mimoso gado, pastor brando.
Quem inda esse teu rosto um tempo vira,
que sempre lédo nos estava olhando!
no manso peito teu nunca entrou ira.

Amaste em vida, ah! e morreste amando.
Quando outro amor, ó bom pastor, teremos?
versos a Daphnis, doces versos demos.
Ah! que a malva, e a ortiga reverdece;
de um dia n'outro torna outra herva nova;
séca-se o campo, com Abril florece;
Maio cad'anno a pintura renova;
desaparece o dia, eis aparece;
acaba o anno o sol, o sol o ennova [12].
Nós pera sempre desaparecemos.
Versos a Daphnis, doces versos demos.
« Ficae, minhas ovelhas, meus cordeiros,
(diz Daphnis) » claras fontes, bons pascigos;
« tenhais de meu herdeiro mil herdeiros;
« vivei em paz, pastores, meus amigos.
« Mil Dezembros conteis, e mil Janeiros
« n'um amor juntos contra os máos imigos.
« Daphnis (dizei) que nos amou, amemos.
« Versos, e flores a seus ossos demos. »

EURILLO.

Mel puro da tua doce boca mana,
meu Licidas; teus versos favos são.
Phebo tempéra a tua suave cana.
Nunca a voz te enfraqueça; nunca a mão
te canse; nunca este ar deixe de ouvir-te
ao sol, á sombra, em inverno, e verão.
Fresco leite no tarro vou mungir-te.

EGLOGA IX

MIRANDA

AO FALLECIMENTO DE FRANCISCO DE SÁ DE MIRANDA

ALCIPPO. — ANDROGEO

ALCIPPO.

Quanto tempo, ó Androgeo, não cantamos?

ANDROGEO.

Fugiu-nos o prazer, e torna tarde;
saudosos por elle suspiramos.
Vês o mundo que vai? vês que fogo arde[1]
por tanto campo lá, por tanta serra,
que a nossa cá ameaça?

ALCIPPO.

Deus a guarde.

ANDROGEO.

Mal nascidos pastores! triste terra
tanto tempo queimada! crueis mãos,
contra vossas entranhas moveis guerra?
Tomae, pastores, conselhos mais sãos.
Olhae o lobo, que lá está em espreita,
e o melhor leva sempre d'entre as mãos.
Junto n'um corpo o gado por direita
estrada, em sangue tinto um só seguindo,
que jornada fareis aos Ceos aceita!
Ir-se-vos-hia (eu o vejo) o mar abrindo,
abaixando-se serras; que hervas e aguas
ircis, e que campos descobrindo!

ALCIPPO.

Não lembremos, Androgeo, tantas máguas.
Corre o mundo já assi tráz seu mal cégo.
Ardem no peito de ira vivas fraguas.
Móres rios lá vejo, não t'o nego,
mais espaçosos campos; mas ditoso
quem seu gado apascenta em bom socego.
Em quanto o nosso gado aqui mimoso
bebe do doce Téjo a agua corrente[1],
não lhe queiramos bem mais deleitoso.
Vivamos, e cantemos lédamente,
e aquella divindade celebremos,
que á fonte agua nos dá, fruito á semente.

ANDROGEO.

E a que ouvidos me mandas que cantemos?

ALCIPPO.

De Marilia, de Delia, e dos Amores.
Nem o povo nos ame, nem o amemos.

ANDROGEO.

Surdos ouvidos, barbaros pastores,
quão mal bebeis do Téjo as aguas claras!
Quão mal pisais as bem nascidas flores!

ALCIPPO.

Quantos tu, claro Phebo, desemparas,
venham buscar o teu divino lume
nos brandos olhos de duas Nimphas raras.

ANDROGEO.

Quem de Pindo subir ao alto cume.....
(não posso erguer a voz; e a noite ao dia
cantando ajuntei já; tudo é costume.)

ALCIPPO.

Arde em chammas o peito, a lingua é fria.

As lagrimas são fogo, o rosto neve.
Quem juntamente assi me queima, e esfria?

ANDROGEO.

Algum vento amoroso, brando, e leve
ajude minha voz, e m'a levante,
e parte d'ella á branda Delia leve.
Alcippo, eu não posso ir mais por diante[3].
Foge-me a voz, carrega-se-me o esprito,
e não sei quem me manda que não cante.

ALCIPPO.

Eu vejo aquelle alto ulmo, Androgeo, escripto.
De fresco ferro está (vem ver) talhado.
Eis que todo tremeu, e soou um grito.

ANDROGEO.

Algum segredo, Alcippo, aqui guardado
está de Fauno, ou Nimpha; lê.

ALCIPPO.

Divino
verso é, e não de humana mão cortado.

ANDROGEO.

Nimphas sagradas, Nimphas, não sou dino
de ver vossos segredos; tu me ajuda;
tu me sê, brando Apollo, ora benino.
Aquella Lira, a cujo som se veio[4]
do Tibre e d'Arno Apollo a Neiva e Lima,
por quem verde era o campo, o rio cheio
corria á voz da nova Tosca Rima[5],
despois que o bom Miranda, em cujo seio
o santo fogo ardeu, se foi acima,
pendurou aqui Phebo; aqui guardada
manda ser dos pastores sempre honrada.

ALCIPPO.

Feriste-me a alma de uma ponta aguda,
Androgeo; é morto o nosso bom Miranda[6]!!

ANDROGEO.

Isto fazia a minha lingua muda.

ALCIPPO.

Ó bom Poeta! e já a tua doce e branda
voz se calou! já por aqui não soa!
nem os ventos serena, o mar abranda!

ANDROGEO.

Ah! já aquella innocencia santa e boa
do bom velho, aquella alta e sã doutrina
nos deixou; quão depressa o melhor voa!

ALCIPPO.

Ah! sancto velho! de mil annos dina
era tua vida, e inda mil annos cedo.
Quem honra o campo? quem virtude ensina?
Já não do pé da faia, ou do penedo
muscoso te ouvirá o campo e o valle
cantar da terra e Ceos o alto segredo.
O rio seque, e o campo; Apollo cále;
chorem as tristes irmãs; nem já aqui soe
frauta, pois nenhua ha, que a tua iguale.
Nem pastor cante, nem loiros coroe.
Nem tenha hera, ou loureiro já verdura.
Nem Nimpha d'agua saia, ou ave voe.
Perdeste, Apollo, já tua fermosura,
do teu poeta sempre tão cantada;
perdeste, Amor, teu fogo, e tua brandura.
Ó doce e grave Lira, temperada
d'aquella mão, que assi te fez famosa,
não consintas ser de outra mão tocada.

A nossa idade, que tu tão ditosa
fizeste, te honre sempre, e louve, e ame,
pois por ti será sempre gloriosa.
E quem ha já, que co'o som brando chame
as bellas Nimphas a logar sombrio,
e pelo verde chão flores derrame?
Quem vestirá dos ulmos já o rio?
Quem cobrirá de sombra as claras fontes,
e os tenros mirthos guardará do frio?
Aquelle som, que enchia d'herva os montes,
que o gado derramado a si juntava,
e que os rios detinha nas suas pontes;
aquelle som, que tão doce soava
por toda a parte, ah! já morreu comtigo;
que fará quem ouvir-te desejava?
Ah! meu bom mestre, ah! pastor meu amigo,
como minh'alma e olhos se estendiam
por ver-te, e o duro tempo foi-me imigo [7]!
Mas inda que os meus olhos te não viam,
cá te tinha minh'alma, e os teus bons cantos,
lá me levavam, e de ti todo enchiam [8],
Dae ao vosso Poeta tristes prantos,
Téjo, Mondego, Doiro, Lima, Odiana;
ó Nilo, ó Gange [9], dae-lhe lá outros tantos.

ANDROGEO.

Não pôde á obrigação, Alcippo, humana
fugir o bom Miranda; aos Ceos é ido.
Nunca do campo aos Ceos o passo engana.
Mas quando poderás ser esquecido?
Estar-te-hão tigres, e liões chamando.
Será de tigres teu bom canto ouvido.

ALCIPPO.

Vejo vir nosso Sázio lá chorando[10].
Sázio, que docemente assi pendias
d'aquella boca e som suave e brando!
Vive tu lá, Miranda, immortaes dias
da coroa de loiro ido á da gloria;
e em quanto com tua luz de lá nos guias,
recebe isto, que canto em tua memoria:
aqui Neiva, aqui Lima triste chora;
quebra seu arco Amor, Apollo a lira;
séca a fonte Hyppocrene, os loiros Flora;
o bom canto emmudece, Eccho suspira.
Mas no Ceo léda a innocente alma mora
do bom Miranda, que de lá inspira
santo fogo de amor, e santa paz;
lá estás, Miranda; aqui só terra jaz[11].

EGLOGA XI

ANDROGEO

A PERO DE ANDRADE CAMINHA

Este ultimo favor só me concede[1],
rustica Musa; e dá-me um novo canto,
qual meu amor a meu Androgeo pede.
A Androgeo meu, que eu amo, e me ama tanto[2],
meus versos dou; Filis fermosa os leia[3];
Filis de Androgeo abrande o fogo, e o pranto.
Léve ao mar clara e doce sempre a veia
o Téjo, em quanto eu canto, e onda salgada

não toque em sua doirada e branca areia.
Filis cruel, de Androgeo tão cantada,
Filis cruel, de Androgeo viva morte,
té quando queres ser em vão chamada?
Amor n'esses teus olhos se fez forte.
No brando peito teu poz sua dureza;
qual pôde ser do triste Androgeo a sorte?
Em outro mundo, em outra natureza
vives, outro Ceo vês, outras Estrellas,
se essa ingratidão chamas fortaleza.
Olha, Filis fermosa, as Nimphas bellas;
que não desprezam sempre os seus pastores,
que lhes tecem, e lhes dão frescas capellas.
Porque cria Abril hervas, Maio flores,
porque correm, ó Filis, aguas claras,
se tu tens por vãos sonhos bons amores?
Tu desprezas Amor, tu desamparas
assi, cruel, quem te ama? ah! Filis dura!
Quanto outra fôras, se tu em vão amáras!
Não basta, ó Filis, essa fermosura?
Não d'esses olhos teus o raio claro?
Não d'essa neve a tão rara brancura?
Inda a quem te vê queres que mais caro
custe sua morte? e, por que o desesperes,
que em ti, nem no Amor mesmo ache emparo?
Filis, ou tu co'as frechas do Amor feres,
ou fere o Amor co'os teus olhos fermosos.
Porque inda mais dureza ajuntar queres?
Ah! movam-te, cruel, os saudosos
gritos, ah movam-te os suspiros tristes,
que não ousam mostrar-se inda queixosos.
Dizei, montes e valles, o que ouvistes;

(inda o som doce pelos ares voa)
dizei qual aqui o triste Androgeo vistes.
Teu nome, que tão alto ao longe soa[4]
na doce voz de Androgeo e doce cana,
por quem tua fermosura se pregoa,
teu raro esprito alçado em mais que humana
voz, que amor cria, e espanto em toda parte,
porque a quem tão bem o canta tanto dana?
Filis, do meu Androgeo a melhor parte
me tèns roubado, e tu desconhecida
vences inda em dureza o bravo Marte.
Se algum'hora acertou de ser ouvida
de ti sua voz tão branda, ou se algum'hora
viste do mortal rosto a cor perdida,
verias bem, ó Filis, que não chora
a sua morte Androgeo, pois que te ama,
mas a dor de deixar de ver-te um'hora.
Ditosa a morte, por ti, Filis, chama;
os pastores lhe chamam desditoso.
Filis cruel, que tal amor desama!
Vem o agreste Pan triste e choroso;
as frontes de pampilhos coroado:
« Androgeo, de quem andas (diz) queixoso?
« De ti te queixa só, ou do teu fado.
« Amor essas tuas lagrimas não sente,
« que nos olhos de Filis vês armado.
« Nem lagrimas a Amor, nem a corrente
« ribeira farta o prado, nem á abelha
« o alecrim, nem sol, e agua á semente. »
Vem outro, chora; vem outro, aconselha.
E tu, Androgeo, estás em teu perigo,
qual ante o lobo a paciente ovelha.

Veio Venus, sorrindo-se comsigo :
« O riso é falso; esconde a dor no peito,
« Androgeo (diz) consola-te comigo.
« A quem devia Amor ser mais sogeito
« Androgeo, que á mãe sua? pois tu sabes
« quanto mal o seu arco me tem feito.
« Bem é que com tuas Musas não te gabes
« que resististe a Amor, a quem devendo
« ficas, que em tal amor, Androgeo, acabes. »
A Venus o pastor olhos erguendo :
« Mãe cruel (diz) de filho tão cruel,
« quão léda estás a minha morte vendo!
« Nem pera si a abelha faz o mel[5];
« nem pera si a ovelha sua lã cria,
« nem pera si Amor é amor, mas fel.
« Mas pois est'alma a Filis se devia,
« Filis a guarde; Filis em si a tenha,
« que essa é na morte a só minha alegria.
« Venham aqui pastores sempre, venha
« o meu Alcippo[6], a fermosura cantem
« de Filis, porque a vida inda sustenha.
« E cortem versos, que soem, e espantem
« quantos despois vierem, vendo a crua
« morte de Androgeo; e quem os lêr, encantem.
« Filis, eu morrerei; será essa tua
« vontade feita; verá o que deseja.
« Se mal o Amor me mata, a culpa é sua.
« A todos encoberta, e que se veja
« do triste Androgeo a triste sepultura
« n'esta terra, que pisas, Filis, seja.
« Filis, tu a pisas, não me será dura. »

NOTAS DAS EGLOGAS

EGLOGA I.

Esta Egloga foi composta talvez em Coimbra, onde Antonio Ferreira, já Bacharel em Canones, residia, preparando-se com os estudos necessarios para poder doutorar-se; o que narrámos no estudo biographico. Dedicou-a ao casamento do Principe D. João filho d'El-Rei D. João III com a Princeza D. Joanna filha do Imperador Carlos V. *Archigamia* significa *alto* ou *grande consorcio.*

[1] V. 1 a 8. Allude essa primeira oitava ás constantes guerras contemporaneas, que tanto dilaceraram a Europa.

[2] V. 15. El-Rei D. João III é esse *pacifico João* de quem se falla. Desagradam hoje a alguns os constantes elogios que Antonio Ferreira dirige ao Rei que introduziu a Inquisição; é porém indispensavel, para julgar com imparcialidade o caracter do poeta, reparar em que tempo elle escrevia; e notar alem d'isso que, para uma indole benevola como a sua, um soberano que tanto protegia as lettras, e folgava com os doutos, devia merecer toda a veneração de um membro tão conspicuo da confraria litteraria.

[3] V. 46. Este verso deu origem á seguinte judiciosa observação do autor do Diccionario bibliographico, a pag. 139 do Tomo I : *Apesar da diligencia e esmero que este benemerito professor* (falla de Pedro Jozé da Fonseca) *empregou para que a reimpressão saisse limpa de erros, escaparam-lhe todavia descuidos e incorrecções, que deturpando o original, deram causa a novos enganos, e alguns bem notaveis.*

Apontar-se-ha como exemplo na Egloga I, *estancia 6ª o vocabulo* POSTURA, *que o corrector Fonseca ahi introduziu em logar de* PASTURA, *que se lia e ainda se lê na edição antiga. E o peor é que d'esta supposta emenda e verdadeiro erro, tirou azo o outro professor Antonio das Neves Pereira para se illudir, ao ponto de inculcar esse erro como* UMA METAPHORA PROPRIISSIMA PELA ANALOGIA DA POSTURA DO ROSTO, OU FEIÇÃO, COM POSTURA DA TERRA, MONTE, *etc. E á vista d'estas e de outras semelhantes, fiae-vos lá nos commentadores!*

[4] V. 56. Refere-se o autor a Coimbra, *morada de Pallas* desde que El-Rei D. João III transferira pará ahi a Universidade de Lisboa.

[5] V. 57 e seguintes. N'essa oitava está perfeitamente caracterisada a cidade de Coimbra; primeiro, pelo aspecto que toma o Mondego por occasião das cheias; depois, pelo templo do Convento de Santa Clara (a velha) onde jazeu cerca de tres seculos o corpo da Rainha S. Izabel, até ser transferido para Santa Clara (a nova) no alto dos oiteiros que defrontam com a cidade; e finalmente por ter sido Coimbra até El-Rei D. Affonso III a cabeça do reino, e virem a ella os nossos monarchas fazer a ceremonia da sua coroação.

[6] V. 61. *Parece* por *apparece;* verbo aquelle desusado hoje.

[7] V. 75. Essa *branda nympha* é D. Ignez de Castro, causa involuntaria de tantas guerras entre El-Rei D. Affonso IV e seu filho.

O sangue d'esta infeliz ainda hoje a tradição crê encontral-o a ensanguentar a *fonte dos amores*, a que o nosso poeta allude n'esses versos; tradição erradissima (mas que se tem transmittido de geração em geração) pois não foi n'esse sitio, e sim n'uma sala do paço de Santa Clara que foi perpetrado o assassinio.

[8] V. 81 e 85. *Tomar-te o* TEU; *roubar á outra o* SEU; eis ahi locuções altamente alatinadas, e onde a ellipse do *negotium* se transmittiu do latim para a nossa lingua.

[9] V. 91 a 94. Hoje não empregariamos essa construcção : *forçar, obedecer, forçar ir*, sem a intromissão da preposição *a*.

[10] V. 93. *Joanna* é a Princeza D. Joanna de Austria filha do Imperador Carlos V.

[11] V. 159 e 160. Estes dois versos distinguem-se, por sua muita suavidade, dos versos usuaes de Antonio Ferreira.

[12] V. 172. *Lançado*, deitado, derribado.

[13] V. 185 e 186. Essa phrase parece-nos incorrectissima; e tão escura, que a não entendemos.

Parece-nos isto : o pastor Serrano meio estremunhado do somno e torpor em que a sua melancolia o sepultara, vê, quando acorda, o pastor Castilio junto de si, e diz que lhe parece vel-o saír de dentro da fonte junto da qual estão. O mais verosimil é que tão estremunhado estava o pastor Serrano, como o seu cantor Antonio Ferreira.

[14] V. 191 e seguintes. É de pasmar esse desleixo no rimar : *palavra* e *abra* não são rimas; são apenas toantes. Pouco acima rimou *sirvo* com *cativo!*

[15] V. 219. É pobre essa construcção : ver mudar aquella boa soltura de vida *em um de outro não fiar-se*. Hoje diriamos (salva a rima) ver mudar aquella boa soltura de vida *em geral desconfiança*.

[16] V. 226 e seguintes. Esse terceto é escuro.

[17] V. 258. O carvalho e o loiro entram ahi meramente como abrigos do perseguido do toiro. Suspeitamos porém que a tyrannia do consoante influíria muito na escolha d'essas arvores.

[18] V. 261. Esse verso tem sua amphibologia. Não se sabe se é *sangue embravecido*, se *porco embravecido*.

[19] V. 328 e seguintes. *Uma ave namorada em cada ramo* forma ahi um verdadeiro plural, que rege os verbos *cantavam*, e *serenavam;* ainda que rigorosamente a boa grammatica talvez condemne essa construcção.

[20] V. 334. O verbo *voavam* está ahi *transitivo*. Se para os outros meios de locomoção dizemos transitivamente : *andar um caminho, andar leguas, caminhar uma estrada, nadar um braço de mar, correr muitas terras, viajar toda a Europa, etc.*, porque não diremos tambem : *voar os ares, voar uma legua n'uma hora, voar o espaço que vai de monte a monte? etc.* É phrase que os modernos não fariam mal em adoptar.

[21] V. 335 e 336.

> Ali gado ou pastor nunca chegara,
> que logo se enxergára nas pégadas;

estes versos lembram o que diz Ovidio nas Metamorphoses :

> Fons erat illimis, nitidis argenteus undis,
> quem neque pastores, neque pastæ monte capellæ
> contingerant aliudve pecus.

[22] V. 413. Essa esphera que adornava o carro triumphal do Tejo é allusiva á divisa d'El-Rei D. Manuel, que deu ao Tejo o sceptro dos mares.

[23] V. 427 e 428. A Princeza, vindo de Hespanha, atravessava o Alem-Tejo, e vinha embarcar ao Barreiro, na margem meridional do Tejo.

[24] V. 431. *A mais partir;* não percebemos esta expressão.

[25] V. 435. Este Duque é D. João de Lancastre, Duque de Aveiro, encarregado por El-Rei D. João III de acompanhar a Princeza. Esses versos seguintes são o elogio do Duque.

[26] V. 444 e seguintes. O Duque D. João era effectivamente neto d'El-Rei D. João II, por ser filho do Mestre de Santiago D. Jorge. A ambos se allude n'esses versos.

[27] V. 448. O *cristallino carro* é a galeota ou bergantim real. *O grã Rei* é El-Rei D. João III que foi buscar sua nora á outra banda do Tejo.

[28] V. 450. *Vulcano e Marte* eram as salvas e fogos do ar com que a passagem d'El-Rei era festejada.

[29] V. 470 e 471. Que torta phrase! *A voz e a fermosura das nimphas* queria o poeta dizer.

[30] V. 525 e 526. Alludem esses dois versos ao lindo tempo que fazia durante as festas do recebimento da Princeza.

[31] V. 527 e seguintes. Ou o poeta de veras adivinhou o que viria a ser El-Rei D. Sebastião (o fruto unico d'este consorcio), ou essa estrophe seria acrescentada subsequentemente.

[32] V. 535.

Assi o fiam as Parcas nos seus fusos,

é o

Talia sæcla, suis dixerunt, currite, fusis
Concordes stabili fatorum numine Parcæ

da Egloga IV de Virgilio.

EGLOGA II.

Estava, por poucos mezes, a concluir os seus estudos, e a doutorar-se, quando escreveu esta Egloga o Ferreira ao prematuro falle-

cimento do Principe. *Janio* é a transformação pastoril do nome de *João*. Esta Egloga pode dizer-se piscatoria, pela qualidade de um dos interlocutores, e pelo sitio onde a acção passa.

[1] V. 3. *Do fado*. O *de* em portuguez nem sempre corresponde a genitivo; n'este passo por exemplo, seria ablativo em latim. Isso é mais um latinismo da nossa lingua.

Do significa ahi *pelo*. Depois dos verbos na passiva usamos isso muito. *Foi morto de sua mão, etc.*

[2] V. 26. *Nosso Sazio* é Francisco de Sá de Menezes, aio e camareiro mór do Principe.

[3] V. 31. Não sabemos que planta é *cassia*. Deverá talvez ler-se *casia*, que é uma planta aromatica; em latim *casia* ou *cassia*.

[4] V. 38. *Filis* é o nome com que ahi se encobre a Princeza viuva.

[5] V. 76.

> Janio de todos (de mim mais) chorado

recorda os versos de Horacio na Ode XXIV do Livro I:

> Multis ille bonis flebilis occidit
> Nulli flebilior, quam tibi, Virgili.

Esse pensamento repetiu Ferreira n'outras partes; como por exemplo: n'um soneto, e na elegia I.

[6] V. 85. *Espreitas* emboscadas, insidias.

[7] V. 89 e 90.

> ..... O som e o canto,
> o ar calado, o mar tornava manso.

Isto significa: o som e o canto tornavam o ar calado, e amansavam o mar.

EGLOGA III.

Esta Egloga foi provavelmente escripta antes de 1558, isto é antes dos vinte e tantos annos do autor, pois que Sá de Miranda (um dos celebrados n'ella) falleceu n'aquelle anno.

N'ella é celebrado alem do venerando autor dos Vilhalpandos um intimo amigo de Antonio Ferreira, Francisco de Sá de Menezes, filho de João Rodrigues de Sá. Custa-nos hoje a perceber, pelo pouco que

nos resta do espolio litterario d'este Francisco de Sá, como o severo autor da Castro poude equiparal-o ao grande Sá de Miranda.

De envolta com bellezas reaes tem esta Egloga falsidades e affectações intoleraveis.

[1] V. 7. *Ao pé;* esta expressão, hoje ambigua, significa um accusativo latino; isto é : *o gado de Castalio e de Serrano rodeava o pé, ou a base do ceiceiro*. Já mostrámos n'outra parte que a preposição *a* rege em portuguez muitas vezes o complemento objectivo da oração. O *ceiceiro* é o *salix* latino, que hoje chamamos salgueiro, e chamavamos *sinceiro;* d'onde vieram os *sinceiraes*.

[2] V. 50 e seguintes.

Musas ou vós me dae um verso brando,
qual a meu Sá, que a Phebo bem se iguala,
ou....., etc.

recordam estes versos o trecho da Egloga VII de Virgilio :

Nymphœ, noster amor, Libethrides, aut mihi carmen
Quale meo Codro, concedite; proxima Phœbi
Versibus ille facit: aut. .., etc.

[3] V. 54 e seguintes.

Pastores, coroae, que vai crescendo,
este novo poeta de hera e flores.

é traducção do

Pastores, hedera crescentem ornate poetam

da citada Egloga VII.

[4] V. 64. A respeito d'esse e dos seguintes versos apresentou o Senhor Visconde de Juromenha uma opinião, com que nos não podémos conformar, segundo, com a devida venia expendemos no cap. XXX do L. I.

[5] V. 70 e seguintes.

Crinaura entre uns salgueiros verdes via;
e sem me ver, a vista lhe furtava;
ella em me vendo, ria-se, e fugia.

lembra a Galatêa da Egloga III :

Et fugit ad salices, et se cupit ante videri.

[6] V. 74. Que me aproveita, Lesbia, ver-te e amar te?

é reminiscencia do

Quid prodest quod me ipse animo non spernis Amynta?

da Egloga III de Virgilio.

[7] V. 78. Triste a vista é do lobo ao manso gado;
o chuveiro á seara já madura;
ás arvores o vento; a mim o irado
rosto de Filis tão fermosa e dura.

corresponde ao

Triste lupus stabulis, maturis frugibus imbres,
arboribus venti, nobis Amaryllidis iræ

da citada Egloga III do mantuano.

[8] V. 86. De duas pombas achei hoje um ninho;
tuas, Crinaura, são, se as tu quizeres,
e teu será, se o tomo, o branco arminho;
Clorys m'o pediu já, se o tu não queres.

é visivelmente o

Prœterea duo, nec tuta mihi valle reperti,
Capreoli, sparsis etiam nunc pellibus albo,
Bina die siccant ovis ubera; quos tibi servo.
Jam pridem a me illos abducere Thestylis orat,
Et faciet, quoniam sordent tibi munera nostra.

da Egloga II de Virgilio.

[9] V. 125. Crescerá elle, crescereis, amores.
é traducção de

..... crescent illœ; crescetis, amores.

da Egloga X de Virgilio.

[10] V. 134. A quadra final d'esta Egloga III é suggerida pelos dois versos finaes da Egloga VII de Virgilio:

Isto só me lembrou do que cantaram;
e d'ali pera cá sempre nos montes
os pastores Castalio nomearam,
Faunos nos bosques, Nimphas em suas fontes.

Eis o latim:

Hæc memini, et victum frustra contendere Thyrsin.
Ex illo Corydon, Corydon est tempore nobis.

EGLOGA IV.

[1] V. 1 e 2.

Por Lilia em vivo fogo Aonio ardia,
Lilia prazer do Amor.

imitação dos versos da Egloga II de Virgilio :

Formosum pastor Corydon ardebat Alexin,
delicias domini.

[2] V. 4 e 5.

Entre uns bastos ulmeiros só se vinha
de tristes sombras

lembra

Tantum inter densas, umbrosa cacumina, fagos
assidue veniebat.

da mesma Egloga II.

[3] V. 37 e 38.

..... Tambem sou chamado
dos pastores poeta, e eu não os creio.

traduz bem

.. .. Et me fecere poetam
Pierides; sunt et mihi carmina; me quoque dicunt
Vatem pastores; sed non ego credulus illis.

da Egloga IX.

[4] V. 40 e 41.

Pois tão rustico sou, Lilia, ou tão feio?
pouco ha que me vi n'agua, etc.

traduz litteralmente

Nec sum adeo informis; nuper me in littore vidi.

da Egloga II.

EGLOGA VI.

[1] V. 1 a 8.

De Lycidas e Menalo pastores
o novo canto, etc.
. . . .
ao mundo perdoaram entretanto;
de Lycidas e Menalo o som canto

é repetição intencional que recorda o

Pastorum Musam Damonis et Alphesibœi

e o

Damonis Musam dicemus et Alphesibœi

que enceta e acaba o primeiro paragrapho da Egloga VIII de Virgilio.

[2] V. 32. Ajuda, frauta triste, os versos tristes

repetido no fim das oitavas lembra o

Incipe Mœnalios mecum, mea tibia, versus.

da Egloga VIII de Virgilio.

[3] V. 33. ..... Aqui os montes
aqui os pinheiros e altas faias fallam.

é talvez lembrança do

Mœnalus argutumque nemus pinosque loquentes
Semper habet

da Egloga VIII de Virgilio.

[4] V. 41. Ao rustico Serpillo se dá Flora
. . . .
Que se não poderá já ver no mundo?
que não esperaremos os que amamos?

é paraphrase do verso virgiliano

Mopso Nisa datur; quid non speremus amantes?

[5] V. 73 e seguintes. São quasi traducção dos versos da Egloga VIII de Virgilio:

Sepibus in nostris parvam te roscida mala,
Dux ego vester eram, vidi cum matre legentem.

Alter ab undecimo tum me jam ceperat annus;
Jam fragiles poteram a terra contingere ramos.
Ut vidi, ut perii!.....

[6] V. 95 e 96 e seguintes.

Isto Lycidas disse. O que cantava
Menalo, Apollo o diga, que o escutava.

lembra

Hæc Damon; vos, quæ responderit Alphesibeus,
Dicite, Pierides;

E Menalo principia :

Traze agua, etc.

como Alphesibeu cantava :

Effer aquam, etc.

[7] V. 104. Trazei-me, versos meus, o meu bom dia

é o

Ducite ab urbe domum, mea carmina, ducite Daphnim.

[8] V. 105. Só fallecem
versos. Versos a mortos tornam vida.
Com versos seccos campos reverdecem;
com versos a lua é nos ceos detida;
aos versos as serpentes obedecem;
d'elles foi já Proserpina vencida.

lembrança talvez d'estes :

.. .. Nihil hic nisi carmina desunt.
. . . .
Carmina vel cœlo possunt deducere lunam;
carminibus Circe socios mutavit Ulixi;
frigidus in pratis cantando rumpitur anguis.

[9] V. 121. Ata, Lycia, ata o laço de tres cores
com tres nós; e em atando dise : eu ato
de Marilia e Alcippo os bons amores.

traducção do

Necte tribus nodis ternos, Amarylli, colores;
necte, Amarylli, modo; et, Veneris, dic, vincula necto.

da mesma Egloga VIII.

[10] V. 137 e seguintes.

É notavelmente linda toda essa estancia.

[11] V. 166 e 167.

É Alcippo, ou me engana a fantasia?
Cessae, versos, já chega o meu bom dia.

é pouco mais ou menos o

Credimus? an, qui amant, ipsi sibi somnia fingunt!
Parcite, ab urbe venit, jam parcite, carmina, Daphnis.

do final da Egloga latina.

EGLOGA VII.

Como a Egloga II foi esta dedicada ao fallecimento do Principe, e ao nascimento de seu filho posthumo o Principe (depois Rei) D. Sebastião. Como toda a bucolica ferreiriana, estão esses versos repletos de recordações de Virgilio, muita vez mais no tom do que na expressão, como os estudiosos podem notar com facilidade.

[1] V. 6. De que tão doce sombra está caíndo

É feliz e muito virgiliano esse caír das sombras.

Majoresque cadunt, etc.

[2] V. 7. *Licida* por *Lycidas*, apocope.

[3] V. 25. A quem tu não deleitas, não espantas,
pareça Mevio bem, Bavio deleite;

é talvez lembrança do

Qui Bavium non odit amet tua carmina, Mœvi.

da Egloga III de Virgilio.

[4] V. 31. Um novo tarro, Lycidas, trasido
de estranhas terras, de um grã mestre obrado,
por onde licor nunca foi bebido

imita bem

Et nobis idem Alcimedon duo pocula fecit.
. . . .
Necdum illis labra admovi, etc.

Nem a essa exigencia consuetudinaria faltou o nosso erudito Ferreira. É frequente nos antigos esse uso de descrever : já escudos, já taças, já cestos, etc.; que o digam Homero, Virgilio, Moscho, etc.

[5] V. 43. Esse *pastor* é o Principe D. João.

[6] V. 53. Essa *nimpha* é a Princeza D. Joanna.

[7] V. 55. Juno Lucina, padroeira dos partos segundo a mythologia.

[8] V. 61 e seguintes. Na edição de que nos servimos estava

logo apoz AS nimphas;

e mais a baixo :

AS estrellas por Protheo, etc.

Era visivelmente um erro de imprensa; e uma d'essas preposições devia ser accentuada; ou ÁS *nimphas*, ou ÁS *estrellas*.
Preferimos para o sentido ÁS *nimphas*.

[9] V. 94. Este verso é dos que parecem errados ao ouvido portuguez, por serem raramente empregados. Os italianos usam-n-os pouco. Os francezes muito mais; mas esses não teem ouvido apurado para metrificação.

[10] V. 99. Daphnis choraram na montanha as feras;

choraram os lobos, os leões choraram.

foi suggerido pelo

..... Pœnos etiam ingemuisse leones
interitum, montesque feri silvœque loquuntur

da Egloga v de Virgilio.

[11] V. 108. *Gange* por *Ganges;* apócope.

[12] V. 109. ..... o destro em setta Partho.

Os cavalleiros da antiga Parthia eram insignes frécheiros, e disparavam settas contra os inimigos, ao passo que lhes iam fugindo no galope desenfreado dos seus cavallos.

Elle fuit, mais en Parthe, en vous perçant le cœur.

disse Corneille.

[13] V. 111. O nascimento d'El-Rei D. Sebastião fôra (segundo dizem os chronistas) mal agoirado. Podem os curiosos ler as visões so-

brenaturaes que a Princeza D. Joanna, já gravida, teve, na sua camara, e na varanda da pella, e que Barbosa Machado narra no tomo 1° das suas Memorias. Ahi tambem vem mencionado o cometa que por varias noites amedrontou Lisboa, por occasião da entrada da Princeza D. Joanna em Portugal. Tinha a forma de um athaude meio aberto. Outro não é senão esse *cruel cometa* a que allude Antonio Ferreira.

14 V. 128. *Contino*, *contina* escreviam e pronunciavam muita vez os antigos, menos exactamente que hoje pronunciamos e escrevemos.

15 V. 129. *Vás*, por *vais* no presente do indicativo.

16 V. 139. Daphnis, tu aos pastores ensinavas
como ao curral viria o gado bravo, etc.

e as duas oitavas seguintes, são paraphrase dos versos da Egloga v que principiam :

Daphnis et Armenias curru subjungere tigres
Instituit, etc.

17 V. 166. É hoje uma novidade esse *ennovar* n'essa accepção.

EGLOGA IX.

Tinha trinta annos o poeta Antonio Ferreira, quando escreveu esta Egloga. Vê-se que lh'a inspirou verdadeira tristeza, perante essa calamidade nacional. Para seu confidente escolhe Andrade Caminha, escondido sob o cryptonimo de *Androgeo*, com quanto elle toma aqui o cognomento que em mais de um passo dos versos o rebuça : *Alcippo*. Parece tel-a o poeta escripto em Lisboa.

1 V. 4 e seguintes. No 2°, 3°, 4°, 5° e 6° tercetos ha visiveis allusões, que não é porém facil adivinhar a que sejam. Lembra-nos que não seriam a coisas portuguezas. El-Rei D. João III era fallecido, sim, deixando a corôa pesadissima de Portugal sobre a tenra cabeça de um menino pequenino; mas em geral, o estado das coisas publicas não era (nos parece) tão medonho que motivasse esses terrores do poeta. Tudo isso seriam provavelmente allusões ás guerras religiosas que dilaceravam a Europa. Aquelle *lobo* que estava em espreita, era a heresia.

[2] V. 25 e seguiutes. Parecem indicar que Antonio Ferreira escreveria esta sua Egloga em Lisboa.

[3] V. 48 e seguintes. Essa transição da alegria dos pastores para a tristeza é de muito bello effeito.

[4] V. 61 e seguintes. Allude-se ás novidades da escola italiana, de que (no dizer do proprio Ferreira) foi Miranda o transplantador para Portugal.

[5] V. 64. *Tosca rima;* é um italianismo; rima *toscana* ou florentina; isto é a poesia de Petrarcha.

[6] V. 69 e 70. Francisco de Sá de Miranda falleceu em 15 de Março de 1558 na quinta da Tapada, nos arredores de Braga; pertencente hoje a um seu parente o Senhor D. Rodrigo de Azevedo de Sá Coutinho. De edificação contemporanea do grande poeta pouco ou nada subsiste hoje, segundo nos informam, a não ser uma fonte rustica no meio da quinta, onde se leem esculpidos não sabemos que versos do antigo senhor d'aquella casa, que por tantos motivos é historica.

Por sua avó paterna a Ex.ma Senhora D. Maria Amalia de Sá Coutinho, tia do actual proprietario, é parenta do autor dos Vilhalpandos a nossa illustre poetisa autora da *Primavera de mulher* a Ex.ma Senhora D. Maria Amalia Vaz de Carvalho.

[7] V. 111. Pode talvez deduzir-se do sentido d'esse terceto (ou muito nos enganamos) que Antonio Ferreira não logrou nunca a felicidade de ver e tratar de perto o seu mestre.

[8] V. 116. *Todo* em vez de *tudo*.

[9] V. 119. *Gange* em vez de *Ganges;* apócope.

[10] V. 126. *Sázio* é (como vimos n'outra parte) Francisco de Sá de Menezes.

[11] V. 140. Miranda jaz na Igreja de S. Martinho de Carrazeda, no Arcebispado de Braga, na Capella de Santa Margarida, segundo diz Barbosa, Mem. d'El-Rei D. Sebast., tom. I, pag. 130, citando a Hist. dos Arceb. de Brag., part. 2, cap. 77, nº 11.

EGLOGA XI.

Celebra esta Egloga os amores infelizes de Andrade Caminha com a sua decantada Filis, como a Egloga x de Virgilio celebrava as crueldades da famigerada comediante Lycoris. Parece ter sido escripta em Lisboa. Não ha mais instante e lacrimoso requerimento do que esse. Surtiria porém o seu effeito?

[1] V. 1, 2, 3. Este principio outra coisa não é senão o

> Extremum hunc Arethusa mihi concede laborem;
> Pauca meo Gallo, etc.

da Egloga x de Virgilio.

[2] V. 4. Estas expressões

> Androgeo meu, que eu amo, e me ama tanto

e outras muitas, que em innumeraveis passos das suas obras Ferreira dirige a Pero de Andrade, são quanto a nós uma presumpção de que este devia ser um bom caracter.

O *dise-me com quem lidas* é das maximas menos falliveis da sabedoria popular.

[3] V. 5. *Filis fermosa os leia* é de Virgilio.

> ..... Sed quœ legat ipsa Lycoris.

[4] V. 43 e 44. Nas suas poesias não cessa Andrade Caminha de se queixar das crueldades da sua Filis.

[5] V. 85. *Sic vos non vobis.....*

[6] V. 92. Alcippo, como temos visto, é o Ferreira. Não percebemos o sentido d'esse cognome, se o tem.

CARTAS

ADVERTENCIA AS CARTAS

São as Cartas de Ferreira as suas obras mais maduras, e talvez as mais perfeitas. Quasi todas parecem escriptas nos seus annos de residencia na côrte.

Poderia o autor ter-lhes chamado *Epistolas;* fôra mais horaciano sem duvida; e porque o não fez? figura-se-nos que por uma homenagem a Sá de Miranda, que era o introductor do genero, e dera ás suas o titulo de *Cartas.*

Considera Bouterweck tão diversas as cartas de Miranda das de Ferreira, que julga ser este o verdadeiro fundador do genero epistolar poetico em Portugal. Quadra inteiramente com a de tão abalisado critico a nossa opinião. Ha cartas de Ferreira, modelos de sensatez, elegancia e altiloquia. Da chaneza da conversação logra elevar-se á altura heroica; e com a penna despretenciosa desenha muita vez cartões de verdadeiros quadros.

LIVRO PRIMEIRO

CARTA II

A PERO D'ALCAÇOVA CARNEIRO

SECRETARIO

Dos segredos reaes segura guarda[1],
a cujos olhos se abre o real peito,
em cujo peito seus intentos guarda;
seja teu bom conselho sempre aceito
ao melhor, e mor Rei, que te escolheu
conforme em tudo a seu real conceito.
Quão ditoso aquelle é, que mereceu
aprazer a tal Rei! quão alvo dia,
em que tão claro ao mundo um sol nasceu!
Santa alma, real zelo, a quem só guia
amor, justiça, e paz, cujos bons mêos[2]
em ti busca, em ti acha, em ti confia.
Sãs lettras, justas armas, dois estêos
firmissimos do Imperio só tenhâmos.
Mais bens, se o mundo os tem, a outros Reis dê-os.
O Portugal antigo, que louvâmos[3]

de espritos rudes, de animos ousados,
que arte á sua guerra, á sua paz achâmos?
não escureço os feitos tão lembrados
de tantos Capitães, tantos Reis fortes,
que por divino esprito eram guiados:
as vidas desprezar, não temer mortes,
a mais imigos rostos mais seguros,
ousados votos, e ditosas sortes.
Alvos cavallos, arcos mil em muros,
mil palmas, e mil loiros mereciam,
mas não se honravam d'isso espritos puros.
Venciam os santos Reis, porém venciam
mais por ousado esforço, que por arte;
sem nenhum medo, a tudo ousados iam.
O grã poder de Deus deixado a parte,
que espantos hoje soam, que façanhas
do grande Portugal em toda a parte!
de tantos Capitães que artes, que manhas[4]!
de tantos cavalleiros que ousadias!
que victorias em terras tão estranhas!
já outros tempos, outros claros dias
nos nasceram; entrou arte, e sciencia,
de nosso esprito mais seguras guias.
Cresce co'o tempo mais a experiencia.
Não louvamos já bons succedimentos;
louvamos bom conselho, boa prudencia.
Em quanto tristes fins de bons intentos
Roma sofria, em quanto castigava
ditosos fins de máos commetimentos,
que mundos não vencia! que receava?
como tão grande imperio e paz só tinha?
quanto da má fortuna triumphava!

De armas, em justa guerra armada vinha,
de lettras em boa paz; e assi igualmente
de ambas sempre ajudada se sustinha.
Ditosa idade, bem lembrada gente,
que exemplos cá deixastes! que memoria
que do Occidente soa até Oriente!
mas quanto mor, quanto melhor historia
de Portugal já nasce! que escriptura
nova! que nova fama! que alta gloria!
Ah! deve-se áquella alma santa e pura
do nosso grande Augusto, bom Trajano,
que aquella clara idade torna escura.
Seu santo fim todo é desviar o dano,
que mal nos ameaça, destruindo
máo desejo, máo zelo, e máo engano.
A nova luz das lettras foi seguindo,
as fortes armas co'ellas governando,
de que tamanho bem ao mundo é vindo.
Entráram máos intentos, que danando
vão o conselho santo; já em mal
aquelle tanto[5] bem se vai mudando.
Inclinações danadas! que o que val
pera conservar paz, destruir guerra,
pera honra, e bem commum, e não pera al[6],
seguem só polo seu. Aqui se encerra
todo estudo, tod'arte; que fins santos
se esperarão de quem no intento erra?
De tantos livros, tanto estudo, e tantos
annos, que sae já agora? má cobiça,
risos de máos, e de innocentes prantos.
Aquella santa, aquella igual justiça
no bom zelo só está, não em livros mudos,

que zelos máos a tornam injustiça.
Não culpo os livros bons, os bons estudos,
como não culparia a boa espada,
bons elmos, bons arnezes, bons escudos.
Culpo, e praguejo aquella tão danada
alma, que pera mal usa do bem,
de seu cruel proveito conselhada.
Prudencia, e lealdade só sustem
os bons Imperios; d'aqui nasce o amor,
que ao povo o Rei, ao Rei seu povo tem.
Nunca os estados segurou temor.
Nunca foi o bom zelo desprezado.
Danou os bons desprezo, os máos favor.
O nosso bom João tão bem guiado
de seu esprito, viva em ti seguro,
e nos mais, de quem é bem conselhado.
Abrasam-se castellos, cae o muro.
Cansam forças, e braços, e ardidezas[7].
No bom conselho só está o bom seguro.
Do saber são as boas fortalezas.
Escolham-se bons zelos, bons espritos,
mais no mundo soarão nossas grandezas.
Aquelles claros feitos, altos ditos,
de que os livros são cheios, desprezemos.
Mores feitos ha cá, não tão bem escriptos.
Vençamos no melhor, o outro imitemos.

III

A PERO D'ANDRADE CAMINHA

Teu nome, Andrade, de que é bem que esperem
o de que se já sempre espantarão

quantos te vêm, quantos despois vierem;
teu raro esprito, de que se honrarão
as Musas, que de si tanto te deram,
e que tarde outro como a ti darão [1];
os bons escriptos teus, que mereceram
ou oiro, ou cedro [2], pois já n'essa idade
nos mostras n'elles, quanto em ti quiseram
as Musas renovar a antiguidade,
em teu amor acceso me leváram
a esta sã e confiada liberdade.
Do que se antigamente mais prezáram
todos os que escreveram, foi honrar
a propria lingua, e n'isso trabalháram.
Cada um andava pola mais ornar
com cópia, com sentenças, e com arte,
com que podesse d'outras triumphar.
D'aquella alta elegancia quanta parte
deves tu, Grecia, áquelle tão louvado
poeta, que assi soa em toda a parte [3]!
E tu, grã Tibre, de que estás honrado,
senão com a pureza dos escriptos
d'aquelle Mantuano celebrado?
Garcilasso [4], e Boscão [5], que graça, e espritos
déstes á vossa lingua, que Princeza
parece já de todas na arte, e ditos!
E quem limou assi a lingua Francesa
senão os seus Franceses curiosos
com diligencia de honra, e amor accesa?
e vós, ó namorados, e ingenhosos
Italianos, quanto trabalhastes
por serdes entre nós n'isto famosos!
Assi enriquecestes, e apurastes

vosso Toscano, que será já tido
por tal, qual pera sempre o vós deixastes.
Qual será aquelle povo tão perdido,
que a si não seja mais affeiçoado
que a outro estranho, e pouco conhecido?
Que barbaro não diz : « Mais obrigado
« sou eu a aproveitar a mim, e aos meus,
« que áquelle, que de mim está arredado? »
Gethas, Arabios, Persas, e Chaldeus,
Gregos, Romãos, e toda a outra gente,
nascem, vivem, e morrem pera os seus.
A vermos nós agora um excellente
capitão Portuguez de quantos temos,
de que se espanta, e treme o Oriente,
querer mostrar a ordem, que devemos
guardar na guerra, em lingua estrangeira,
quão certo, Andrade, é que nos riremos!
« Este (dirias) em vez da maneira
« nos querer ensinar como vençamos,
« faz outra gente contra nós guerreira. »
E tanto é mais razão que o nós sintamos,
quanto maior proveito nos cabia,
e quanto mór o dano, que esperamos.
O que entre a antiguidade mais se havia
por infamia, era desprezar a terra,
de que um [6] era filho, e em que vivia;
contra a qual não somente se diz que erra
o que desemparar, trahir, vender,
ou lhe mudar a boa paz em guerra,
mas quem com quanto dizer e fazer,
em seu proveito pode, o não fizer,
ou seja com bom braço, ou bom saber.

Duas cousas sómente se hão mister
na Républica boa : corpo, e alma.
Ditosa aquella, que ambos bons tiver.
O corpo, que por ferro, frio, e calma
rompa, e passe sem temor avante,
por que o imigo lhe não leve a palma.
A alma, que seja tão pura, e constante
em seu proveito e honra, que pareça
ter sua gloria e bem sempre diante ;
e que na paz, e guerra se offereça
a com prudencia e conselho a ajudar,
por que chamar-se filho seu mereça.
Por isso o grande Deus nos quiz formar
por suas santas mãos de carne e esprito,
porque de ambos haviamos de usar.
Quem com armas não póde, com escripto
poderá fazer tanto, que se ria
do que os esquadrões rompe, e inda co'um dito.
E não se honrava mais, e mais temia
aquella vencedora Esparta antiga
co'os ditos de Licurgo, que a regia [7],
que dês que ella, das armas e oiro amiga
os olhos lhe quebrou, e o desterráram?
patria contra si mesma ingrata, e imiga !
Oh ! quantos, quanto mor fama ganháram
co' a boa penna, que outros com a espada !
Quão mais ricas estatuas cá deixáram [8] !
Quanto foi mais sentida, e mais chorada
a morte do alto Homero por seu canto,
que a tua, Achilles, que elle fez honrada !
pois com quanta razão me eu mais espanto
do que em ti vejo, tanto ver perdido

sinto, o que me assi move a mágua e espanto.
Mostraste-te tégora tão esquecido,
meu Andrade, da terra em que nasceste,
como se n'ella não fôras nascido.
Esses teus doces versos, com que ergueste
teu claro nome tanto, e que inda erguer
mais se verá, a estranha gente os déste.
Porque o com que podias nobrecer
tua terra, e tua lingua lh'o roubaste,
por ires outra lingua enriquecer?
Cuida melhor que quanto mais honraste,
e em mais tiveste essa lingua estrangeira,
tanto a esta tua ingrato te mostraste.
Volve pois, volve, Andrade, da carreira,
que errada levas (com tua paz o digo)
alcançarás tua gloria verdadeira.
Té quando contra nós, contra ti imigo
te mostrarás? obrigue-te a razão,
que eu, como posso, a tua sombra sigo.
As mesmas Musas mal te julgarão;
serás em odio a nós, teus naturaes,
pois, cruel, nos roubas o que em ti nos dão.
Sejam á boa tenção obras iguaes;
e a boa tenção e obra á patria sirva [9];
demos a quem nos deu, e devemos mais.
Floresça, falle, cante, oiça-se, e viva
a portugueza lingua, e já onde fôr
senhora vá de si, soberba e altiva.
Se téqui esteve baixa, e sem louvor,
culpa é dos que a mal exercitáram;
esquecimento nosso, e desamor.
Mas tu farás, que os que a mal julgaram,

e inda as estranhas linguas mais desejam,
confessem cedo ante ella quanto erraram.
E os que despois de nós vierem vejam
quanto se trabalhou por seu proveito,
porque elles pera os outros assi sejam.
Se me enganei, se tive máo respeito,
Andrade, tu o julga ; mas espero
de te ser este meu desejo aceito.
E em quanto mais não peço, isto só quero.

IV

A ANTONIO DE SÁ DE MENEZES

Minha Musa, que baixa estava tanto,
que do chão não se erguia, já levanta
em teu grã nome differente canto.
Tu tão alta a pozeste, que se espanta
de como pode, e ousou subir tão alto,
que em ti se ergue, em ti falla, a ti já canta.
E com quanto é tão perigoso o salto,
em ti, Antonio, está tão confiada,
que não lhe chega medo, ou sobresalto.
Alta nobreza em ti tão bem empregada,
e de tanta nobreza esprito dino,
ó alma bem nascida, e tão bem dada!
Tal esprito direi eu claro, e dino
de immortal canto, e gloriosa fama,
que faz de um mortal homem ser divino.
Não é aquella nobreza, nem se chama,
que se ennobrece só de prata, d'oiro,
e n'elle põe seu estado, gloria, e fama.

Eu vejo aqui, e ali um grã thesoiro,
eu vejo armas antigas cá deixadas
d'este, e d'aquelle, que matou Rei Moiro;
mas que aproveita áquelle, de que olhadas
sómente são, mostral-as por vã gloria,
pois que por elle as vemos deshonradas?
Que lhe aproveita o repetir da historia
tantas vezes, e como foi tomada
a antiga sua bandeira na victoria,
pois assi como foi do avô ganhada,
por elle só tornou ser tão perdida,
que quasi ella se mostra envergonhada?
A gloria e honra á virtude é devida;
d'ella nasce, e se cria, e se sustem;
não se herda, não se compra; é como a vida.
O oiro a terra o cria, a terra o tem;
se alguma coisa val, é só por ser
um instrumento bom pera usar bem.
Mas ah! vemos que agora tal poder
lhe tem o mundo dado, que elle manda,
elle a virtude julga, elle o saber.
Por cima das estrellas já tal anda,
tão soberbo, e tiranno, que co'os Ceos
pouco, e pouco, o que pode, se desmanda.
Lança aos olhos d'alma uns negros véos,
com que assi a cega, e encanta, que não veja
se não suas ricas veias; nunca a Deus.
Então não lhe fallece quem peleja
por elle fortemente, em toda parte,
e tel-o por seu idolo deseja.
Por suas mãos a vida se reparte,
Por suas maõs a vida, a gloria, a honra;

e do que a melhor spera, é a pior parte.
O justo e sabio jaz ; e assi os deshonra,
que é necessario aos tristes contentar-se
do que em si tem, e saber que isso os honra.
Esperam quem os erga ; mas passar-se
vejo dias, e annos, sem o acharem,
té que de todo vem desesperar-se.
Que de que vem perderem-se, ou cansarem
os bons ingenhos? de que vem a virtude
encolher-se ? de a rirem assi, e pisarem.
Em tão rijos combates, tão a miude,
que animo bastará, que fortaleza,
se em parte alguma se não vê saude ?
Tu vês em que consiste já a grandeza;
em abater o que merece erguido,
e em levantar aos Ceos toda a baixeza.
Mas a este grande mal tem soccorrido
de pouco pera cá algum tanto as Musas
(mercê de quem nos foi tal don trazido) ;
já agora vão soffrendo mais escusas,
vão confessando que foi bom o saber
ao tiranno cruel de Syracusas[1].
Uns por dissimular, outros por ver
a que sabe isto, de que tanto riam,
vejo já começar, e proceder.
Ó bom Rei piedoso ! estes não viam;
tu lhes deste olhos novos, com que vêm;
por don tão grande as almas te deviam.
Já esta nossa terra ingenhos tem
das Musas bem criados, mas mal cridos,
que sempre o mal anda abatendo o bem.
Ingenhos nascem já, que a ser erguidos,

de honrosos loiros foram coroados ;
mas téqui de quem são favorecidos?
os prémios que aos que correm são mostrados,
porque aos ingenhos bons se negarão?
Sejam-nos bons juizes n'isto dados.
Em tua grã prosapia se acharão[2]
insignias triumphaes de Apollo, e Marte,
que os olhos dos que as virem espantarão.
De quem se não conhece, ou em que parte,
dos Sás o nome? onde se não fingem
as proezas, que a fama em mil reparte?
Onde tantos as Musas d'hera cingem?
onde armas victoriosas dão sinal
do claro sangue, de que os campos tingem?
Se estas sós duas coisas immortal
podem fazer um nome, que letreiro
se póde a este teu nome achar igual?
De palma coroado, e de loireiro
por mão d'Apollo e Pallas, achará
no Ceo e na terra o premio verdadeiro.
Mas eu não louvo, Antonio, isto que já
de longe herdaste; louvo o que em ti vejo,
que em só teu nome sempre viverá.
Esse bom zelo teu, esse desejo
de honrar as Musas, esse amor tão bom,
que eu tanto em nossos Principes desejo;
don dos Ceos dado á terra! ó raro don!
que sempre aquelles, que o favoreciam,
honráram as Musas com seu alto som.
As leis se violavam e se rompiam[3],
por dar vida aos bons versos Mantuanos;
cidades sobre o Grego contendiam[4].

Os bons ingenhos Gregos e Romanos
de homens como nós foram; mas viveram
entre homens bons, e Principes humanos.
As honras que lhes davam, só lhes déram
esprito, com que assi tão altamente
seus nomes pelas terras estendêram;
a honra cria, e faz a arte excellente[5].

VI

A JOÃO RODRIGUES DE SÁ DE MENEZES

NO PORTO

Antigo pae das Musas d'esta terra[1],
illustre géração forte, e prudente,
igual sempre na paz, igual na guerra;
viste-te já louvar da tua gente,
viste-te dos estranhos invejado,
e vês-te ora viver tão longamente.
Viste o bom successor d'esse morgado,
claro Antonio[2], com netos, que serão
herdeiros teus, de teu esprito, e estado;
e vês o grã Francisco[3], a quem se dão
as graças de tal Principe[4], qual vemos,
que Deus nos quiz formar de sua mão.
Dos outros[5] que direi, ou que diremos
de ti, se não « ditosos tu, e elles,
« ditosos nós, pois entre nós vos temos? »
Em ti os vemos, e a ti vemos n'elles.
Qual foi aquella estrella, que influiu
tal pae, taes filhos? chamal-a-hemos d'elles[6]?

Mas minha ousada Musa mais subiu
do que pode, e não pode ir mais avante;
querendo-te louvar, logo cahiu.
Necessaria é tua mão, que a levante;
necessario esse esprito, que lhe inspire
esprito novo, com que se erga, e cante.
Dá-lhe tu só favor, com que respire.
Forme-a a tua douta mão; verás grandezas
tuas, que o tempo, nem a inveja tire.
A ti, grã Sá, que havendo por baixezas,
por sombras, por enganos, e por ventos,
as que a céga opinião chama riquezas;
a ti, que nos Ceos pondo os pensamentos,
d'alli olhando o vão povo lhe fugiste,
(eu chamo povo onde ha baixos intentos)
pergunto, se essa estrella, que seguiste,
t'a mostrou a baixa terra, ou onde a achaste?
ou porque meios, com que olhos a viste,
que vendo-a logo assi lá te apartaste
do que se tanto estima; e se na terra,
e entre homens vives vãos, como os deixaste?
Como vives em paz em tanta guerra?
Como assi estás seguro em taes perigos?
Como acertas em quanto cá o mundo erra?
Eu por onde quer que olho, vejo imigos
nos homens, nas riquezas, nos estados;
tu d'elles usas só como de amigos.
Outros olhos, grã João, te foram dados;
outro esprito dos outros differente;
outro alto pensamento, outros cuidados.
Levou-te Phebo d'entre a céga gente
áquelle côro dos segredos seus [7];

o mundo d'alli viste claramente.
D'alli saiste tal, que já dos teus
serás chamado em vida só ditoso;
ah! se mais alto voassem os versos meus!
Oh! como esse teu nome glorioso
vejo! quão altamente soará
sempre o teu epitaphio tão famoso!
Já a ti em vivo te leva; e levará
por ti aos Ceos teus filhos o alto exemplo,
que em guerra, e em paz ao mundo ficará.
Quando tal vida, tal saber contemplo,
lembra-me, se tu fôras n'outra idade,
que estatuas já te erguêram, que alto templo!
Mas aquella honra dava a antiguidade
ás vezes cégamente, outras forçada,
as mais vezes porém por vaidade.
A muitos foi injustamente dada;
a ti só fôra dada justamente;
e tanto, quanto menos desejada.
Tu segues o saber por si sómente.
A virtude amas só pelo que val,
sem outra cor, e sem outro accidente.
Aos mais dos homens parecerás mal,
(eu digo d'estes homens, que cá vemos
feitos todos de terra, e de metal,)
que julgam as virtudes por extremos,
e os seus extremos sós não chamam vicios;
mas elles são-n-o, e nós os conhecemos.
Reprehenderão teus santos exercicios,
de ler, e de escrever, em que chorando
estás seus vãos desejos, seus officios.
Mas então te vejo ir já levantando

mais forte, e mais constante, pois pareces
tão differente dos que vás deixando.
Igual premio, bom João, ao que mereces,
é poderes dizer tu : « eu sou só,
« quem tu, profano vulgo, não conheces. »
Oh! que mágoa tamanha, oh! que grã dó
se deve ter de tão cégos enganos,
confiados em vento, em ar, em pó!
Como se os mores bens fossem seus danos,
assi os aborrecem, e o mal por bem
seguem; quando crerão seus desenganos?
Cégos, que não entendem, que não crem
que o homem no corpo é bruto; e semelhante
a Deus, só no saber, que d'elle vem.
Uma ave se achará, que melhor cante;
um bruto mais ligeiro, bravo, e forte;
outro, que da só vista mate, e espante.
Tambem verás que algum devinha a morte,
outro sabe ferido a herva buscar;
em morrer tens com elles igual sorte.
De que te podes, homem, gloriar
senão só da razão? se a mal empregas,
que nome com razão te podes dar?
Que as féras com ser brutas, com ser cégas,
seguem o bem, e guardam suas leis;
e tu quebras as tuas, ou as negas.
Não são os Reis mais homens por ser Reis:
nem vós, ó homens fortes e ligeiros,
maior alma que os mais fracos tereis.
Aquelles são sós homens verdadeiros,
que sómente o que é seu seguem e amam;
e quanto mais o seguem, mais inteiros.

Aquelles são sós homens, que se affamam
com letras, com saber, com que allumiam
o mundo; e tudo o mais[8] fortuna chamam.
D'este lume allumiados, quanto viam
desprezavam os sabios; n'este está
aquelle summo bem, a que subiam.
Com este viste a differença, que ha
de um homem a outro homem; e que baixeza
é quanto fóra d'isto o mundo dá!
Em mancebo mostraste fortaleza,
mas despois no que leste, então soubeste
quando esforço se diz, quando fraqueza.
Com isso o mundo, e a ti mesmo venceste,
d'ahi só tomando os preceitos seguros,
seguro assi entre os homens bem viveste.
Agora affirmarás que cavas[9], muros,
baluartes, bombardas, armaduras,
petrechos, vallos[10], minas, contramuros,
nem por piques trepar, nem aventuras
vãs de desprezar morte, dão victoria,
mas prudentes conselhos, e almas puras.
Enriqueceste o peito, e a memoria
d'altos exemplos dos antigos feitos,
que no mundo deixáram clara historia.
Enchendo a alma sã de sãos conceitos,
a razão segues, que te leve, e guie
pelos caminhos, que ao Ceo vão direitos.
Dirás que não é bem que se homem fie
nos homens, na fortuna; estarás rindo
do vão mundo, por mais que o contrarie.
Quando mais ocioso, então abrindo
os bons livros, regendo estás tua terra,

em ti as proprias leis tuas comprindo.
Sempre prestes e prompto[11] a paz e guerra,
no mór descanso mais te temerás,
crendo quanto a confiança ás vezes erra.
Assi esse nobre assento onde lá estás,
já de tão longe de teu sangue herdado
co'os meios, porque se houve, o sosterás[12].
De quem, grã Sá, não serás invejado
em claro sangue, em feitos, em saber,
em que esse antigo nome é celebrado?
Ditoso, pois soubeste assi viver,
ou maior, ou igual aos teus passados!
Ditoso, que não pódes já temer
principes, ou fortuna, ou morte, ou fados!

VIII

A PERO D'ANDRADE

D'este meu peito são, em teu são peito,
candidissimo Andrade, vão seguras
minhas palavras chãs, meu nú conceito.
I-vos d'aqui, fingidas, i-vos duras
linguas, e condições; pura clareza
saia de claros peitos, e almas puras.
Rio-me, bom amigo, da estreiteza
d'alguns curtos amigos, e da ousada
d'outros livres errada e vã largueza.
Seja a amizade facil, confiada,
doce, aprazivel, branda; mas honesta,
mas de sã liberdade acompanhada.

Pague-se amor fingido a quem o empresta;
mas quem bom amor dá, receba-o bom,
livre da tenção baixa, e deshonesta.
Oh! que doce harmonía, que igual som
faz a virtude em dois peitos, que d'ella
se ajuntam, se compõem! divino don!
Eu honro, e honrarei sempre a boa estrella,
que tal te me mostrou, e a mim te deu,
de Apollo amor, fama de Filis bella.
Ditosa e ingrata Filis, d'este teu
gentilissimo esprito tomo a parte,
que os Ceos me déram n'elle por bem meu.
Antes d'este mortal meu véo se aparte
est'alma, meu Andrade, que um só dia
deixe, como a si mesma, já de amar-te.
Tu em meus cégos passos foste a guia,
que ao Museu escondido me guiaste[1];
devo-te quanto sem te vêr perdia.
Cresceu sempre este amor, com que me amaste;
cresceria tua fama, se eu pudesse
cantar-te igual ao nome que ganhaste.
Dar-te-hia metaes ricos, se os tivesse;
em marmor deixaria em vivas cores
vivo esse esprito teu, se arte soubesse
igual á dos antigos, uns pintores[2],
outros em pedras taes, que com suas mãos
roubavam á natureza seus louvores.
Mas o Ceo negou-me isto; e esses tão sãos,
tão modestos desejos se contentam
tambem dos meus desejos todos sãos.
Folgas com versos; versos se presentam
meus, quaes são, ante ti; versos dão vida

ao digno de memoria, e o accrescentam.
As Musas cantam; d'ellas é sabida,
não de metaes, de cedros, de esculpturas,
a fama aos claros feitos concedida.
Caem as estatuas, gastam-se as pinturas;
aquelle brando canto é só mais forte
contra o tempo, que ferro, ou pedras duras.
Contra fogo, contra agua, e contra a morte
fica soando sempre; oh! tu ditoso,
a quem tão grande esprito coube em sorte!
Teu bom verso te canta; glorioso
faça teu nome; em todo mundo saia
tal som, que seja amado de invejoso;
que em tão ingratos tempos ora caia[3],
em tão duros ouvidos, outra idade
o cantará d'aqui á Oriental praia.
Se tão ousada fosse a liberdade,
como é o engano falso, eu ousaria
mostrar contra mil erros a verdade.
Em vão o desejo; em vão me queixaria
d'estes juizos cégos, que igualmente
gostam da Musa doce, e Musa fria.
Louvem-se os bons intentos, céga gente,
louvem-se as boas obras, bons espritos,
não seja o máo co'o bom indifferente.
Uns ditos serão graves; outros ditos
baixos, e despejados; de um louvor
quereis pagar os bons e os máos escriptos!
que gosto, que esperança, que fervor
acenderá um peito, que se inflame
a cantar, ou chorar o féro Amor,
que os claros feitos erga, heróes affame,

armas de pó victorioso ornadas,
que milagres despois o mundo chame;
se tão rudes estão, se tão cerradas
as orelhas ao som, que de Ennio a Maro
não fazem as differenças aprovadas?
Não sabem o escuro conhecer do claro,
proprio do improprio, não do brando o duro,
o vulgar baixo, do bom grave, e raro.
Isto está leve, e frio; isto maduro,
e doce; o estilo aqui vence o conceito;
aqui o conceito é bom, o estilo escuro.
Como os sem arte, como os sem preceito
tal estreiteza de arte, e de preceitos
notarão? quem não tem mais alto objeito
que seguir seu juizo nú, que aceitos
versos fará a Horacio, digo ás Musas?
Que os que desfaz, das Musas são desfeitos.
O bom louvas, Horacio, o máo accusas,
de bons ingenhos mestre artificioso,
não soffres falsas cores, vãs escusas.
Grave censor das Musas, quão iroso
te mostras contra aquelles máos profanos,
que se ousam coroar de loiro honroso!
Suem, e tremam, gastem bem seus annos
em teus preceitos, virão mais seguros
em ti, menos confiados em enganos.
Aquelles versos teus doces e puros
entenda eu sempre, e siga; elles abrandem,
elles dêm graça aos meus frios e duros.
A ti leiam, grã Flacco, apoz ti andem
meus olhos, tráz os que tambem te seguem,
como o bom Sá Miranda (a que os Ceos mandem

cantar mil annos cá, e então se entreguem
d'aquelle raro esprito); a estes contente
meu verso, minha prosa; os cégos ceguem.
Não soffrem as altas Musas meãmente
serem tratadas; tanto que do extremo
um pouco desço, caio baixamente[5].
Quem esprito me dá? como não tremo?
Como ouso tentar tanto! vós sabeis,
Musas, quanto vos amo, quanto temo.
Soberbas confianças não soffreis,
humilde imitação is levantando,
de juizos vãos leves não pendeis.
Andrade, eu vou seguro desprezando
ingenhos mal criados, a um só certo
juizo, bom, fiel sempre me atando[6];
juizo, que conheça ao longe, e ao perto,
que saiba comparar á boa pintura
o bom poema em tudo vivo e esperto,
a fria allegoria, a má figura,
a historia ou mal tocada, ou mal seguida,
a feia affeitação[7], sentença dura;
sentença boa, porém mal trazida,
palavras muito novas, muito antigas,
arte ou demasiada, ou esquecida;
o decóro, que quer que hua coisa digas,
outra cales, em outras vás detendo
o leitor; isto fujas, isto sigas.
De quem me isto apontar, irei pendendo,
ou me louve, ou reprenda; gente céga,
nem os estimo, nem me vão movendo.
Negue-me loiro Apollo; Pallas, nega
teu bom fervor, e esprito, se eu mal quero

aquelle ingenho bom, que bem se emprega.
Amo-o, honro-o, e sigo-o; o inculto e féro
em si só confiado não me apraz;
eu, Musas, a vós sigo, em vós espero.
Jaz vosso nome baixo, e escuro; jaz
mal entendido; vinde, desfazei
tal guerra contra vós, deixae-nos paz.
Vinde, Musas, armadas, soccorrei
a vossos loiros, e heras, que forçadas
vos levam os que não guardam vossa lei.
Sejam as boas cabeças coroadas
das sempre verdes folhas; outras sejam
de vossos sacros bosques desterradas.
Trazei-nos vossa luz, para que vejam
quão longe estais, quão altas, quanto acima
dos que em vão a chegar-vos se despejam.
Doutrina, arte, trabalho, tempo, e lima,
fizeram aquelles nomes tão famosos,
por quem a antiguidade se honra, e estima.
Ah! quem soffre uns Cherillos[8] tão pomposos
aquelles altos nomes ir tomando,
que foram aos que os ganháram tão custosos?
Magôa-se o bom sprito, se roubando
lhe vão seu preço, e a quem não é devido
juizes enganados o estão dando.
Um bom ingenho quer ser entendido;
não quer thesoiros, pede ouvidos puros,
em que seu verso caia bem sentido.
Levavam pedras, levantavam muros,
amansavam liões os doces cantos;
agora os homens sós lhes são mais duros.
Quem me désse a tal mágoa assi iguaes prantos,

que aquelles duros peitos desfizesse
de quem soccorrer pôde a males tantos!
Quem vida livre, quem já tal tivesse
authoridade, ó Principes, que á honra
do verso, antiga, e grande, vos movesse!
Não vos honram thesoiros, não vos honra
rico sceptro, alto estado, o mar, e a terra;
quantos isso danou! quantos deshonra!
Por escriptos viveis muitos em guerra,
muitos em paz já ganharieis gloria;
mas sabe-o a morte só, que tudo enterra.
Quanto mais cá soára a alta memoria
que nos deixou o grã Grego[9], que o mundo
correndo foi com guerra e com victoria,
se d'aquelle alto, heroico, e facundo
cantor de Smyrna[10] só fora entoado
seu nome dos antigos sem segundo!
De Lysippo[11] esculpido, e só pintado
d'Apelles, tavoas duras perecêram;
os papeis cremos só, de que é contado.
N'elles se vê com quanta gloria ardêram
de Grecia os Phrygios muros[12]; da alta Roma
como da terra aos Ceos outros se erguêram.
O Portuguez Imperio, que assim toma
senhorio por mar de tanta gente,
tanto barbaro ensina, vence, e doma,
porque assim ficará tão baixamente
sem Musas, sem esprito, que cantando
o vá do Téjo seu, ao seu Oriente?
Principe (mágoa nossa, que chorando[13]
sempre estarei) tu cedo levantáras
algum d'esses espritos, que ias criando.

Quão docemente, grã João, soáras
em todo mundo vivo! morto, soa;
honrem-te as Musas, que tu tanto honráras.
Quantos de tua mão justa coroa
de loiro recebêram! quantos de heras!
Herde teu filho[14] tua tenção tão boa.
Já ha muito, meu Andrade, que me esperas.
Levou-me mágoa grande do mal nosso;
iram-me condições de gentes féras.
Não posso o que desejo; o que só posso
te digo : está este tempo todo em preço;
não póde um ingenho já, Musas, ser vosso.
Do que esperei algu'hora, em vão me desço.
Cante, quem canta ao som dos seus louvores,
que eu nem os acharei, nem os mereço.
Esfriassem-se em mim meus vaõs ardores,
tivesse boa paz sempre comigo,
outros cantassem Reis, e Imperadores.
Sempre aos mais dos ingenhos foi perigo
escrever, os bons temem; escrevam ousados
esses, que tem grã credito comsigo.
Ditosos os que vivem bem calados
metidos em si mesmos, e contentes
de não serem ouvidos, nem julgados.
Se em mim algum juizo, ou amor sentes,
ou não escrevas, ou se escreves, pende
de um só juizo certo, a que contentes.
D'aqui nasce o louvor, d'aqui se estende
por todo mundo; em toda parte val;
o que uma vez é bom, nada o offende.
Ás vezes se diz bem, melhor, e mal;
assi se faz o livro; o bom prudente

louva o bom, risca o mal, em tudo igual.
Não dissimula vicio; se o consente
no amigo, fal-o seu; o amigo puro
em ti, como em si mesmo, é diligente.
Co'um olho só que vejas, mais seguro
irás, que com mil cégos. Põe diante
outra idade, outro tempo menos duro.
Dos mais claros Heróes um, que cante
escolha teu esprito; Real sugeito
tens na alta geração do grande Infante.
Ergue-te, meu Andrade, arça esse peito
inflammado de Apollo; cante, e soe
igual tua voz ao teu tão alto objeito.
Oiça-se o grã DUARTE, por ti voe
pelas bocas dos homens; de sua mão
inda Pallas, ou Phebo te coroe.
Em mim, Amigo, tens um peito são.
O mór preço te dou, tal m'o tens dado.
Ensina-me no que erro; á tua razão,
como a teu bom amor, fico obrigado.

X

A MANOEL DE SAMPAIO

EM COIMBRA

Das brandas Musas d'essa doce terra
pera sempre apartado, choro, e gemo,
em vãos cuidados posto, em dura guerra.
Sampaio, ah! que não vivo; ah! que arço[1], e tremo
com medo dos perigos, que cá vejo

taes, que do só seu rosto pasmo, e temo.
Aristippo[2] por mestre aqui desejo,
que com seu livre desvergonhamento
soltasse minha lingua, e inutil pejo.
Tudo se vence cá com atrevimento,
com lingua ousada, e mãos, com não temer,
com pôr a proa a todo mar, e vento.
Mas eu vou-me com Diogenes[3] meter
dentro em mim mesmo ; e aquelle doce espaço
me não lembra mais mundo, ou mais viver.
Quanto mundo alli rio ! alli desfaço !
que novos mundos crio ! quantas vezes
mouro[4] comigo alli ! quantas renasço !
ditoso aquelle, que contando os mezes
de sua idade vai alegremente,
sem ouvir de Hespanhóes, nem de Francezes[5].
Ditosa, oh ! quão ditosa aquella gente,
que em sua simpres[6], sã rusticidade
a noite traz o dia vê contente !
Quão triste, e dura vida a da cidade
cheia de pôvo vão ! quão perigosa
a da Côrte a toda alma, a toda idade !
Esta cidade em que nasci, fermosa,
esta nobre, esta cheia[7], esta Lisboa
em Africa, Asia, Europa tão famosa,
quão differente em meus ouvidos soa,
quão differente a vejo, do que a vê
o espirito enganado, que no ar voa !
Este idolatra pôvo, que só crê
no thesoiro seu deus, assi se céga,
que em al não cuida, ou escreve, ou falla, ou lê.
Que fé, que sangue já, que amor não nega

pelo seu amor proprio? que alma, ou vida
lhe não dá, lhe não vende, ou não entrega?
Aquella grã rua nova conhecida
por todo mundo[8], que outra cousa conta
senão da náo ganhada, ou náo perdida?
Ah! que triste miseria! ah! grande afronta,
não ousar levantar-se um bom esprito
a outro cuidado, outra mais alta conta!
Quão claro aquelle, que ou por feito, ou dito,
deixou nome immortal, e glorioso
exemplo aos seus em proveitoso escripto!
Igualmente direi sempre ditoso,
ou quem fez coisas dignas de memoria,
ou quem pôz em memoria o proveitoso.
Esta é a vida, esta honra, esta é a gloria
tão amada d'aquelles, que deixáram
em guerra, e em paz ao mundo clara historia.
Quão prodigos das vidas derramáram
seu generoso sangue! quão contentes
por boa morte as vidas venturáram!
Roma, a grã Roma Imperatriz das gentes,
com que a soberba Grecia escureceu?
com que tornou suas terras obedientes?
Com gloriosa inveja se moveu
usar das gregas leis; com sua doutrina,
com suas proprias armas a venceu.
Com ellas todo mar e terra inclina
ás vencedoras aguias, que voando
levam por todo mundo a honra latina.
Aquillo, a que se vão affeiçoando
nossos olhos e esprito, ou tarde ou cedo
nos levam, se os deixamos ir levando.

Tambem tem seu começo o esforço, ou medo;
seu começo o desejo, ou odio d'honra;
vem azos, passa o tempo, não está quedo.
Quem seus olhos alçou áquillo que honra,
e acceso de sua gloria o foi seguindo
té fim, tudo o mais baixo ha por deshonra.
Quem a vontade assi zombando, e rindo
deixou levar apoz seu cégo gosto,
de todo mais saber se esta sorrindo.
Vês aquelle tornar com lédo rosto
do sangue e suor das armas bem corado,
defendendo o lugar em que foi posto?
Quão confiado chega! quão olhado
por onde quer que vai! quão recebido
d'homens! quanto de damas festejado!
Vês d'outra parte est'outro, que perdido
seu tempo, seu desejo, baixo, e vil,
não entre aquella gente conhecido[9]?
Tantos dobrões antigos n'um ceitil
infame e vergonhoso se tornáram,
que ás vezes anda em vão pedindo a mil.
Ambos suas estrellas os leváram.
Mas um seguiu sua boa; outro da má
não quiz fugir, que ellas nenhum forçáram.
Quão caro custa o bem, que o mundo dá!
Sempre em dor, ah! sempre em rependimento
o mór seu gosto acaba, e acabará.
Espritos vagos, vaõs, como do vento
viveis? como seguis quem tanto dana?
Em que assi descansais o pensamento?
Ah! que um só doce canto nos engana
de sereias crueis, que no mór mal,

no mór perigo em vão nos desengana!
Quanto, Sampaio meu, quanto mais val,
meu bom amigo, um ocio, livre, e honesto,
que as Indias guerrear de Portugal!
India, Guiné, Brasil, e todo resto
do mundo, a que nos chama, a que convida
em mundo, assi ambicioso, e deshonesto?
Que bem, que alegria ha, que destruida
não seja de mil males, que em espreita
parece que tem sempre nossa vida?
Busquemos uma estrada mais direita,
amigo, com saude, e com descanso
de vida, inda que humilde, aos Ceos aceita.
Do fresco prado pelo rio manso
em leve barco, verde de mil ramos,
de mil flores, rememos manso e manso.
Mais ondas, mores mares não queiramos;
com nossa baixa véla, mas segura,
cheguemos ao bom porto, a que guiamos:
tu em castos desejos alma pura
sãmente contemplando, já mais que homem,
no que te deu teu sprito, não ventura;
eu em quanto uns cuidados crueis me comem,
no que me representam enlevado,
iremos, té que os veja, ou que m'os tomem.
Esprito meu, esprito tão cansado,
descansarias ora, se chegasses
áquelle teu bom fim tão desejado.
Se esta minh'alma triste perguntasses,
Sampaio, de que vive, ou em que espera,
sei que de seus desejos só chorasses!
Quem me déra no mundo, ah! quem pudéra

ter comtigo uma vida, qual desejo,
que a ambos prazer, e offensa a ninguem déra!
Pendurado ando todo de um desejo.
Se eu algum'hora o visse, tu verias
o claro fogo, em que arder me vejo.
Oh! doces, oh! ditosos os meus dias,
se a tal estado chegam, que igualmente
os passassemos inda em alegrias!
Não alegrias, quaes as quer a gente,
d'alvoroços, de festas, de pandeiros,
mas de amor, de prazer, que alma só sente.
Ao som das aguas, sombra dos ulmeiros,
no doce collo de sua mãe fermosa
fermosos visse eu inda os meus herdeiros;
não soberba, não seca, não pomposa,
mas branda, humilde, casta, sábia, e santa,
fermosa sempre a mim, nunca queixosa.
Já a vejo, já se assenta, já me canta
ao som da doce lira os doces cantos,
que eu não compunha em esperança tanta.
Alli vejo acabar meus tristes prantos;
alli novos prazeres, novas festas
nascem de amor, e de deleites santos.
Tu chegas, meu Sampaio, e alli me emprestas
toda tu'alma, todo teu bom siso,
com que esta minha vida mais honestas[10].
Temperas gravemente o solto riso
de meu contentamento; e então me ensinas
subir por este ao outro Paraiso;
pisando ora a herva verde, ora as boninas
roxas, azues, e brancas desfolhando,
com historias humanas, e divinas.

Vejo-me estar ouvindo, a ti contando,
pendendo da tua boca, té que as horas
de mudar o lugar nos vem chamando.
Ajunta o precioso oiro, que adoras,
avaro cobiçoso, taes riquezas,
que avidas temes, que perdidas choras.
Procura honras, estados, e altezas,
ambicioso vão; farta esse peito,
que em fim comtigo acabam essas grandezas.
Visse eu do que desejo santo effeito
com saude, com livros, com meã vida[11],
com ter de mim em minh'alma bom conceito!...
Se ella mais desejar, não seja ouvida.

XI

A DIOGO DE BETANCOR

Que poderosas hervas n'essa Beira,
que aguas tão esquecido te tornáram
tão cru, meu Betancor, ao teu Ferreira?
Se novas Nimphas, novo amor, criáram
n'esse teu brando peito doce fogo,
nas minhas tuas chammas se esfriáram.
Entra zombando, entra entre riso e jogo
brandamente o Amor; e então se mostra,
quando já não aproveita choro, ou rogo.
Que arte, que graça põe n'uma só mostra!
Que viveza, que força, quando a esconde!
Quão sabiamente finge o que demostra!
Menino, que não falla, nem responde,

mas com aquelle silencio póde tanto,
que sentimos a força, sem ver d'onde.
Eu em suas coisas já perdi o espanto.
Conhecido me fez em toda parte
com tristes vozes, com saudoso canto.
Já provou toda a força já toda arte
n'esta alma, em que só quiz fazer vingança
de offensas, em que a triste não tem parte.
Moço cruel, que á minha conta lança
as offensas, e as iras, de quem sabe
ter só pera meu mal de mim lembrança!
Não permittam meus fados, que eu acabe
em tanto dano meu, tão grã perigo,
em que nem força val, nem razão cabe.
Inda que assaz conselho tens comtigo,
ouve porém, em quanto soffre a idade,
o que te lembra, amigo, um teu amigo.
Quanto vai do engano, á sã verdade,
tanto vai de um amigo ao lisongeiro;
um te falla á razão, outro á vontade.
Esse esprito tão puro, tão inteiro,
nascido pera honra, e pera gloria,
não o desças em baixo captiveiro.
Não t'o levem em triumpho, em vã victoria,
mas vergonhosa a ti, baixos affeitos[1],
que á vida e alma deixam baixa historia.
Enche de tenções altas teus conceitos,
iguaes áquella santa alta doutrina,
que entra de livros santos em sãos peitos.
Sogiga[2] teu juizo, e todo o inclina
a firme e verdadeira fé, sem quê
nenhuma alma criada é dos Ceos dina.

Engana-se o olho fraco no que vê;
engana-se o juizo confiado;
só a humildade entende, adora, e crê.
Ditoso esprito, bem aventurado,
que aprende só de Deus, que de Deus falla,
já em corpo mortal aos Ceos levado!
Começas; ouve agora; crê, e cala;
vai seguro na fé dos que te guiam,
té que Deus pera os outros te dê falla.
Se alguns máos movimentos te desviam
(por ventura d'Amor) do santo estudo,
teme em ti o que em mim todos temiam.
Quão pouco ha que me vias surdo e mudo[3]
pera ouvir, e pedir cura a meu mal!
Entrou conselho bom, curou já tudo.
Mudou-se aquelle amor em outro igual,
mas d'outro novo fogo casto, e puro,
que quanto mais vivo é, tanto mais val.
Não quero ser tão largo, nem tão duro,
que te ate todo, ou solte livremente;
faze-te aqui sómente forte muro.
Coisa santa, mas rara, alma innocente
em poucos se acha; cahirás um'hora;
logo em te levantar sê diligente.
Já que a mór perfeição não chega agora
ao mundo fraco, aquelle é o melhor,
que menos máo dentro é, menos de fóra.
O pequeno erro público é maior
que os maiores secretos; o segredo
o mór dos erros grandes faz menor.
Tanto póde a vergonha, tanto o medo,
que ou esconde, ou encolhe; onde fallecem

estes, traz o mal vem castigo cedo.
Mas os espritos bons não obedecem
por força; só a razão, só a virtude
os leva traz o bem, que alli conhecem.
Ama tu'alma, ama tua saude;
não empeça uma á outra; andem confórmes;
irmãmente uma á outra sempre ajude.
Se ris, se estudas, vélas, andas, dormes,
não receba do corpo o esprito dano,
nem todo em puro esprito te transformes.
Co'os homens, co'os amigos sê humano.
Fuge de pesadumes, de tristezas,
que te farão soberbo, ou deshumano.
Quem se põe logo em duras estreitezas,
que a idade não soffre, esfria, e cansa,
vem-se despois soltar em mil larguezas.
Sã alma em corpo são, condição mansa,
boas fallas, boas graças, brando riso,
alegra a vida, e sua dureza amansa.
Convem viver assi entre jogo e siso,
com nossas horas sempre revezadas,
não perdendo das almas bom aviso.
No mór seguro são mais salteadas
de honras vans, de esperanças, crueis imigos,
de que nos bons espritos são tentadas.
Trazem dissimulados seus perigos.
Não te cansem inda agora esses cuidados.
Repousa o pensamento co'os amigos.
Nunca os santos desejos desprezados
foram dos Ceos; quem de lá os vê nas almas
os faz claros aqui, nos Ceos honrados.
Despreza os loiros vãos, soberbas palmas

dos que vencem os homens, não a si;
se te vences, ao Ceo levanta as palmas.
O que sempre em teu esprito conheci
te levantará cedo ao que mereces;
claros sinaes d'esta verdade vi.
Ditoso tu, que já por ti conheces
o que deves seguir, o que deixar;
mais ditoso, se já bem te obedeces!
Quando dos livros santos te cansar
o grave estudo, vai-te á natureza,
em que aprendeste bem philosophar.
Medirás com desprezo a redondeza
baixa da terra, quando os olhos cheios
trouxeres do alto Ceo, da clara alteza.
Rir-te-has das cégas sombras, dos rodeios,
com que aquelles Gentios foram dando
com a verdade por escuros meios.
Outra mais clara luz alumiando
nossa cegueira foi; luz, que alumia
todo o que com bom zelo a vai buscando.
Acharás na moral philosophia
bons preceitos, a fim de amor e paz[1],
aos Ceos da terra necessaria guia.
E quê sem bom amor a Deus apraz?
Em vão vive, em vão obra, em vão deseja,
quem o bem, que deseja, a outro não faz.
Nem de ti desprezada tambem seja
das nove Irmãs a grave e doce lyra,
que teu peito inquieto assente, e reja.
Deleita suavemente, amansa a ira,
Compõe nossos affeitos; move, abranda;
nspira altos conceitos, baixos tira.

Don divino, don raro, quão baixo anda!
Mas tu o levantarás cedo, se queres
soltar ao doce som tua voz tão branda.
Se todo tempo ao grave estudo deres,
como arco sempre armado ficarás
com menos força, quando a mais quizeres.
Porque, meu Betancor, não cantarás,
se ao som da harpa o santo Rei cantava?
Porque o divino don desprezarás?
Ora triste, ora alegre temperava
do psalteiro[5] divino as altas cordas,
em público, em secreto a voz alçava.
Quão docemente dormes! como acordas
co'o peito socegado, que adormece
ao doce som, que tu tão bem concordas!
Não te fallece lyra, não fallece
esprito; Grecia, Roma, Italia, Hespanha,
sua lyra ao teu canto te offerece.
Ora entoarás o triste engano, e manha[6]
do incendio Troiano ao som mais grave
de quem lhe deu, cantando-o, honra tamanha.
Ora d'aquelle moço, que como ave
voando entre nós anda, e despejando
seu coldre, a elle leve, ás almas grave.
Meu Betancor, assi se vai passando
este desterro nosso; tu procura
por contente viver, té que voando
vamos d'esta baixeza á clara altura.

XII

A DIOGO BERNARDES

Fez força ao meu intento a doce, e branda
Musa tua, Bernardes, que a meu peito
dá novo esprito, novo fogo manda.
Como um juizo queres, que sujeito
vive a tantos juizos, se não guarde
de tanto riso, e rosto contrafeito?
Quanto em mim mais das Musas o fogo arde,
tanto trabalho mais por apagal-o;
quanto o silencio val, sabe-se tarde.
A medo vivo, a medo escrevo e fallo;
hei medo do que fallo só comigo;
mas inda a medo cuido, a medo calo.
Encontro a cada passo co'um imigo
de todo bom esprito; este me faz
temer-me de mim mesmo, e do amigo.
Taes novidades este tempo traz,
que é necessario fingir pouco siso,
se queres vida ter, se queres paz.
Vida em tanta cautella, tanto aviso,
quando me deixarás? quando verei
um verdadeiro rosto, um simpres riso?
Quando a mim me crerão, todos crerei
sem duvidas, sem cores, sem enganos,
e eu, que de mim mesmo seja Rei!
Ah! tantos dias tristes, tantos annos
levados pelos ares em desejos

de falsos bens, e nossos tristes danos!
A quem os deixa e foge, quão sobejos
lhe parecem mais bens, que os que só bastam
desviar da virtude os cégos pejos!
Quantos as vidas, quantos almas gastam
em buscar seu perigo, e sua morte,
e traz ella seus jugos crueis arrastam!
Aquelles vivem só, a que coube em sorte
ao som da frauta, que dos hombros pende,
o mundo desprezar com sprito forte.
Toda minh'alma em desejar se estende
a doce vida, que tão doce cantas,
que quasi a força quebra, que me prende.
Mas ajunta a estas forças outras tantas,
todas quebraria eu, se azas tivesse,
com que chegasse onde me tu levantas.
Se eu podesse, Bernardes, se eu podesse
ser senhor só de mim, eu voaria
onde do vulgo mais longe estivesse.
Alli quão livremente me riria
de quanto agora choro! alli meu canto
livre por ares livres soltaria.
Em quanto me vês preso, amigo, em quanto
sem esprito, sem forças, não me chames
com teus versos, que a ti só honram tanto.
Por mais que me desejes, mais que me ames,
não empregues em mim tão cegamente
teu canto, com que é bem que heróes affames.
Mas tratarei comtigo amigamente
do conselho que pedes; juizo e lima
tem em si todo humilde e diligente.
Quem tanto a si mesmo ama, tanto amima,

que a si se favorece, e se perdoa,
que esprito mostrará em prosa, ou rima?
Taes são alguns, a que triste a hera c'roa
roubada do vão povo ao claro esprito,
que esconder-se trabalha, e então mais soa.
Aquelle dá de si publico grito;
este cala, e se encolhe; o tempo em fim
um apaga; immortal faz do outro o escripto.
A primeira lei minha é, que de mim
primeiro me guarde eu, e a mim não creia,
nem os que levemente se me rim[1].
Conheça-me a mim mesmo; siga a veia
natural, não forçada; o juizo quero
de quem com juizo, e sem paixão me leia.
Na boa imitação e uso, que o féro
ingenho abranda, ao inculto dá arte,
no conselho do amigo douto espero.
Muito, ó poeta, o ingenho pode dar-te.
Mas muito mais que o ingenho, o tempo, e estudo.
não queiras de ti logo contentar-te.
É necessario ser um tempo mudo;
ouvir, e ler sómente; que aproveita
sem armas, com fervor commetter tudo?
Caminha por aqui. Esta é a direita
estrada dos que sobem ao alto monte,
ao brando Apollo, ás nove Irmãs aceita.
Do bom escrever, saber primeiro é fonte[2].
Enriquece a memoria de doutrina
do que um cante, outro ensine, outro te conte.
Isto me disse sempre uma divina
voz á orelha; isto entendo, e creio.
Isto ora me castiga, ora me ensina.

Cada um pera seu fim, busca seu meio;
quem não sabe do officio, não o trata;
dos que sem saber escrevem o mundo é cheio.
Se ornares de fino oiro a branca prata,
quanto mais e melhor já resplandece!
tanto mais val o ingenho, se á arte se ata.
Não prende logo a planta, não florece,
sem ser da destra mão limpa, e regada;
com tempo e arte, flor, fruito, parece.
Questão foi já de muitos disputada
se obra em verso arte mais, se a natureza?
Uma sem outra val ou pouco, ou nada.
Mas eu tomaria antes a dureza
d'aquelle, que o trabalho, e arte abrandou,
que d'est'outro a corrente, e vã presteza.
Vence o trabalho tudo : o que cansou
seu esprito e seus olhos, algum'hora
mostrará parte alguma do que achou.
A palavra, que sae uma vez fóra[5],
mal se sabe tornar; é mais seguro
não tel-a, que escusar a culpa agora.
Vejo teu verso brando, estilo puro,
ingenho, arte, doutrina; só queria
tempo, e lima, de inveja forte muro.
Ensina muito, e muda um anno, e um dia;
como em pintura os erros vai mostrando
despois o tempo, que o olho antes não via.
Corta o sobejo, vai accrescentando
o que falta; o baixo ergue; o alto modéra,
tudo a uma igual regra conformando.
Ao escuro dá luz, e ao que podéra
fazer dúvida, aclara; do ornamento

ou tira, ou põe; co'o decóro o tempéra.
Sirva propria palavra ao bom intento;
haja juizo, e regra, e differença
da pratica commum ao pensamento.
Dana ao estilo ás vezes a sentença;
tão igual venha tudo, e tão conforme,
que em dúvida estê ver qual d'elles vença.
Mas diligente assi a lima reforme
teu verso, que não entre pelo são,
tornando-o, em vez de ornal-o, então disforme.
O vicio, que se dá ao pintor, que a mão
não sabe erguer da taboa, fuge; a graça
tiram, quando alguns cuidam que a mais dão.
Roendo o triste verso, como traça,
sem sangue o deixam, sem esprito e vida.
Outro o parto sem forma traz á praça.
Ha nas coisas um fim; ha tal medida,
que quanto passa, ou falta d'ella, é vicio;
é necessaria a emenda bem regida.
Necessario é, confesso, o artificio,
não affeitado; empece á tenra planta
o muito mimo, o muito beneficio.
Ás vezes o que vem primeiro, tanta
natural graça traz, que uma das nove
deusas parece que o inspira, e canta.
Qual é a lingua cruel, que inda ouse, e prove
em vão alli seus fios? deixe inteiro
o bem nascido verso; o máo renove.
Não mude, ou tire, ou ponha, sem primeiro
vir aos ouvidos do prudente experto
amigo, não invejoso, ou lisongeiro.
Engana-se o amor proprio, falso, e incerto;

tambem se engana o medo de aprazer-se;
em ambos erro ha quasi igual, e certo.
Para isto é bom remedio ás vezes ler-se
a dois ou tres amigos; o bom pejo
honesto ajuda então melhor a ver-se.
Alli como juiz então me vejo;
sinto quando igual vou, quando descaio,
quanto d'outra maneira me desejo.
Quando eu meus versos lia ao meu Sampaio[4],
« muda (dizia) e tira; » ia, e tornava;
« inda (diz) na sentença bem não caio. »
O que mais docemente me soava,
o que me enchia o esprito, por máo tinha;
o que me desprazia me louvava.
Então conheci eu a dita minha
em tal amigo, tão desenganado
juizo, e certo, em que eu confiado vinha.
Quem d'olhos tantos lido, quem julgado[5]
de tanto imigo ás vezes ha de ser,
convem tempo esperar, e ir bem armado.
Isto me faz, Bernardes meu, temer
no teu, como no meu; não val escusa;
doe muito ver meu erro, e arrepender.
Quem louva o bom? quem bom e máo não accusa?
Mas tu não tens razão de temer muito;
a si te alça, e te leva a branda Musa.
Deixa só madurar o doce fruito
um pouco; deixa a lima contentar-se;
inventa, e escolhe então o melhor do muito.
Eu vejo cada dia accrescentar-se
em ti fogo mais claro, e o ingenho teu
cada dia mais vivo levantar-se.

Então darás com gloria tua o seu
grã premio ás Musas, que te tal criáram,
vida a teu nome, qual a fama deu
a muitos, que da morte triumpháram.

LIVRO SEGUNDO

CARTA I

A EL REI D. SEBASTIÃO

Rei bemaventurado, em quem parece
aquella alta esperança já comprida
de quanto o Ceo e a terra te offerece;
fermosa planta de Deus concedida
a lagrimas d'amor e lealdade,
só nosso bem, vida da nossa vida;
em quanto essa innocente e branda idade
por Deus crescendo vai felicemente
té o mundo encher de nova claridade;
em quanto este teu povo, e o d'Oriente
novo accrescentamento por ti esperam
d'outros Reis, d'outra terra, d'outra gente;
taes promessas os Ceos de ti nos déram
no teu tão milagroso nascimento,
e esprito igual em ti n'ellas puzeram;
eu levado d'amor de santo intento
(quem ante essa brandura temeria?)
deter-te com meu verso um pouco tento.

Despois virá um tão ditoso dia,
que as tuas Reaes Quinas despregadas
na multidão de toda a Barbaria,
as victoriosas frótas carregadas
das cativas coroas e bandeiras,
d'outro esprito maior sejam cantadas.
Agora ouve, Senhor, as verdadeiras
guias, que levam os Reis a essa alta gloria;
não duras armas só, velas ligeiras.
Quantas armadas conta a antiga historia,
quantos grandes exercitos perdidos
a mais poucos deixáram já victoria!
Esses tanto no mundo conhecidos,
cujos nomes venceram tantos annos,
não foram só por força obedecidos.
Não se sogigam corações humanos
de boa vontade á força; um peito aberto
os vence de bom amor, sem arte e enganos.
N'esta sombra, onde tudo anda encoberto,
quem da verdade vê mais que a figura?
Quem seu passo direito leva, e certo?
Uns falsos longes de uma vã pintura
com sua cor ao parecer lustrosa
quantos detem co'a falsa fermosura!
Não tem cores, não dobras a fermosa
verdade. Que buscais, ó gente céga?
Humilde, e nua está, não tão custosa.
Não é um só Cupido, que almas céga.
Mais ha no mundo que uns sós vãos amores,
que é tudo, o em que a vontade mal se emprega
Aquelles que do Amor foram pintores,
que os olhos lhe tiráram, e o descobríram,

pintáram para Reis, e Imperadores.
Altos ingenhos! que em figura viram
as forças d'este proprio Amor imigo,
que moço, e cégo, e nú, e cruel fingíram.
Cada um traz em si mesmo seu perigo
herdado d'esta natural fraqueza,
que tanto faz um homem de si amigo.
Iguaes somos, Senhor, na natureza;
assi entramos na vida, assi saimos;
o entendimento é nossa fortaleza.
Igualmente de um só principio vimos;
igualmente a um fim todos corremos;
e uma estrada commum e igual seguimos.
Na terra a morte, a vida nos Ceos temos;
quanto esta terra mais que os Ceos olhamos,
tanto o caminho do bom fim perdemos.
Cégos de nós, que nós tão mal trocamos,
que a parte vil e baixa senhoreia,
e o mais alto ao mais baixo cativamos!
Força cruel, que dentro em nós guerreia,
vence á céga vontade, á razão clara,
e leva assi de nós victoria feia.
Aquelle lume, que a alma illustra e aclara,
apagado por nós n'ella, e perdido,
como mortos nos deixa, e desempara.
Deu o remedio Deus; eis um erguido
por elle em poder alto, de que o povo
seja ou por bem levado, ou constrangido.
Não é nome de Rei titulo novo;
com elle começou o mundo, e dura;
por fabulas antigas não me movo.
Despois que d'aquella alta fermosura

cahiu o primeiro homem, e a triste sorte
o envolveu n'esta sombra grossa e escura,
fugiu a luz, entrou armada a morte;
cumpriu nova vigia, guarda, e lei,
que ao cégo mostre a luz, e obrigue o forte.
Elegeu Deus Pastor á sua grei;
viu tambem a razão necessidade;
eis aqui eleito um Rei, eis outro Rei.
Confórme, e junto o povo n'ua vontade,
n'um só, por bem commum, por seus poderes,
promettendo obediencia, e lealdade,
obrigáram suas vidas, seus haveres;
prometteu o bom Rei justiça, e paz,
e remedio, e soccorro a seus misteres.
D'alli sujeito ao Rei o povo jaz;
d'alli sujeito o Rei á boa razão
da mesma lei, que em si esta força traz.
A quem todos seus bens e vidas dão[1]
polos livrar de injuria, e de violencia,
se lh'as elle fizer, a quem se irão?
Seja juiz a justa consciencia,
e aquelle santo e natural preceito:
« deve á lei, o que a fez, obediencia. »
Quem o caminho ha-de mostrar direito,
se torce d'elle, e segue a falsa estrada,
como terá seu povo á lei sujeito?
Pôz Deus na mão do Rei a vara alçada
pera guia do povo errado e cégo,
mas não foi só á sua vontade dada.
Como destro piloto no alto pégo,
co'o leme guia a náo, ora a uma parte,
ora a outra a desvia do vao cégo;

alli não valem forças, val só arte;
arte vence do mar a ira espantosa;
arte vence, e encadeia o bravo Marte.
Hydra de mil cabeças enganosa,
pego de tantos ventos revolvido
não se vence, Senhor, com mão forçosa.
Em duas iguaes partes repartido
te deu Deus seu poder: em premio, em pena;
dê-se a cada um, o que lhe for devido.
Aquelle, que suavemente ordena
todas as coisas, olha com que amor
paga o bem logo, e de vagar condemna.
Não se acha alli respeito, não favor;
tanto val cada um, quanto merece;
iguaes ante elle são servo, e senhor.
Olha-te bem, grã Rei, e a ti conhece,
nascido só pera reger a tantos,
e d'essa grande alteza ao teu fim dece.
Ver-te-has igual na humanidade a quantos
mandas; verás o fim tão duvidoso,
como quem tambem morre, e nasce em prantos.
Que presta ser na terra poderoso,
se o alto fim do Ceo se põe em sorte,
que té ao filho de Deus foi tão custoso?
Córte o bom Rei primeiro por si, córte;
mais vence o exemplo bom que o ferro e fogo;
não póde errar quem contra si é forte.
Nem a propria affeição, nem brando rogo
tire a força á razão, e á igualdade;
não se lhe faça sempre falso jogo.
Sómente em Deus razão é a vontade.
Absoluto poder, não o ha na terra,

que antes será injustiça, e crueldade.
Que vontade mortal, Senhor, não erra,
se a lei justa, e a razão a não enfreia?
De que nasce a injusta, e cruel guerra?
Em seu peito cada um pinta uma ideia,
a qual, ou mal ou bem, se se affeiçoa,
assi lhe sae fermosa, ou lhe sae feia.
A boa guia é a inclinação boa,
a qual nasce do claro entendimento,
e com facil discurso ao melhor voa.
Tanto val, tanto póde o santo intento,
que só por si honra e louvor merece,
e a obra, que val dez, faz valer cento.
E quando humanamente erro acontece,
(quem póde acertar sempre?) a culpa é leve;
e todo bom juizo a compadece.
Que justiça será, que não releve
não sair á vontade a obra igual?
(pois pelo intento só julgar se deve.)
No livre peito e coração Real
estê o bem commum sempre fundado;
não pode de tal fonte manar mal.
Ama o povo o bom Rei, e é d'elle amado,
lédo, e facil em crer, e em julgar bem,
imigo de todo animo dobrado.
Sempre a mão larga, sempre aberto tem
o generoso peito ao premio justo,
e triste, e vagaroso á pena vem.
Este é chamado bom, e grande, e Augusto,
da patria pae, prazer, e amor do mundo,
mortal imigo do tiranno injusto.
Este logo de um alto, e de um facundo

ingenho té ás estrellas bem cantado
voando vai na terra sem segundo.
Tal nos cresce, grã Rei, por Deus cá dado,
inda maior que as nossas esperanças,
maior que tua estrella, e alto fado.
Cedo teu sprito vencerá as tardanças
da tenra idade, e cedo renovando
irás dos altos Reis altas lembranças.
Começa-te já agora ir costumando
a pôr em nós teus olhos Reaes serenos,
o mansissimo avô teu imitando,
inteiro aos grandes, humano aos pequenos.

II

AO CARDEAL INFANTE D. HENRIQUE

REGENTE

Entre tantos negocios, e tão graves,
ora da Fé, que tu tão bem sustentas
co'o grã poder, que tens das santas chaves;
ora do Reino, em que nos representas
em tudo o santo Irmão, em quanto a idade
do tenro Rei não soffre taes tormentas,
com teu santo exemplo a Christandade
reformando, e este povo, e o d'Oriente
conservando em justiça, e em liberdade;
contrario ao bem commum serei, se tente
com meus versos, Senhor, pejar-te um'hora
de tempo, de que pende tanta gente.
Ouve antes a viuva, que te chora;

ouve o que pede o orfão desherdado;
se lhe has-de dar despois, antes dá agora.
Ouve o que vem de tão longe arrastado,
que tremendo se chega, e não se atreve
queixar se de quem é tirannizado.
Lê o que Africa, Arabia, India te escreve;
n'isto a menhã comece, a tarde acabe;
o tempo repartindo a quem se deve.
Ama, e rege este povo, que bem sabe,
e assi o affirma, e crê, e só n'isto acerta,
que outro assento maior te espera e cabe [1].
No mais não tem a opinião tão certa,
nem das letras recebe mais que aquellas,
que ao doce ganho tem a porta aberta.
Boas são leis; melhor o uso bom d'ellas [2].
Boa é sua sciencia, quando pura
vem das espinhas, que nascem entre ellas;
quando o seu fim só guia á fermosura
da justiça, que tão viva, e fermosa
Chrysippo [3] nos deixou mais que em pintura,
virgem no aspeito, grave, e temerosa,
de vivos olhos, não de cruel, nem brando
vulto, mas quasi de hua tristeza honrosa.
Haverá alguns, que o povo estê mostrando
co'o dedo dados por um dom divino,
que a esta imagem só se vão formando.
Cada um d'elles de grande honra é dino,
que se assenta sevéro, inteiro, igual
ao rico, ao pobre, ao seu [4], ao peregrino.
As obras dão de tudo bom sinal.
Qual o fim se pretende, tal é o fruito;
cada um corre, Senhor, ao que mais val.

N'isto o costume e o tempo póde muito,
que ao mal, e ao bem dá, como quer, valia;
das letras assi o preço é pouco, ou muito.
Quando o outro mudava a noite em dia[5],
e o dia em noite, e a menhã na tarde,
quem na grã Roma então o não seguia?
E quando o outro canta, que Roma arde[6],
quem vai então lançar agua no fogo?
quem ha, que em tão grã força alli leis guarde?
Passava tal crueza em festa, e em jogo.
Já o tempo passou dos máos tirannos.
Senhor, inda ficáram preço, e rogo.
Inda cá nos ficáram os máos enganos,
que o proveito ensinou; a mostra é boa;
em bens se vestem todos nossos danos.
Tudo apparece, tudo logo soa;
ficou esta vingança aos innocentes,
que o mesmo mal a seu autor pregoa.
Crueis, no mal alheio diligentes,
que obedeceis á força, ao rogo, ao preço,
morrereis tristes, se viveis contentes.
Santa justiça, a que eu mal reconheço
tua alta magestade, tu nos julga,
que vês o nosso fim, nosso começo.
Qual respeito o Rei tem, quando promulga
a lei igual em público proveito,
que com prazer do pôvo se divulga,
tal a tenha o juiz dentro em seu peito,
na justa execução constante e forte;
n'isto consiste a lei, n'isto o direito.
A quem tão alto esprito coube em sorte,
bem é que o Rei o estime, o povo o ame,

e honrado seja sempre em vida, e em morte.
Mas nem por isso logo o povo chame
vãs outras letras, e o honesto exercicio
das brandas Musas tão mal julgue, e infame.
Em nenhum estudo bom póde haver vicio.
As artes entre si se communicam.
Cada uma ajuda á outra em seu officio.
De areia, e cal, e pedra, os que edificam
(baixas, mas necessarias miudezas)
as torres erguem, que tão altas ficam.
Tem tambem seus principios as grandezas,
e ás cousas grandes pequenas ajudam.
Boas letras, Senhor, não são baixezas.
Pera o publico bem tambem estudam,
e cantam os bons Poetas; deleitando
ensinam, e os máos affeitos em bons mudam.
E ás vezes aos Reis vão declarando
mil segredos, que então só vêm, e sabem,
mil rostos falsos, linguas más mostrando.
Em poucas bocas as verdades cabem.
Terão ás vezes a culpa os ouvidos.
Os versos ousam, e em toda parte cabem;
dos bons amados, e dos máos temidos.
Assi é a justiça, assi a verdade;
assi sejam tambem favorecidos.
Usem de sua honesta liberdade
rindo do povo chamar só letrados,
os que conselham roubo e crueldade;
ou outros, que se fazem affamados
julgando, e interpretando duramente,
dos innocentes fazendo culpados.
Outro se vende por piedoso á gente;

deixa o delicto passar sem castigo,
da vã piedade usando cruelmente.
Tambem, Senhor, contra mi fallo, e digo,
que em nossas letras não está a justiça;
está n'um peito da justiça amigo.
Não tiram a ambição, não a cubiça;
se accrescentam, duvido; cada um veja
quem lhe vence o trabalho, e ingenho atiça.
Seja mais rigoroso o exame, e seja
grande das letras; maior do letrado;
saiba-se o fim que o leva, e o que deseja.
Da Patria pae será o Rei chamado,
que a justiça começa dos que a tratam,
antes de ser do povo provocado.
Onde todos se roubam, e se matam,
defende-se cada um da força injusta,
e os que mais podem, seus imigos atam.
Nós, que vivemos por regra tão justa,
que os mesmos Reis ás suas leis se obrigam,
remedio temos certo, e á pouca custa.
Que mal é, que os poetas isto digam?
Se o mal reprendem, á virtude inclinam,
porque assi injustamente os mal persigam[7]?
Almas indoutas, que cá peregrinam
cativas em seus corpos, e forçadas,
a nenhum bem, nenhum saber atinam!
Deixemos estas já em vida enterradas,
que os olhos abrem sómente ao proveito,
como se á terra só fossem creadas.
O bem nascido esprito e culto peito
mais deseja, mais quer, mais alto voa,
mais glorioso propõe seu objeito.

A gloria, á fama, á triumphal coroa
aspira; á alta trombeta, e vivo canto,
em que no mundo o grande Achilles soa.
Não ha tão humilde esprito, não tão santo,
que não ame sua gloria; e quem não pede
o louvor de suas obras tanto ou quanto?
Desejo é natural, que não impede,
mas accrescenta a virtude louvada,
e a torpeza e preguiça d'alma expede.
De que vem tanta insignia em armas dada?
Tantas capellas cheias de letreiros?
E a triste sepultura tão doirada?
Mais geraes, mais constantes pregoeiros,
são os bons versos, que contino fallam,
e duram té os dias derradeiros.
Nem as victorias, nem as grandezas calam
dos clarissimos Reis de gloria dinos,
e o passado ao presente tempo igualam.
Chamados foram os poetas divinos.
(Quem tal, que tal furor não mova, e espante?)
Mas quantos foram de tal sorte indinos!
A quem esprito, e boca, com que cante[8]
altas grandezas os Ceos concedêram,
e que em mór voz que humana se levante,
a este Apollo e as Musas só tecêram
verde coroa; a este justamente
a honra, e nome de poeta déram.
Pois entre tanta confusão de gente,
que a Républica cria, quem mal nega
lugar honesto a esprito assi excellente?
Quando se romperá esta nuvem céga,
que o cubiçoso vulgo veja, e entenda

que outro saber ha mais, que o em que se emprega?
Determine a razão esta contenda :
o máo juiz rouba, o máo medico mata;
o máo poeta enfade antes que offenda.
Demos bons todos [9]; a razão não ata;
mais a justiça val, mais a saude;
mas nem por oiro se despreza a prata.
Nem tira á mór virtude a outra virtude
seu preço, antes se abraçam, e entre si se amam,
porque uma irmãmente á outra ajude.
As artes, que mechanicas se chamam,
baixas parecem; mas dão ornamento
ás illustres cidades, e as affamam.
O raro esprito, que de cento, em cento
annos, e inda mais tarde, o Ceo nos cria,
em desprezo estará, e esquecimento?
Perdão ao condemnado concedia
a lei (assi os interpretes o entendem)
se n'algum'arte aos outros excedia;
entendam mal, ou bem, certo comprendem
por boa razão quanto favor merece
a rara arte, que assi tão bem defendem.
Quem isto affirma, e julga, inda escurece
das castas Musas os santos estudos?
Inda seus loiros lhes não offerece?
D'estes espritos n'esta parte rudos
as devem defender, Principe raro,
os que lhes podem ser firmes escudos.
Inda o sol resplandece hoje tão claro.
Inda as estrellas não perdêram lume.
Não falta ingenho, não falleça emparo.
Vence tu novamente o máo costume :

vivam por ti e floresçam as boas artes,
que o tempo vencem, que tudo consume.
Reforma, grã Senhor, em todas partes
este Reino, que em ti espera, e confia,
porque igualmente todo te repartes.
Ás Musas se perdoe esta ousadia;
acostumadas a Reaes favores,
não percam em ti a antiga sua valia.
Não fazem damno as Musas aos doutores,
antes ajuda a suas lettras dão;
e com ellas merecem mais favores,
que em tudo cabem, para tudo são.

III

A LUIZ GONÇALVES DA CAMARA

MESTRE D'EL-REI D. SEBASTIÃO

Porque não ousarei livre comtigo,
clarissimo Luiz, esprito puro,
só da virtude, e da verdade amigo,
porque não ousarei em tanto escuro
mostrar a clara luz, que tu descobres,
tomando-te por guia, e por meu muro?
São da terra os thesoiros assaz pobres;
estes desprezas, mostras os divinos
dões do Ceo, quanto em ti mais os encobres.
Foram por ti os nossos tempos dinos
de vêr áquella idéa um Rei formado,
de que tantos atrás foram indinos.

Porque foi de Philippe festejado[1]
do seu grande Alexandre o nascimento,
senão só pelo mestre, a que foi dado?
Quem não vê o geral contentamento
das altas esperanças, em que crias
ao mundo hua nova luz, novo ornamento?
Chegue SEBASTIÃO onde o tu guias,
igualmente entre as armas, e entre as artes;
nascer-nos-hão outros mais claros dias.
Assi o Real esprito lhe repartes
por todas as virtudes e exercicios,
que inteiro e todo está em todas partes.
Seus tempos, seus lugares, seus officios
conhecendo, usará de cada cousa
sãmente, sem extremos, e sem vicios.
Aquelle heroico ardor, que não repousa,
naturalmente á fama, e gloria erguido,
sem Deus diante, a nada passar ousa.
Dos ardentes effeitos seus movido
tu lhe pões logo diante o santo objeito,
a que o intento são vá dirigido.
Não se póde forçar o altivo peito,
que arde em desejos de Reaes grandezas;
mas póde-se á razão fazer sujeito.
Aquellas tão cantadas estranhezas
do soberbo Alexandre não contente
de um mundo só, as prodigas larguezas,
não o fizeram grande, a quem bem sente
da natural razão alguma parte,
que força e tirannia não consente.
Por outra via levas, por outra arte
encaminhas, Luiz, o Real esprito,

com Phebo temperando a ira a Marte.
Aquelle alto preceito, e grave dito :
« O Reino do Senhor buscae primeiro »
lhe tens lá dentro na su'alma escrito.
Fazes um Rei Christão, Rei verdadeiro.
Que a si reja primeiro, a si obedeça,
porque dos outros seja Rei inteiro.
No qual o mundo veja, e reconheça
que uma coisa é espantoso, outra é ser grande,
e dê a cad'um o nome, que mereça.
Mostras-lhe quão errada cá a fama ande,
que honra o que o alto Deus culpa, e reprova,
porque outro esprito mór dos Ceos lhe mande.
Quem a Alexandre deu mais certa próva
d'esta verdade clara, que um pirata
com sua reposta tão livre, e tão nova?
« Se roubar com uma véla a prizão me ata [2],
« tu, que com tantas roubas, que justiça
« d'outras móres cadeias te desata? »
Ah! que não ambição, força, e cubiça
dão ao Rei nome de grande, e Augusto,
nem tudo o mais [3], que a tirannia atiça.
Então será o Rei grande, se fôr justo,
ou defendendo bem o bem ganhado,
ou despojando o occupador injusto.
Não ha outra boa estrella, ou outro fado,
senão com as partes, que um Rei grande fazem,
com essas ter seu nome conservado.
A quem as Reaes virtudes não aprazem?
digo a clemencia, a liberalidade,
que entre os tirannos tão escuras jazem!
Aquella graciosa humanidade

de não deixar ninguem ir de si triste,
aquella fé Real, firme verdade;
a que Principe nunca estes dões viste,
que de trophéos não enchesse a terra?
Que Rei assi á fortuna não resiste?
sempre felice em paz, felice em guerra,
amado do seu povo, e obedecido,
por amor, e ninguem por temor lhe erra.
Tambem lhe mostras como é mais seguido
o exemplo do Principe, que a dura
força de lei, ou premio promettido.
Bonissimo Luiz, a tua brandura
me leva a tanto. Eu vejo um grã perigo,
que todo Imperio põe em aventura.
Por proveito commum, Senhor, o digo :
Acuda o Rei com seu Real exemplo,
acuda co'o sevéro seu castigo.
Aquella antiga idade, que contemplo
dos nossos afamados Portuguezes,
dos quaes erguido vês um e outro templo,
suas lanças, seus cavallos, seus arnezes
por só seus jogos, e delicias tinham,
as coiraças, adargas, e padeses;
trajos limpos e honestos, quaes convinham
á boa temperança e fortaleza,
com que mais duros aos trabalhos vinham.
Tendo a mediocridade por riqueza,
todo o sobejo fausto aborreciam;
quão limpa e fermosa era a sua pobreza!
Nem oiro, nem vãs purpuras cobriam
seus leitos, nem seus corpos tão mimosos;
a fome, e sede pouco lhes pediam.

Não eram seus banquetes tão custosos,
nem a vida tão larga, e tão profana,
nem sabiam viver tão ociosos.
Era no mundo a gente Lusitana
outra Lacedemonia e Esparta antiga,
livre de todo vicio, que os bons dana.
Toda entre si conforme, quieta, e amiga,
a Deus honrava, ao Rei obedecia,
de engano, e traição cruel imiga.
Contente cada um do seu vivia,
iguaes de todos quasi as mezas eram,
igual em todos quasi a cortezia.
Os despojos, que os barbaros lhes déram,
aquelles santos Reis, em que os gastavam,
se não nos templos, e torres, que erguêram?
Por Deus, e pera Deus só pelejavam.
Oh! tempo santo, idade tão ditosa,
que uns Reis pera outros Reis enthesoiravam.
Em toda parte então victoriosa
a bandeira Real se despregava
rodeada da gente bellicosa.
Que perigos, ou medos receava
assi ao trabalho dura, a forte gente?
Que imigos campos não desbaratava?
Incansavel, constante, e obediente,
de duras armas, corações mais duros,
soffredores da neve, e sol ardente.
Quando esquecidos, posto que assi escuros,
serão do grande Affonso os grandes feitos,
destruidor de Reis, e fortes muros,
de cujo invicto esforço, e fortes peitos
dos poucos do trabalho endurecidos,

tendo á verdadeira honra olhos direitos,
mil exercitos foram destruidos,
Téjo, e Guadalquibir sangue correndo,
nós á cativa Patria restituidos?
Os altos successores estendendo
foram o Imperio, foram os thesoiros,
claros trophéos em toda parte erguendo.
Lançados álem mar de todo os Moiros,
a Africa os nossos Scipiões passando
tornáram coroados de altos loiros,
uns apôs outros todos triumphando.
Viu o Atlantico mar victoriosas
sempre as frótas Reaes indo e tornando.
Despois do Oceano grande as espantosas
ondas vencendo, com espanto a Fama
mil victorias cantava milagrosas.
Ah! não se apague uma tão clara chamma,
que apagar quer a ociosa vida,
se n'isto o Real esprito não se inflamma.
Aqui, Senhor, aqui é bem devida
tua lembrança; mais devida a emenda,
primeiro da esperança ser perdida.
Conheça o Rei prudente, saiba, entenda
que na boa paz a guerra se exercita,
porque os vicios de longa paz reprenda.
Por Deus, e polo povo, o que milita
justissimo Rei é, Capitão santo,
a que honra, e gloria se deve infinita.
Quanto é sempre a paz boa, a tempos tanto
tambem a guerra é necessaria, e boa,
dos imigos defensa, medo, e espanto.
Sôe Portugal sempre como soa;

tornem os jogos da cavallaria;
não se nos torne Capua Lisboa.
Assi o bom Rei, que em tuas maõs se cria,
(se aprovas do philosopho o desejo,
que desejava ao Rei philosophia)
grande, prudente, e justo por ti o vejo.

I

A DIOGO DE TEIVE

Prometti-te, meu Teive, á tua partida[1]
mil prosas, e mil versos; e em mil mezes
uma carta té outra terás lida.
Não sohiam mentir os Portuguezes.
Entrou novo costume, e é lei antiga:
« Romano em Roma, Francez co'os Francezes. »
Quem queres que por força cá não siga
a lei da terra? e mais tão bem guardada
dos que em mal nosso tem a fortuna amiga[2]?
Seja com tanto honrado desculpada
minha mentira; a sã nossa amizade
nunca esquecida foi, nunca mudada.
Mas em tão cheia, em tão grã cidade,
onde o esprito, e a vista leva a gente,
quem póde ser senhor da sua vontade?
Mora um lá fóra álem do grã Vicente[3],
outro cá na Esperança; e hei de vêr ambos,
foge inda o dia ao muito diligente.
Pelas ruas mil cambos, mil recambos[4],
cargas vem, cargas vão, mil mós, mil traves,

um arranca, outro foge, e encontro entre ambos.
Vai ora então compondo versos graves,
versos doces, e brandos, quaes mereçam
parecer ao meu Teive lá suaves?
Onde os loireiros, onde as heras cresçam
lá nos cerrados bosques, brandas fontes,
as Musas co'as capellas versos teçam.
Amam as castas deusas altos montes,
valles sombrios, não cidades cheias
de homens, em que tão poucos ha que apontes.
Lá livres abrem suas ricas veias[5],
lá suas doces liras encordoam,
ao brando som tecendo immortaes teias.
Com tudo alguns ha cá, que se coroam[6]
d'outras héras, contentes de si se amam,
a si tangem, a si cantam, a si bem soam.
Tambem Musas invocam, Apollos chamam,
outra Mantua povoam, outras Athenas,
outros novos Parnasos por cá affamam.
Voam cobertos de mil novas pennas
de aves nunca cá vistas; e fermosos
a si mesmos, se vão entre as Camenas.
A todo tempo entoam os seus mimosos
versos; a toda hora á voz, e á lira
concordam seus accentos sonorosos.
Ditoso esprito, a quem toda hora inspira
outro Apollo, outro ardor, que não se apaga,
mas sempre do seu fogo, fogo tira.
Eu, meu Teive, não sei que estrella, ou maga
a lingua me ata; não sou de toda hora[7].
Em fim esta é a desculpa da má paga.
Por um momento, que em mim Phebo mora,

mil dias se me esconde, e desempara[8];
e inda bem me não chega, já vai fóra.
Vejo esse peito aberto, essa alma clara,
onde me tens, bom Teive; ouso comtigo
o que com outro eu, sómente ousára.
Temeria com outros o perigo
de meus tão soltos versos, mas eu te amo,
eu te honro, douto mestre, doce amigo.
Quantas vezes saudoso cá te chamo!
Quantas vezes comtigo me desejo
lá á doce sombra d'algum verde ramo!
Ora de cá teu santo ocio lá vejo,
ora por só meu bem cá te queria,
onde meu amor te chama, e bom desejo.
Mais val, amigo, lá um quieto dia,
que mil annos, e mil cá inquietos,
d'onde eu, se tivesse azas, fugiria.
Não te são meus intentos lá secretos;
puz-te nas maõs minh'alma; á minha vida
sabes que desejei portos quietos.
Se vida temos para ser vivida,
se chão se ha-de escolher pera morada,
onde melhor que em campo é escolhida?
Vida dos sabios sempre desejada,
vida de paz, d'amor, e de brandura,
em meus versos serás sempre cantada.
Onde estará mais sã, e mais segura
a alma innocente? onde mais sem cuidado
de medos, de perigos, de ventura?
Para a saude onde mais temperado
o frio inverno? onde é do brando norte
ou o Cão, ou o Lião mais amansado?

Mais larga vida, menos triste morte,
sono doce, seguro, brando, inteiro,
sem sobresalto, que t'o quebre, ou córte.
O verdadeiro gosto, o verdadeiro
deleite, é quieto ocio entre hervas, e aguas,
em Julho frias, quentes em Janeiro.
Não vês choros alheios, não vês mágoas,
ou tuas, ou dos teus; livre de invejas,
em que cá ardem, como em vivas fragoas.
Se o que convêm á vida só desejas,
estimarás mais doce liberdade,
que quantas minas d'oiro a outros vejas.
Mais val a curta geira, a pobre herdade,
que, ó rica Arabia, ó India, o teu thesoiro,
se á justiça se rouba, se á verdade.
Mais val no campo coroar o Touro
no fresco Maio de hervas de mil cores,
que altos teitos[9] pintar de azul, e oiro.
Oh! bemaventurados os pastores[10],
se seus bens conhecessem! a quem dá a terra
á vida mantimento, aos olhos flores[11].
Que é este fermoso oiro se não guerra,
muito melhor quando de nós se esconde
ou na encoberta areia, ou n'alta serra?
onde assi cheiram em Libia as pedras? onde
resplandecem assi, como as cheirosas
hervas, que o campo aberto a ninguem esconde?
Por ventura serão mais graciosas
as aguas, que cá os canos vão rompendo,
que as que entre seixos correm saudosas?
Mas atadas aos marmores crescendo
vão mil heras, jardins dependurados,

que das altas janellas se estão vendo.
Artificios são como roubados
á natureza, que por mais que os forcem,
não podem longo tempo ser forçados.
Invejosos do campo assi em vão torcem
as vergas, e os arames, mas co'um vento
ou quebram, se se secam, ou se destorcem.
Leva já a natureza um movimento
a seus tempos contino sempre, e certo,
que arte imitar não pode, ou instrumento.
Que gosto é vêr do campo o Ceo aberto,
tantos lumes, um corre, outro está quedo,
um tão longe apartado, outro tão perto!
Quanto milagre alli, quanto segredo
contemplarás náquelle livro escrito
de quanto cá acontece ou tarde, ou cedo!
e rompendo os Ceos todos com o esprito,
que já a mores grandezas vai voando,
suspiras alto a Deus com baixo grito.
Alli apprendendo estás como guiando
vás as simpres ovelhas ao seguro
curral, que anda o máo lobo salteando.
Outra cerca farás, outro alto muro
de doutrina, de exemplo, e sãos costumes,
quaes eu conheço do teu peito puro.
Do teu lume accendendo outros mil lumes,
ricos ganhos darás dos teus talentos,
não de aguas, não de cheiros, nem perfumes.
Despois receberás por um duzentos
do justo pagador, que hi te alugou,
e as obras vê de cima, e os pensamentos.
Quem para esse santo ocio te chamou[12],

te chamará mais alto; vive, e espera;
olha como este mundo se mudou.
Quem cuidou que tão cedo volta déra
esta roda inconstante? ah! Reis que são?
Tambem aquelle Rei pó e sombra era.
Rei manso, Rei benigno, Rei Christão,
ah! quão depressa desappareceu!
Quantas altezas caem abrindo a mão!
Em fim ditoso quem se bem regeu!
Mais annos são mais carcere, e mais carga;
assaz viveu, quem sempre bem viveu.
Devemo-nos á morte; doe, e amarga
o só seu nome; uma hora chega em fim
triste, espantosa, feia, dura, amarga
Pareça bem a purpura, e o marfim,
os luzidos metaes, a prata fina;
mas eu vou, elles ficam cá sem mim.
Quanto melhor, meu Teive, aquelle atina [13],
que quanto cá dos Ceos por fé nos soa
dos secretàrios seus, a outros ensina!
Guardando em si aquella ordem tão boa
de quem fazia, despois ensinava,
ah! que honrada victoria! que coroa!
O que entendeu JERONYMO, ao que voava
AGOSTINHO, BERNARDO o que dizia,
quando da Mãe de Deus se namorava!
O que aquella divina companhia
de santos Gregos na alta sua escriptura
deixaram, lume é nosso, e nossa guia!
Alli, como dos Ceos viva pintura
se mostra. Ó tu ditoso, pois podeste
ir lá só contemplar tal fermosura!

Mas com quanto tão alto te pozeste
das brandas Musas, desce; e outra vez próva
a doce lira, a que tal som já déste.
No teu verso latino nos renova
ora outro Horacio, ora outro grande Maro;
na grave prosa Padua, Arpino em nova[14].
Por ti começou já ser grande e claro
o portuguez Imperio; igual aos feitos
no mundo raros teu estilo raro.
Encheste de esperanças nossos peitos;
não nos detenhas encobertos tanto
altos exemplos de obras e conceitos.
Em quanto assi estas livre, Teive, em quanto
te não chama tua sorte ao que mereces,
cria ao portuguez nome amor e espanto,
lédo e confiado do que em ti conheces.

V

A ANTONIO DE SA DE MENEZES

Aquella proveitosa liberdade
aos antigos poetas concedida
de mostrar de mil erros a verdade,
e do mais livre povo então soffrida,
e do mais poderoso receada,
porque entre nós será mal recebida?
Ó claro Antonio, que segues a estrada
da virtude mais chã, mais descoberta,
dos teus grandes avós, grã pai herdada;
se uns cégos nos deixáram a porta aberta[1]

para o Ceo, para honra, e para gloria,
porque em tão clara luz ninguem acerta?
Que espantos nos renova a alta memoria
de tantos Gregos e Romãos gentios,
senhores do saber, paz, e victoria!
postos ao ardor do sol, postos aos frios,
olhos nos Ceos, o esprito nas estrellas,
nas hervas, e nas pedras, e nos rios!
Quantos segredos n'estas coisas bellas,
que o mundo tão fermoso fazem, viram,
erguendo todavia o homem sobre ellas!
Tanto cuidáram, tanto aos Ceos subíram
por causas, por razões, por natureza,
que um alto Deus, fim do homem, descobriram.
Á virtude chamáram só nobreza;
ao honesto e bom, só doce e proveitoso,
ao alto saber do esprito, alta riqueza.
Cada um ao parecer mais ocioso
então móres segredos descobria,
com que inda o mundo ficou mais fermoso.
Ora um a terra, ora outro o ceo media;
sem se mover o oceano navegava,
deixando pontos certos por onde ia.
Outro apoz o sol claro caminhava,
e despois da ligeira volta dada,
co'a lua, e co'as estrellas se tornava.
Alli a altura, e a linha foi achada;
o movimento, os polos, a figura
redonda; a de tres cantos, e a quadrada.
Outro na trabalhosa quadratura,
possivel de saber-se, e não sabida,
a alma cansava, em vão trabalho dura[2].

D'aqui nasceu a fábula mal crida,
que toda est'alma machina já um'hora
dos hombros do grande Atlas foi sustida.
Se não somos ingratos, quanto agora
sabem os que mais sabem, áquella idade
o devem, que o achou, e o deixou fóra.
Eu não fallo na nova claridade,
que dos Ceos milagrosamente veio
do saber, do poder, e da bondade;
fallo d'aquelles, que por certo meio
das coisas que cá viram, conhecêram
outras, que o Ceo encerra lá em seu seio.
Mas ah! se elles fizeram o que entendêram!
Todos erramos, mas quaes mais culpados?
Uns de dia, uns de noite se perdêram.
Bem pudéram os espritos ir guiados
por sua escura luz ao que a fé mostra,
se em Deus pozeram todos seus cuidados.
Mas indá hoje para honra é a vã mostra
d'alta virtude, que o alto Ceo só pede,
então maior, quando se menos mostra.
Quão enganadamente inda concede
louvor o mundo a muitos! clara é a obra;
mas Deus só pelo intento a pésa, e mede.
« Seguro vive quem boa fama cobra »
diz o vão povo. O sabio está dizendo:
« Quem Deus cuida enganar, contra si obra. »
Quantos ha agora, de que estamos crendo
que igual seja ás boas mostras o conceito!
quantos, em que o contrario estamos vendo!
Não deixava porém de ser aceito
a Deus o zelo da justiça igual

d'aquelle povo á fama só sujeito.
Tanto a virtude, tanto o honesto val,
que inda que o proprio fim, e direito se erre,
aproveita o exemplo, e atalha o mal.
Cada um lá em si o secreto intento encerre,
mas faça bem verdadeiro, ou corado,
antes que a Deus, e ao mundo os olhos cerre.
Com quanta razão deve ser chorado
um tempo, em que por Deus, nem pelo mundo
vemos um do outro ser bem conselhado!
Por não soffrer igual, não ver segundo
á custa de mil honras destruidas
sobe o mais vil, mil bons mette no fundo.
Ah! que hoje custa hua vida dez mil vidas;
vence a céga vontade a razão forte,
as leis ora crueis, ora torcidas.
Esprito bom, fóra da geral sorte,
para publico bem dado e nascido,
prompto pela verdade a soffrer morte,
inda bem não parece, eis perseguido
de mil máos olhos, de mil linguas más,
se encolhe dentro em si, como vencido.
Ah! santa liberdade, onde ora estás?
Porque não soltas minha lingua muda?
Pois aquelles se calam, a quem a dás?
Tenham versos licença; quem não muda
a vergonha de si, mude o castigo,
nomeie-se na praça, o povo acuda.
Vingue-se alli cada um do cruel imigo
do commum bem; apontem-no co'o dedo;
haja sã liberdade sem perigo.
Venha um Horacio livre, a que haja medo

não o pobre, ou o triste, ou o innocente,
cuja voz ouve Deus, ou tarde, ou cedo.
Mas pois o triste tempo não consente
verdade boa, e clara, corra, e vá
traz sua perdição a céga gente.
Despreze-se o saber, e viva a má
ignorancia soberba; e honra, e fama
só seja, o que a fortuna e engano dá.
Seja sabio o que sabio o povo chama;
e rido, e desprezado o que de loiro
ou palma se corôa, e outro fim ama.
Tenham por Deus o ventre; e o vil thesoiro,
que a si mesmo roubou o triste avaro,
consuma o ingrato herdeiro imigo de oiro.
Tu nas antigas armas, sangue claro
dos illustres avós de parte a parte,
constante lá occupa o esprito raro.
O nome grande a Apollo, grande a Marte
conserva, e accrescenta, antigo nome,
que por outros tão grandes se reparte.
Igualmente te dê sempre honra, e a tome
Apollo no devido a ti seu canto,
e comtigo, meu Sá, a inveja dome.
Eu tenha um quieto ocio, honesto, e santo.

VI

A ANTONIO DE CASTILHO

GUARDA-MOR DA TORRE DO TOMBO

Castilho, de meus versos douta lima[1],
que cuidarei que fazes lá escondido[2],

d'onde me não vem prosa, nem vem rima?
Trabalhas por ventura que vencido
fique o grã Ferrarez no doce canto[3]
té qui com tanto gosto e fama lido?
Ou n'um alto sagrado bosque, e santo[4],
andas quieto, enchendo o peito puro
do que socega o esprito, e vence o espanto,
colhendo de mil flores o maduro
fruito, que alma sustenta, e no perigo
te ensina poder sempre estar seguro?
Eu te conheço, bom esprito, imigo
naturalmente de ocio, só de gloria,
só de virtude, e de saber amigo.
Quando será que eu veja a clara historia
do nome portuguez por ti entoada,
que vença da alta Roma a grã memoria?
Não me foi dado esprito, não foi dada
igual boca ao grã canto. Bom desejo
não basta; a ti a alta empreza está guardada.
D'esse santo socego, em que te vejo,
d'esse tão raro esprito olha as grandezas,
que o mundo espera, e eu já vêr desejo.
Abre já, meu Castilho, essas riquezas,
que tanto ha já, que em ti Phebo enthesoira;
solta o grã rio, farta mil pobrezas.
Assi consentirás, cruel, que moura
teu nome, e d'esse esprito o claro lume?
Assi a coroa, que te Phebo enloira?
Quanta arma, quanto sangue nos consume
o silencio cruel! terror, e medo
n'Africa ao Moiro, n'Asia ao bravo Rume.
Tu, Castilho, tu lá, ocioso e quedo,

vencerás de mil mundos os espaços,
por onde voarás, se queres, cedo.
Solto de vãos desejos, de vãos laços,
o bom esprito dentro em si só posto
mais largo viverá, que em largos paços.
A todo tempo terá sempre um rosto,
não turvará sua paz nenhua guerra;
nenhua mudança danará seu gosto.
Ditoso aquelle que em si só se encerra,
e estimando o thesoiro que em si tem,
pisa soberbamente toda a terra.
Sempre o dia pior é o que vem.
Comece de viver á primeira hora
quem poder, e a quem Deus quiz tanto bem.
Em quanto um ri, em quanto cá outro chora,
passa a vida; lá o tempo todo é teu;
logra-o, e tua sorte ama, e a Deus adora,
que tantos e taes dões te concedeu.

VIII

A D. CONSTANTINO

FILHO DO DUQUE DE BRAGANÇA, INDO GOVERNAR A INDIA

Constantino, tu vás provar tua sorte,
e descobrir-te ao mundo; olha o perigo
mór inda da fortuna, que da morte.
Fuge de ti, que em ti tens mór imigo,
se muito te amas; se te vence e manda
teu bom conselho, em ti tens mór amigo.
Livre a fortuna pelos ares anda

de mil, e mil despojos carregada,
a muitos dura, à muito poucos branda.
Não se vence a cruel com mão armada.
Não obedece a rogos, ou branduras.
Então mais falsa, quando mais amada.
Se a tu vencida em tudo vêr procuras,
confia de ti pouco, menos d'ella.
Terás a vida e honra mais seguras.
O esprito, e olhos postos na alta estrella
da nova gloria, que te leva e chama,
ousado a sorte lança, e solta a véla.
Tua fé, teu Rei, tua terra, teu nome ama.
Dos bons te ajuda ; em Deus espera, e crê ;
acenderás de amor hua viva chamma.
Nenhum olho direito no sol vê[1] ;
mas finge que com hua noda hoje amanheça[2],
todos a enxergarão onde quer que estê.
Qualquer pequena culpa que pareça
em ti, logo se vê, logo se sente.
As obras vem-se, o peito Deus conheça.
Aos olhos posto estás de toda a gente.
N'um descuido vê quanto se aventura
teu nome, e o alto Imperio do Oriente.
O que as estrellas vence, o que assegura
altos estados é seguir razão,
de nossas almas propria fermosura.
Mil razões uns, mil outros te darão :
estê teu juizo firme, livre, e isento,
logo as boas das más se apartarão.
Se a vontade obedece ao entendimento,
elle naturalmente o melhor mostra,
e com hua só razão responde a cento ;

mas quem conhecerá a fingida mostra
do que o conselho funda em commum bem,
contrario dentro do que fora mostra?
Logo a virtude, logo a razão tem
uma divina luz, com que esclarece
a alma d'aquelle, que buscar a vem[5].
Aquelle estatuas d'oiro só merece,
que firme tem o generoso peito
té ao fim bom chegar do que conhece.
Constante e forte, a medo não sujeito,
nem o ardor do povo cego o move,
nem o espanta o trabalho do alto feito.
Ora o fogo, ora o vento e a onda, prove
o grande Capitão, que em si deseja
que o mais famoso nome se renove.
Quem primeiro comsigo só peleja,
e com victoria sai, ponha seguro
á fortuna seu peito, rosto á inveja.
Cahir-lhe-ha ante os pés o imigo duro
vencido do grã nome, e acender se-ha
em mais fermoso fogo o forte muro.
Quem de tantos mil annos vida dá
a tantos mortos? quem tão altos cantos,
e a viva voz, que sempre soará?
Porque d'homens mortaes em templos santos
se guardavam as cinzas, e adoradas
eram de Imperadores e Reis tantos?
Tantas ricas estatuas levantadas,
tantos mil arcos, mil tropheos, mil aras,
á constante virtude eram só dadas.
Vivem, e viverão as obras raras
eternamente, e em outra luz, que temos,

parecerão um dia inda mais claras.
Os antigos exemplos já deixemos;
vencem os nossos; vencem, ou certo igualam.
(Té quando contra nós crueis seremos!)
Não espantam, não soam hoje, não fallam
pelo mundo o grã Conde, e o Rei primeiro,
por mais que os tempos d'outros muitos calam?
um Sancho, um só Diniz, um Affonso inteiro
no alto espirito, e zelo da Fé santa,
de Hespanha outro Camillo verdadeiro?
Ah! olha, Constantino, e verás quanta
luz clara, que alta estrada vão mostrando
dois, de que tem teu sangue parte tanta!
dois raios João, e Nuno, como ousando[1]
com animos constantes, a corôa
real com grã vigor vão conservando!
Contra tantos dois sós co'a tenção boa,
olha o rico despojo, Reaes bandeiras,
olha a victoria, que no mundo soa.
Não fabulas fingidas; verdadeiras
historias vês de Reis; pois tu, seu sangue,
corre com lédo esprito taes carreiras,
faze inda mais temido ao Rume o Frangue.
Leva diante os Capitães passados,
que esse Imperio ganháram com seu sangue.
Tantos Varões illustres, que igualados
com razão devem ser aos mais antigos,
tantos a nenhuns outros comparados.
De uns o conselho, de outros nos perigos
o animo invencivel, de outros a arte
de sem sangue vencer cem mil imigos.
A que Baccho, a que Romulo, a que Marte

concedêram vantagem? mil Scipiões,
Fabios mil, Paulos mil em toda parte.
Ajunta os portuguezes corações,
naturalmente á gloria e fama erguidos;
que mares̃ temerão, ou que regiões?
Poucos, mas bem conformes, bem regidos,
de que ondas, de que fogo, ou fortalezas
pudéram n'alta empreza ser detidos!
Vencem o credito já tantas grandezas;
tantas victorias em tão nova terra,
ganhadas pola Fé, não por riquezas.
Ás innocentes armas, santa guerra,
dá Deus altas victorias; quem outro fim
leva diante, á gloria e á fama erra.
Nunca as pedras, as conchas, e o marfim
deixáram ao que as amou nome famoso.
Vê de Fabricio e Crasso o nome, e o fim[5]
Dario com seus thesoiros poderoso[6],
rico despojo foi ao Grego pobre,
só de honra, só de fama cubiçoso.
Ah! quem o alto esprito livre e nobre
tão vilmente cativa no baixo oiro,
que pera mal da honra se descobre?
Tu, Real sangue, tu outro thesoiro
trarás d'esse teu nome grande dino
de nova palma, de fermoso loiro.
Supprir a idade vás de um Rei menino[7],
que Rei te faz por si de tantos Reis.
Vence, triumpha, e deixa, Constantino,
novos Imperios postos ás suas leis.

IX

A FRANCISCO DE SÁ DE MIRANDA

Antes que minha sorte impida[1], ou mude
a occasião de praticar comtigo,
mestre das Musas, mestre da virtude;
antes que o tempo, a todo bem imigo,
me desvie forçado, onde eu já vejo
minha vida sem gosto, alma em perigo,
consente-me fartar este desejo,
ó Francisco, só livre, e só ditoso,
em quanto a carta ao longe não tem pejo.
O tempo escuro, e triste, e tempestoso
mal ameaça; assi viste o passado,
e vês inda o por vir mais perigoso.
Chamar-te-hei sempre bemaventurado,
que tanto ha, que em bom porto[2] co'essas santas
Musas te estás em santo ocio apartado.
Não esperas, nem temes, nem te espantas:
sempre em bom ocio, sempre em sãos cuidados,
a ti só vives lá, e a ti só cantas[3].
Os olhos soltos pelos verdes prados,
o pensamento livre, e nos Ceos posto,
seguros passos dás, e bem contados.
Trazes uma alma sempre n'um só rosto[4];
nem o anno te muda, nem o dia;
um te deixa Dezembro, um te acha Agosto.
Quão alta, quão christã philosophia
de poucos entendida nos mostraste!

que caminho do Ceo! que certa guia!
De ti fugiste, e lá de ti voaste,
lá longe, onde teu esprito alto subindo
achou esse alto bem, que tanto amaste.
Novo mundo, bom Sá, nos foste abrindo
com tua vida, e com teu doce canto;
nova agua, e novo fogo descobrindo.
Não resplandecia antes o sol tanto;
não era antes o Ceo tão lumioso,
nem nos erguia o esprito em seu espanto.
Comtigo nos nasce o anno mais fermoso,
mais rosada, e mais loira a Primavera,
co'o seio de alvas flores mais cheiroso.
Por toda a parte o loiro abraça a hera;
por toda a parte rios, e aguas claras,
e outra mór natureza já da que era.
Tu as fontes abriste, os Ceos aclaras,
ás estrellas dás luz, vida aos amores,
santos amores d'umas Nimphas raras.
Levantas sobre Reis e Imperadores
ao som da lira doce, e grave, e branda,
a humildade innocente dos pastores.
Por onde vai teu esprito, por hi anda
sempre firme teu pé, e o peito inteiro;
obedece a vontade, a razão manda.
Nem ao Rei, nem ao povo lisongeiro,
nem odioso ao Rei, nem leve ao povo,
nem comtigo inconstante, ou tençoeiro [5].
N'este mundo por ti já claro, e novo,
já uns espritos, se erguem no teu lume [6],
por quem eu, meu Sá, vejo, e meus pés movo.
Já contra a tirannia do costume,

que té qui como escravos em cadeias
os tinha, subir tentam ao alto cume
do teu sagrado monte, d'onde as veias
d'esse liquor riquissimas abriste,
de que já correm mil ribeiras cheias.
Alli teus passos, por onde subiste
a tão alta virtude, e tanta gloria,
medindo iriam, como os tu mediste.
Inda seguindo a tua clara historia,
que em vida de ti lemos, algum esprito
com teu nome honraria sua memoria.
Mas ah! tempos crueis! (sôe meu grito
por todo mundo) mas ah! tempos duros,
em que não soa bem o bom escrito!
Eu vejo um valle, e um monte, onde seguros,
onde saõs, e quietos, os meus dias
teria em ocio bom, cuidados puros.
Mas chama o mundo vãs philosophias
a virtude, o repouso, a liberdade;
e as santas Musas são fabulas frias.
É fraqueza do esprito a humildade;
o ser do homem são honras, são riquezas,
e subir onde mais voa a vontade;
levantar os espritos a grandezas,
entrar cidades, e mostrar vencidos
imigos mil, queimando as fortalezas;
ser de Principes grandes conhecidos,
ao Rei aceitos, á gente espantosos,
ou por temor, ou por amor seguidos.
Duros trabalhos fizeram famosos
Alexandres, e Julios, Scipiões;
não os bosques sombrios, saudosos.

Aos que não bastáram os corações[7]
a subir alto, té os nomes perdêram.
Alevanta a fortuna altas tenções.
Outros suas terras em boa paz regêram,
armando-as com boas leis, e bons preceitos,
com que igual honra ás armas merecêram.
Como? e é pouca gloria a dos direitos
juizes, que guardando as iguaes leis,
tem té os que podem mais a si sujeitos?
Em quem os seus poderes põem os Reis?
Por quem se rege o mundo, e se sustenta?
Assi ociosos â honra fugireis?
Nem com dita cad'um sua sorte tenta.
Sentou-se o que temeu; mas quem ousou
o rosto e peito ter firme á tormenta,
co' o generoso esprito ao fim chegou.
Isto me diz o povo. Eu lhe respondo :
« Vá, quem sua léda sorte alto chamou.
« Besta de mil cabeças, eu me escondo,
« não dos trabalhos d'honra, mas de ti,
« que cégamente estas pondo, e despondo[8] :
« já eu os olhos á virtude ergui;
« já levantei o sprito á gloria, e fama;
« mas dentro inda de mim logo caí. »
Este bom povo, que a honra cá assi ama,
que àssi de honra enche a boca, só proveito,
só doce ganho estima; este honra chama.
« Oiro primeiro (este é seu preceito)
« oiro, despois virtude; oiro honra dá;
« oiro ao Rei faz, e aos homens ser aceito. »
Logo quem nada tem, nada terá ;
essa é cá a ordem, essa a regra, e meio.

Logo a quem muito tem, mais se dará?
Logo em vão um esprito ao mundo veio
símpres, nu, puro, aceso em fogo vivo
de virtude, e de amor de gloria cheio?
Ó céga multidão! e assi cativo
quereis fazer á baixa féz da terra[9]
um alto ingenho? assi enterral-o vivo?
Quem á gloria, e á honra assi o nome erra,
que honra dará a quem tão ociosa
acha a virtude pera paz, e guerra?
Onde a livre verdade, a tão fermosa,
se vende por vil ganho, e máo engano;
e a quem a segue e ama é mais danosa?
Onde mais justo chamam o mór tiranno,
e a céga affeição, juizo certo,
e o teu entendimento te é mór dano?
Tenhas fé, tenhas lingua, e peito aberto;
se te falta o mais baixo, e que mais val,
como na cinza o fogo, estás coberto.
Quanto é mais justo, quanto mais igual
dos meninos o jogo! « será Rei
« quem o melhor fizer; prezo, quem mal! »
Pois oh! porque de ti não fugirei,
pôvo, e cruel, e cégo? que esperança
me dás, que nem mentir, nem servir sei?
Quem dos Ceos um socego bom alcança,
mais não deseje; é livre, é Rei, é rico,
e tem da vida a bemaventurança.
Que aproveita o que ajunto, o que edifico
por agua, e fogo, pondo a vida a preço,
se quanto ajunto mais, mais pobre fico?
Porque a alma, tão custosa a Deus, off'reço

ao baixo ganho, se um momento d'hora[10]
como uma sombra ao sol desappareço?
Quanto vivem melhor os que estão fóra,
contentes do que são, mais não desejam,
vivem dia por dia, hora por hora!
Sejam chamados ociosos, sejam;
bom é o ocioso, que do mal aparta[11],
inda que outros mais bens n'elle não vejam.
Este desejo, que se nunca farta,
alli mais obedece á natureza,
que quer que o bem por todos se reparta.
Mais magnifica ás vezes é a pobreza
de um, que os thesoiros d'outro; a alta tenção
estima Deus; as obras vãs despreza.
Tudo se torna em bem no que está são.
O doce e aproveitoso[12] amarga ao doente,
erra com cor de bem o pòvo vão[13].
Só andava Scipião, fugindo á gente[14],
então mais occupado, quando menos.
Fabricio pobre, só, Fabio paciente[15].
O campo ensina ser justo aos pequenos,
desprezador dos máos, só no bem forte,
de si contente, e a si só somenos.
Não acha quando vem armada a morte
mais que o seu vil despojo; ó serra, ó monte,
ditoso aquelle, a que cahiste em sorte!
Lá me escondas, lá onde ninguem conte
minhas ditosas horas, lá sem nome
no mundo coma o fruito, e beba a fonte.
Antes co'o duro arado a terra dome,
e d'ella as más espinhas arrancando,
do meu trabalho santo exemplo tome.

Alma de máos desejos apartando,
n'ella, e na terra sãs raizes plante,
que vão fermoso fruito levantando.
A ti, Marilia, a ti, e ás Musas cante;
alli meu todo, e teu, livre, e seguro,
nada me offenda, nada turve, ou espante.
Em mim metido, e forte em meu bom muro,
nem o exemplo do máo me mude ou dane,
nem me seja do povo o riso duro.
Antes que eu erre, antes que me engane,
a ti, Sá, siga, que me estás dizendo:
« Fuge antes que o máo vulgo te profane. »
A vós, ó castas deusas, me encommendo.
Vós me livrae em paz, vós me apartae
onde comvosco lédo estê vivendo,
e o vosso bom Francisco me mostrae.

X

A D. SIMÃO DA SILVEIRA

Dom Simão da Silveira, (este só nome
passe par claro titulo, em quem Marte
sempre igual honra, igual Apollo tome;)
as victoriosas armas a de parte
do illustre sangue teu sempre esparzido,
co'o sprito, e fim só posto em melhor parte
em quanto aos claros feitos mais devido
é o teu raro, e grave, e doce canto;
em quanto do alto lume o meu vencido,
nas brandas Musas, que tu honras tanto,

mal o humilde meu verso se despeja
furtado ora a suspiros, ora a pranto[1],
quem poderia ser qual se deseja?
Boa parte porém dá, quem dá a vontade,
inda que a alguns de pouco fruito seja.
Porque, pois arde esta ditosa idade
em outro novo fogo, em melhor lume,
que já o mundo encheu de claridade,
terá tão dura força o máo costume,
que té ás suas leis os bons espritos,
que o Ceo livre nos dá, fórça, e consume?
Deixáram boa materia a altos escritos
nossos passados; não lhes tiro a fama,
mais dados a bons feitos, que a bons ditos.
Mas se nos nasce agora hua nova chamma,
que a sua sombra allumia, quem accusa
a clara luz, e a sombra antiga inda ama?
Vê-se já Marte junto á branda Musa.
D'antes todo diamante, e malha, e aceiro,
sem esperar tempo, ou receber escusa,
posto á fortuna todo aventureiro,
imigo de piedade, e de brandura,
tal era o Capitão, e o Cavalleiro.
Eis já aquella brutal fereza dura,
da branda humanidade temperada,
que ás armas deu sua propria fermosura.
Eis Minerva de Marte namorada;
elle aos seus brandos olhos mil perigos
rompe co'a forte lança e aguda espada.
A deusa canta, elle arde; emtanto imigos
mil e mil deixam armas e bandeiras;
a soberbos feroz, brando aos amigos.

As fabulas antigas lisongeiras
ao pio Troiano, ao Grego forte
brandas deusas não dão por companheiras?
Nem tudo ha-de ser ferro, e fogo, e morte.
Ociosa nos foi logo esta vida,
se toda ha-de pender de furia e sorte.
Haja a razão lugar, seja entendida.
Fiquem aos liões a força e a braveza,
que emfim d'arte a grande hydra foi vencida.
Mansos nos criou a mansa Natureza.
Ira a guerra pariu, ira armas géra.
Ira chamou á boa razão fraqueza.
Inda n'aquella idade inculta e féra,
a forças toda dada, um esprito raro
piedoso templo ao brando Apollo erguêra.
Santo Diniz na Fé, nas armas claro,
da patria pae, da sua lingua amigo,
d'aquellas Musas rusticas emparo.
Com mágoa o cuido; ah! com mágoa o digo:
como um pôvo em seu bem sempre constante
veio assi ser da sua lingua imigo!
Quem ao Grego deu voz, que sôe, e cante
tão altamente? quem ao bom Latino
com que já Grecia iguale, e o mundo espante?
Quem, se não arte, e uso, um só divino
ingenho, que inflammado em novo fogo
ousou roubar o canto peregrino?
Os pastores primeiro em festa e em jogo
d'espigas coroados, em suas canas
seus deuses invocavam a seu vão rogo.
D'alli vem Nimphas, Faunos, e Dianas,
Musas, Graças, e Venus, e os Amores;

crescem co'o tempo as invenções humanas.
Eis despois Capitães e Imperadores
entr'armas e estandartes tão cantados;
eis publicos theatros aos cantores.
Não correm sempre os Ceos iguaes; seus fados
teve já Grecia e Roma; acabou tudo.
Perdêram-se os bons cantos co'os estados.
Ficou o mundo um tempo[2] frio, e mudo;
Veio outra gente, trouxe outra arte nova,
Em que alçou ora som grave, ora agudo.
Chamou o pôvo á sua invenção tróva[3],
por ser achado consoante novo,
em que Hespanha téqui deu alta próva.
Eu por cégo costume não me movo:
vejo vir claro lume de Toscana,
n'este arço; a antiga Hespanha deixo ao pôvo.
Oh! doce Rima! mas inda ata, e dana[4],
inda do verso a liberdade estreita,
em quanto co'o som leve o juizo engana.
Não foi a consonancia sempre aceita
tão repetida, assi como a doçura
continua o appetite cheio engeita.
Mas soffreramo-la, em quanto uma figura
não vemos, que mais viva represente
d'aquella Musa antiga a boa soltura.
Esta deu gloria á Italiana gente;
n'esta primeiro ardeu cá o bom Miranda;
vivam Lasso, e Boscão eternamente[5].
Já com suas Nimphas Phebo entre nós anda,
já a lira a nossas sombras encordoa,
responde o valle e o bosque á sua voz branda.
Porque mais Mantua e Esmyrna que Lisboa,

se o claro sol seu lume nos não nega,
terá (se se arte usar) maior coroa?
Haja estudo, haja uso, não haja céga
ousadia, na fonte beberemos,
d'onde o doce liquor mil campos réga.
Porque, ó Simão, porque não ousaremos,
o que tantos ousáram? em tanta mingua
té quando descuidados viviremos?
Deu-nos o Ceo espritos, não nos mingua
mais que mestre, e uso; Ferrara, ou Florença
quão rica teve em seu começo a lingua!
Geralmente foi dada boa licença
ás linguas; huas ás outras se roubáram;
só o bom esprito faz a differença.
Quantos antes de Homero mal cantáram!
Quanto tempo Sicilia, quanto Athenas,
que despois tal som déram, se caláram!
Não criou logo Roma as altas pennas,
com que de boca em boca foi voando,
iguaes fazendo ás armas as Camenas.
E nós inda estaremos duvidando?
e o vivo fogo, que se em nós levanta,
a outra lingua, ah! crueis, iremos dando?
Docemente suspira, doce canta
a portugueza Musa, filha, herdeira
da Grega, e da Latina, que assi espanta.
Vá sempre victoriosa a alta bandeira
ao som da nova lira, em paz, e em guerra,
vá Lusitania, se puder, primeira.
Ó raro esprito [6], que da baixa terra
ao Ceo voando vás acceso em gloria,
longe do cégo vulgo, que sempre erra,

accrescenta dos teus á clara historia
brandas Musas. Eu vejo o glorioso
grã Conde[7] encommendar-te sua memoria;
clarissimo Luiz, raio lumioso,
Marte nas armas, Apollo entr'as Musas,
mas por ti, Simão, inda mais ditoso.
Ao som da lira, de que tão bem usas,
vai a verde hera entretecendo o loiro,
que já honrou Mantua, Esmyrna, e Syracusas.
Em ti nos mostra Apollo o seu thesoiro.

NOTAS DAS CARTAS

LIVRO I.

CARTA II.

Ao conhecido politico Pero de Alcaçova Carneiro (de quem no logar competente fallámos) foi dedicada por Ferreira esta Carta, ainda em vida d'El-Rei D. João III. Faz o elogio do ministro, e ainda mais o de seu real amo. Contrapõe as victorias da espada ás do estudo e da civilisação, dando a estas a palma. Pinta o acordar do Portugal quinhentista para as festas litterarias.

É esta carta cheia de idêas patrioticas, que muito abonam seu autor.

[1] V. 1. Allude o poeta ao cargo de Pero de Alcaçova junto a El-Rei.

[2] V. 11. Foi indispensavel n'esse verso, bem como no 13 conservar a orthographia das palavras *mêos* e *estêos*, que hoje escrevemos *meios* e *esteios*. O autor fel-as rimar com *dê-os*, o que faz crer que a sua pronuncia n'este caso o autorisava. Ainda talvez ha restos d'isso por partes das ilhas dos Açores.

[3] V. 16 e seguintes. É errada a grammatica d'esse terceto.

[4] V. 34. Como a palavra *manha* mudou de accepção em nossos dias! hoje só a tomamos á má parte; para os quinhentistas era synonimo de *prenda*, ou *habilidade*.

[5] V. 69. Está puramente na sua accepção genuina de adjectivo

aquelle *tanto*. Um romano perfilhava-o de certo; hoje havia de custar a aceital-o a nossa mascavada algaravia, ou algemía.

[6] V. 72. Foi pena deixar-se perder este significativo monosyllabo *al*, que outra coisa não é senão o *aliud*, e que nos dispensava esse circumloquio de que sem querer acabamos de dar nós proprios exemplo.

[7] V. 98. *Ardidezas*, ousadias, atrevimentos.

CARTA III.

Parece que esta carta deveria ter sido escripta a Pero de Andrade em quanto muito moço; *primo :* por dizer Ferreira que o seu amigo *já n'essa idade* mostrava pelos seus escriptos quanto era valido das Musas; *secundo :* pelo exhortar em quasi toda a epistola a deixar de poetar em lingua estrangeira, e a cultivar com affinco e amor a portugueza. Ora como em coisa nenhuma do que nos resta de Andrade Caminha se lê poesia que não seja em portuguez, é provavel que só ao encetar a carreira litteraria seguisse a moda reinante, e que essas tentativas em idioma forasteiro as expungisse dos seus cadernos manuscriptos que chegaram ao nosso tempo. Esta carta de Antonio Ferreira, assim como tantos outros passos das obras dos seus contemporaneos, aguçaram quanto possivel, pelos constantes encarecimentos de elogio a Andrade Caminha, a curiosidade em que mais de dois seculos se esteve de conhecer este poeta, cujas obras se reputavam perdidas; até que a edição de 1784, reproduzindo os dois volumes manuscriptos, do Convento da Graça e do Duque de Cadaval, veio preencher a lacuna, e dessedentar os sequiosos. Infelizmente porem para o poeta, é-nos mister reconhecer que nos louvores dos seus coevos andou mais a amizade indulgente, do que a severa critica imparcial. Caminha desceu um pouco do seu alto pedestal, depois de conhecido e tratado.

É esta carta de Antonio Ferreira uma das suas mais patrioticas e conceituosas.

[1] V. 6. Este verso

E que tarde outro como a ti darão

parece nos errado quanto ao sentido, talvez por infidelidade de copias. *Outro como a ti* é hoje um plebeismo incorrectissimo, que nem sabemos se allega em seu favor a antiguidade. Parece-nos indigno de

Antonio Ferreira. Se nos atrevessemos, substituiriamos a esse verso este outro:

E que tarde a outro, como a ti, darão.

Bem vemos que a rigorosa regencia pedia *e que tarde darão a outro como a ti deram;* mas apesar d'esse desprimor, parece-nos mais ferreiriano e mais elegante este dizer. O *darão* sem complemento objectivo é conciso e poetico. Em summa, falta o melhor: falta o juiz, que n'esta duvida só podia ser o Ferreira.

[2] V. 7 e 8.

Os bons escriptos teus, que mereceram
ou oiro, ou cedro, etc.

Esta idéa é de Horacio, que disse na Arte Poetica

..... Speramus carmina fingi
posse linenda cedro, et levi servanda cupressu.

[3] V. 19 a 21. Esse terceto deve alludir a Homero, assim como o seguinte allude a Virgilio.

[4] V. 25. Garcilasso de la Vega nascera pelos principios do seculo XVI em Toledo. Foi com o seu amigo Boscan um dos que mais contribuiram para a introducção do gosto italiano em Hespanha. Falleceu em 1536.

[5] V. 25. Boscão ou antes Boscan, cujo nome todo era João Boscan Almogaver. Nasceu pelos fins do seculo XV em Barcelona. Cheio da litteratura italiana foi com Garcilasso o seu mais fervoroso apostolo em Hespanha. Falleceu em 1543.

[6] V. 60. Aquelle emprego do *um* é ainda hoje muito hespanhol, muito italiano, até muito inglez, e (quanto a nós) muito francez tambem. Pensamos que o *on* francez não é outra coisa senão o *uno* castelhano ou italiano de que estamos tratando. Esta persuasão, que ainda não vimos exarada em parte alguma, diverge da opinião assente dos melhores grammaticos, que dão o *on* francez por etimologicamente filho do *homo* latino contrahido em *hom*. Salvo o respeito devido a abalisados diccionaristas, temos a nossa interpretação como mais natural e mais adequada aos varios empregos d'aquella particula. Por exemplo: o *on* é susceptivel de reger em francez um adjectivo feminino; como: *Quand* ON *est belle; quand* ON *est grande;*

*si l'*ON *est jolie*; *etc.* Ora muito mais difficil é de interpretar esse *on* pelo *homo*, do que pelo *uno* ou *una*.

[7] V. 85 e seguintes. É escuro o sentido d'esse terceto

E não se honrava mais, e mais temia
aquella vencedora Esparta antiga
co'os ditos de Licurgo, que a regia, etc.

Parece á primeira vista que Esparta *se honrava;* mas esse *se* é o mpessoal : isto é : *e não honravavam mais, e não temiam mais a Esparta, etc.*

[8] V. 93. Era visivelmente erro typographico aquelle *quanto*. Substituimol-o sem escrupulo pelo *quão*.

[9] V. 122 e 124. Esse *sirva* rimando com *viva* é mais uma prova do duro ouvido do nosso poeta, e da rudeza da forma poetica n'aquelle tempo.

CARTA IV.

Lamenta Ferreira n'esta bella carta, dirigida ao seu bom amigo Antonio de Sá, o poder absoluto com que o oiro domina; é mote velho, e glosado desde Horacio até Ferreira, desde Ferreira até Filinto e Bocage, e d'elles até hoje. D'essa lamentação passa o poeta habilmente para o elogio d'El-Rei D. João III como protector das lettras, e finalmente para o dos Sás de Menezes, cultores distinctos das musas nacionaes. Tem esta carta altissima philosophia em muitos versos, e tremendas objurgatorias contra os deshonradores da gloria herdada. Tem paralellos em Horacio e em Boileau.

[1] V. 72. Allude ahi o poeta a Diniz II, tyranno de Syracusa, que expulso do throno se fez mestre de meninos em Corintho. Com a sua graça costumada dizia d'elle Cicero : escolheu essa profissão para ter sempre em quem mandar.

Esse pensamento foi aproveitado por Béranger, que d'elle fez a sua canção

Jamais l'exil n'a corrigé les rois.

Nos nossos dias El-Rei de França o respeitavel Luis Filippe, dando lições de geographia e historia a alguns discipulos obscuros, dava-as não menos, sem o sentir, ao mundo todo!

[2] V. 88 e seguintes. Mostrámos n'outra parte como era illustrada esta familia dos Sás de Menezes; ocioso fôra repetil-o aqui.

[3] V. 112 e 113. Esses dois versos

As leis se violavam e se rompiam
por dar vida aos bons versos mantuanos

são allusão aos conhecidos hexametros do Imperador Augusto, protestando contra uma clausula testamentaria de Virgilio, que ordenara a queima da Eneida:

Frangatur potius legum veneranda potestas,
quam tot congestos noctuque diuque labores
hauserit una dies....., etc.

[4] V. 114. Sete cidades (segundo a tradição) contendiam sobre a honra de terem dado berço ao padre Homero: Smyrna, Colophon, Chios, Argos, Athenas, Rhodes, e Salamina.

[5] V. 121. A honra cria, e faz a arte excellente
lembra o — *Honos alit artes, omnesque incenduntur ad studium gloriæ* — de Cicero.

CARTA VI.

Faz esta Carta em nobres versos o rasgado elogio do veneravel João Rodriguez de Sá; elogio que serve de pretexto para considerações philosophicas e moraes de grande alcance.

[1] V. 1. O verso

Antigo pae das Musas d'esta terra

é elogio, que applicado a esse collaborador do Cancioneiro mal pode hoje ser comprehendido. Andrade Caminha abre a sua Epistola XXII com o mesmo encomio em verso setisyllabo:

Pae das Musas d'esta terra.

É um dos mil pontos de contacto entre Caminha e Ferreira; e logo dois versos adiante disse Ferreira:

Igual sempre na paz, igual na guerra;

e Caminha paraphraseou:

Destreza e esforço na guerra,
na paz prudencia e destreza.

[2] V. 8. Allude-se a Antonio de Sá de Menezes filho de João Rodrigues de Sá.

[3] V. 10. Allude-se a Francisco de Sá de Menezes filho de João Rodrigues de Sá.

[4] V. 11. Esse Principe é o Principe D. João filho d'El-Rei D. João III, cujo aio e Camareiro mór era Francisco de Sá.

[5] V. 13. Os outros filhos de João Rodrigues de Sá foram por nós mencionados no capitulo competente do Livro I.

[6] V. 18. Entendemos assim este escuro passo : *Qual foi aquella estrella, ou felicidade, que influiu tal pae e taes filhos? chamal-a-hemos felicidade d'elles? ou d'elle? qual é mais feliz? elle em ser pae de taes filhos? ou elles em serem filhos de tal pae?*

[7] V. 50. Isto significa : *levou-te Phebo d'entre a cega gente ao côro das musas*, que é *o côro dos seus segredos intimos.*

[8] V. 117. *Tudo o mais* é uma expressão incorrecta, que o autor usa frequentemente. *Todo o mais*, ou *tudo mais* se poderia ter escripto. *Tudo* é um substantivo.

[9] V. 130. *Cavas* são fossos.

[10] V. 132. *Vallos* são uns como muros de terra ou pedras, com que se defende a entrada de uma praça ou de um arraial. *Contramuro* é uma especie de muro supplementar ou segundo muro collocado por traz do primeiro, para defeza da brecha.

[11] V. 148. *Prestes e prompto* parece-nos um pleonasmo; aquellas duas palavras significam sensivelmente a mesma coisa.

[12] V. 151 e seguintes. Esse terceto, que vinha inintelligivelmente errado em todas as edições, foi-nos explicado, por um sagaz investigador, do seguinte modo : *Assim esse nobre assento, ou solar do morgado no Porto, onde tu lá estás, já desde tanto tempo herdado dos do teu sangue, tu o susterás co'os meios porque elle se houve, ou pelo mesmo modo por que elle foi alcançado.* Aquelle *meios* transformado em *meos*, e deturpado em *meus* fazia o transtorno todo. É de estranhar que nenhum dos editores e commentadores attentasse n'isto!!

CARTA VIII.

Começa esta carta pelo elogio da amizade em geral; passa d'ahi ao de Pero de Andrade em particular; e por elle ao da poesia. Com-

para o autor a poesia ás outras artes bellas; lamenta o pouco apreço que lhe dão, confundindo os grandes com os pequenos poetas; condemna a critica falsa e pouco illustrada.

Ha em muitos versos d'esta carta uma intenção evidente de atacar um antagonista litterario, fosse elle quem fosse; não se pode entender a quem se dirigiam os apodos.

Ferreira incita o Caminha a escrever um poema em honra de seu amo o Senhor D. Duarte. Esta carta foi escripta entre 1554 e 1558, isto é já depois do fallecimento do Principe D. João, e ainda durante a vida de Sá de Miranda. Tem apreciações litterarias e observações moraes, tão vivas para hoje, como para então.

[1] V. 29. *Museu escondido* significa *o sanctuario intimo* da poesia, o tabernaculo das Musas.

[2] V. 37 e seguintes. Estes versos são de si escuros; bem estudados, significam: *se eu soubesse arte igual á dos antigos, dos quaes uns eram pintores, outros eram taes, ou tão dextros, em esculpir pedras, que, etc.*

[3] V. 58 e seguintes. *Que em tão ingratos tempos ora cáia;* esse *que* significa *ainda que;* ainda que nos ingratos tempos de hoje o teu canto caia em ouvidos duros, outra cidade futura o cantará, etc.

[4] V. 108. Este verso e os dois seguintes provam que ainda vivia Sá de Miranda quando Ferreira escrevia esta carta.

[5] V. 113 e 114. São imitados de Horacio:

Si paulum summo decessit vergit ad imum.

[6] V. 123. Hoje seria acoimada de brazileirismo essa viciosa construcção: *Sempre me atando.* Provavelmente foi a rima e a medida que assim forçaram o poeta a escrever essa pobre phrase.

[7] V. 129. É frequente esta mudança do *c* em *i*, e vice-versa. De *affeitação* fizeram os modernos *affectação.*

[8] V. 160. Chérilo era um poeta dramatico de Athenas, do tempo de Eschylo. Não atinamos com o que motivou n'este passo a escolha do nome de *Chérilo,* a quem a medida do verso fez *Cherillo.*

Só nos recordamos de que na Epistola I do Livro II se queixa Horacio de que os incultos e mal gerados versos de Chérilo (poeta a que elle se refere com desprezo na Arte Poetica) lhe grangearam de Alexandre Magno uma boa recompensa pecuniaria, *regale nomisma.*

Traria essa recordação o nosso Ferreira como allusão a mercê feita a algum poetastro do tempo?

[9] V. 185. Esse *grã grego* deve ser Ulysses.

[10] V. 188. O *cantor de Smyrna* é Homero, que em Smyrna chegou a ter um templo dedicado á sua memoria.

[11] V. 190. Lysippo, celebre esculptor grego de Sycione.
Esses dois versos são quasi inintelligiveis.
Parece-nos porem que o autor quiz dizer : *as esculpturas, ou o esculpido* (a falta do artigo é que faz a confusão) *de Lysippo, e a pintura ou o pintado* (aquelle *só* é o maior tropeço do sentido) *de Apelles, apesar de serem duras materias, pereceram; só vive a sua fama, etc.*

[12] V. 193 e 194. O autor queria dizer : *n'elles se vê com quanta gloria da Grecia arderam os phrygios muros*, isto é, cahiu Troia.

[13] V. 202. Esse verso e os seguintes provam que esta carta só foi escripta depois de 2 de Janeiro de 1554, data do fallecimento do Principe D. João.

[14] V. 210. *Teu filho* é El-Rei D. Sebastião, então ainda menino.

CARTA X.

N'um tom suave e melancolico se queixa Antonio Ferreira das inglorias canceiras da vida das cidades, e inveja o seu amigo e antigo condiscipulo Manoel de Sampaio, que permanece entre as amenidades de Coimbra. Antepõe o poeta o viver quieto ás expedições longinquas dos guerreiros; e pinta um rapido quadro da felicidade domestica, alvo constante dos seus desejos.

[1] V. 4. *Arço*, forma antiga de *ardo*.

[2] V. 7. Aristippo, philosopho grego que professava doutrinas devassas, materialistas, e liberrimas. Vivia uns 390 annos A. C.

[3] V. 13. Diogenes, o cynico, falleceu 324 annos A. C. O Alceste de Molière é um dos seus descendentes por bastardía.

[4] V. 18. *Mouro,* forma antiga de morro.

[5] V. 21. Alludia vagamente ás guerras do tempo; hoje diriamos : *sem ouvir de francezes nem prussianos*. É triste verdade; mas não passamos de guelphos e gibellinos.

[6] V. 23. *Simprez* escreviam os antigos, pronunciando *simpres*. Hoje dizemos *simples*.

[7] V. 29. Esse *cheia* está ahi como *rica, abundosa*.

[8] V. 40. *Aquella grã rua nova* era o sitio elegante da Lisboa antiga. Fôra fundada por El-Rei D. Diniz, e occupava pouco mais ou menos a area da actual rua *dos Capellistas*, que ainda officialmente se chama *rua nova d'El-Rei*.

[9] V. 87. Falta um verbo *é* a esse verso.

[10] V. 159. O verbo *honestar* morreu de todo; vivem os seus compostos.

[11] V. 176. Essa *meã vida* é sem duvida a *aurea mediocridade* de Horacio.

CARTA XI.

Foi esta carta do bom Ferreira procurar a Diogo de Betancor n'um retiro da Beira (fosse onde fosse), e levar-lhe, com as noticias do amigo ausente, uma fartadella de bons conselhos, provavelmente não encommendados. Esta mesma carta exhorta Betancor a fazer versos. Pena é que de tão elogiado poeta nada lhe tivesse sobrevivido. Parece-nos que esta carta pertence á mocidade do autor.

[1] V. 38. *Affeitos* se disse antigamente o que hoje escrevemos *affectos*.

[2] V. 43. O verbo *sogigar* tornou-se *subjugar*.

[3] V. 58. N'esse e nos seguintes versos nos parece se encontram reminiscencias dos dois amores que senhorearam o poeta, segundo estudámos em alguns capitulos do Livro I. Aquelle verso

Mudou-se aquelle amor em outro igual.

allude provavelmente a Maria Pimentel.

[4] V. 131. Bons preceitos a fim de amor e paz.

Aquelle *a fim* significa *dirigidos a amor e paz*. Hoje *a fim de* só se emprega seguido de um verbo no infinito.

[5] V. 152. *Psalteiro* chamavam os nossos antigos a um instrumento musico de cordas usado entre os hebreus; hoje pronunciamos *psalterio*.

[6] V. 160. Eis ahi nos apresenta esse verso a palavra *manha* to-

mada em sentido mui outro do que vimos n'outra parte que o nosso autor lhe dava. É curioso como a mesma palavra significava coisas tão diversas. Hoje só é tomada á má parte.

CARTA XII.

Esta admiravel carta merece em verdade a celebridade que tem entre os doutos. N'ella se queixa o autor ao seu amigo Bernardes da escravidão lisbonense, antepondo-lhe o socego campestre. Lamenta as falsidades da côrte, e compara-as com a sinceridade campesinha.

Depois volta com habil transição ao seu papel horaciano de mentor litterario, e préga ao amigo um bello sermão didactico, cujos melhores passos foram copiados do mestre dos Pisões.

[1] V. 69. *Rim* é forma obsoleta do verbo rir; hoje dizemos *riem.*

[2] V. 85. Do bom escrever saber primeiro é fonte.
é traducção do verso horaciano da Arte Poetica :

Scribendi recte sapere est et principium et fons.

O que porem não corresponde inteiramente ao *sapere* é *saber.*

[3] V. 109. *Nescit vox missa reverti* disse Horacio.

[4] V. 163. Manuel de Sampaio, de quem fallámos no logar competente do Livro I.

[5] V. 172 e seguintes. Esse tão natural receio (e tão horaciano) de arrostar os tremendos juizos da publicidade, influiram de certo no nosso Antonio Ferreira para não ver em toda a sua vida as suas obras a correr mundo.

LIVRO II

CARTA I.

É singular que esta Carta I tenha por alguns sido attribuida a Luiz de Camões; e tanto mais singular quando desde 1598 que ella anda nas obras de Ferreira. É uma verdadeira carta de guia para reinantes, como lhe chama um nosso illustre contemporaneo. Ahi se falla aos Reis uma linguagem severa e nobre, que não deixa nunca

de ser respeitosa e concertada. Foi escripta, já se vê, depois dos vinte e nove annos do autor.

[1] V. 100 e seguintes. A escuridade d'este periodo vem de se ter ellipsado um *aquelle* antes do *a quem*. Ainda assim, a grammatica não está certa.

CARTA II.

Não ha mais rasgada apologia da poesia em geral do que essa que para o Cardeal Infante Regente escreve o nosso poeta.

N'esta notavel carta (escura em muitos passos) trata-se de rehabilitar aos olhos do Principe a poesia e os poetas, accusados ou des prezados pelo vulgacho. Vê-se n'esses versos um cardume de allusões e referencias a factos esquecidos, a accusações, talvez, dirigidas ao poeta magistrado. Deveu esta carta ser escripta depois de 1562, data em que principiou a Regencia do Cardeal; tinha Ferreira trinta e quatro annos pelo menos.

[1] V. 24. Que quererá dizer este verso :

Que outro assento maior te espera e cabe?

Alludiria ao throno? não é provavel. Alludiria antes ao Pontificado, a que elle podia aspirar sendo Cardeal. A palavra *assento* não anda longe da *cathedra*.

[2] V. 28 e seguintes. Ahi vem *espinhas* em vez de *espinhos;* isto é : boa é a sciencia das leis, quando vem pura ou livre dos espinhos que nascem entre ellas.

[3] V. 33. Chrysippo era um phylosopho stoico, que vivia cerca de dois seculos A. C.

[4] V. 42. *Ao seu*, isto é ao *conterraneo*, contraposto ao *peregrino*, isto é ao *estrangeiro.*

[5] V. 49 e seguintes. Este Imperador que fazia da noite dia e vice-versa, era Heliogabalo, segundo se lê na *Historia Augusta.*

[6] V. 52. Nero cantava em quanto o incendio devorava Roma.

[7] V. 132. Esse *persigam* está por força grammaticalmente errado pelo poeta, obrigado pela rima. Devia estar no presente do indicativo.

[8] V. 163 e seguintes. Essa construcção é escura pela ellipse de

áquelle, ou *ao homem*, ou *ao sujeito*, etc. *Ao homem a quem os Ceos concederam espirito e bocca, com que cante altas grandezas, e concederam que em voz mais que humana se levante, só a esse tal Apollo e as Musas teceram verde coroa.*

[9] V. 178. *Demos bons todos;* isto é : *demos*, ou concedamos que todos são bons; esse argumento, ou essa *razão não ata*, não colhe, não prende.

CARTA III.

A Luiz Gonçalves da Camara, de quem fallámos no logar competente do Livro I, dirigiu o Ferreira esta carta, provavelmente em 1559, anno em que o virtuoso jesuita foi chamado de Roma para ser preceptor do Rei menino.

N'ella se encontram grandes e optimos preceitos da arte de reinar, sãos conselhos, e um quadro admiravel da sobria e dura vida dos nossos avoengos, contraposto ao luxo desenfreado das côrtes modernas. São phrases dignas de um verdadeiro portuguez, e de um modelo de homens de bem. Ha um paralello a esse trecho na magnifica Ode xv do Livro II de Horacio.

[1] V. 13 e seguintes. Philippe de Macedonia deu a seu filho Alexandre Magno por mestre, nada menos que Aristoteles.

[2] V. 61. Este verso andava visivelmente errado nas diversas edições.

Se por roubar com uma vela a prisão me ata.

não dava sentido. Nenhum escrupulo tivemos em eliminar o *por*, restituindo ao verso a significação que de certo estava na mente de seu autor; isto é: *se roubar com um só navio me ata a prisão*, ou *me liga em cadeias*, etc.

[3] V. 66. Já n'outra parte notámos que *tudo o mais* é expressão incorrecta; deve escrever-se *tudo mais*.

[4] V. 145. Lia-se em todas as edições este verso :

Co'os altos successores estendendo;

não lhe atinámos com o sentido; e suppondo ahi um erro typographico, emendámos para :

Os altos successores estendendo.

CARTA IV.

Como vimos no capitulo competente do Livro I, foi Diogo de Teive Lente da Universidade de Coimbra, onde provavelmente doutrinou, entre outros, a Antonio Ferreira.

É a esse seu respeitavel mestre, é a esse bom poeta e amigo, que o nosso autor dirige, de Lisboa para Coimbra, esta formosa epistola. N'ella se queixa dos incommodos e das constantes distracções da capital, e antepõe a tudo a vida rustica, e as simplicidades da natureza. N'esta carta faz tambem o poeta varias considerações da sua habitual melancolia mystica.

Roga a Diogo de Teive não desampare a musa, e continue a versejar em latim, como o fizera nos Epodos.

Quando escrevia esta carta tinha seu autor mais de vinte e nove annos, pois já menciona como fallecido El-Rei D. João.

[1] V. 1 e seguintes. Já estes versos parecem recordação de um trecho da Epistola II do Livro II de Horacio, a Julio Floro :

> Dixi me pigrum proficiscenti tibi, dixi
> Talibus officiis prope mancum, ne mea sævus
> Jurgares ad te quod epistola nulla rediret.

[2] V. 8 e 9. Isto significa : e mais tão bem guardada d'aquelles que (por nosso mal) teem os favores da sorte, ou occupam os altos lugares.

[3] V. 16 e seguintes. Estes versos são paraphrase d'est'outros da Epistola II do Livro II de Horacio :

> ..... Cubat hic in colle Quirini;
> hic extremo in Aventino; visendus uterque.

[4] V. 19 e seguintes. São estes reminiscencia, quasi traducção d'estes da mesma Epistola de Horacio :

> Prœter cœtera, me Romæne poemata censes
> Scribere posse inter tot curas totque labores?
> . . . .

e d'estes :

> Festinat calidus mulis gerulisque redemtor, etc.

[5] V. 31. Esta expressão *suas ricas veias*, varias vezes repetida por Ferreira, é talvez uma lembrança vaga do

Nec studium sine divite vena,

da Arte Poetica.

[6] V. 34 e seguintes. Esses tercetos seguintes, em que o poeta descreve os poetastros do seu tempo, tecendo mutuamente as grinaldas do reciproco elogio, lembra o que, na citada Epistola II do Livro II, diz Horacio fallando dos poetas :

..... Sequere, et procul audi,
quid ferat, et quare sibi nectat uterque coronam.

[7] V. 50. *Não sou de toda hora;* isto é : *não sou de todas as horas;* ou não estou sempre de veia, ou de vez para poetar, etc. Millevoye disse :

Mais il est de ces jours où notre âme oppressée,
Comme un fardeau pesant refuse la pensée.

[8] V. 53. A grammatica d'este verso :

Mil dias se me esconde e desempara.

não é muito rigorosa. Aquelle *me* não pode ser ao mesmo tempo complemento dos dois verbos, dos quaes o primeiro em latim pediria dativo, e o segundo accusativo. Se coubesse no metro, o poeta deveria ter dito : *se me esconde e me desampara.*

[9] V. 102. *Teitos* é a forma antiga de *tectos*, e mais uma prova da facil metamorphose do *c* em *i*.

[10] V. 103 e 104. É traducção quasi litteral do

O fortunati nimium, sua si bona norint Agricolæ.

[11] V. 104 e 105. Essa construcção, talvez um pouco escura, significa : *Os lavradores* (ou *os pastores*) *a quem a terra dá mantimento para a vida, e flores* (ou *deleite*) *para os olhos.*

[12] V. 148. O verso

Quem para esse santo ocio te chamou.

allude a El-Rei D. João I I que mandou vir de Bordeos a Diogo de Teive para reger humanidades em Coimbra. Nos tercetos seguintes

continua o poeta mencionando o mesmo Rei. D'esses versos se deprehende que já a esse tempo era fallecido.

[13] V. 168 e seguintes. Esses *secretarios do ceo* são os evangelistas, e todos os que foram inspirados pela Divindade para a revelação das verdades sagradas.

[14] V. 186. *Na grave prosa Padua*; isto significa que Teive deve com a sua grave prosa renovar a Tito Livio, natural de Padua, *Arpino* quer dizer ahi Cicero, natural de Arpino, cidade do Lacio.

CARTA V.

É esta carta uma rasgada apologia do tempo antigo, escripta a Antonio de Sá, que era, como vimos, membro de familia, que dignamente representava em nossa terra as eras antigas do bom Portugal. Faz o poeta um bello quadro dos descobrimentos dos philosophos no campo vastissimo da natureza. Lamenta que a poesia não empunhe o látego da satyra para castigo dos vãos, dos ineptos, e dos ardilosos.

[1] V. 10. *Se uns cegos*. O autor chama ahi *cegos* aos antigos pagãos, que apesar da escuridade das suas doutrinas abriram em tantos pontos a porta ás civilisações subsequentes.

[2] V. 42. *A alma cançava, em vão trabalho dura;* isto é cançava a alma, dura, isto é pertinaz, incançavel n'um trabalho vão.

CARTA VI.

O titulo d'esta carta tal qual vem nas edições não poude ser escripto por Antonio Ferreira. Esse titulo é :

A Antonio de Castilho, Guarda-mór da Torre do Tombo.

Ora elle só foi nomeado para tal cargo por alvará de 6 de Novembro de 1571, na sua volta de Inglaterra; essa data é que é a verdadeira, e não a de 16 *de Fevereiro* que (enganados não nos lembra já por que autor) estampámos na nota genealogica appensa á segunda edição do drama Camões. Ora já se vê que Ferreira havia cerca de dois annos era fallecido. O titulo pois com a qualificação de *Guardamór* foi posto mais modernamente, talvez por occasião da publicação das obras completas em 1598.

É esta carta imitada da Epistola IV do Livro I de Horacio a Albio Tibullo; é uma incitação ao Castilho para que escreva, e um pretexto para algumas maximas de moral e litteratura muito sãs.

[1] V. 1. Imita o verso da Epistola IV do livro I de Horacio:

Albi, nostrorum sermonum candide judex.

[2] V. 2. Imita o verso da mesma Epistola:

Quid nunc te dicam facere in regione Pedana?

[3] V. 4 e 5.

Trabalhas por ventura que vencido
fique o grã Ferrarez?

Estes versos são imitados da mesma Epistola:

Scribere quod Cassi Parmensis opuscula vincat?

O poeta romano referia-se a Tito Cassio, poeta do seculo de Augusto, e a quem este mandou matar. Poucos fragmentos restam de obras suas.

O nosso Ferreira referia-se (segundo dissemos n'uma embrionaria e cahotica memoria genealogica impressa na segunda edição do drama Camões) a Ariosto; o Snr. Doutor Fernandes Pinheiro n'uma nota estampada a pag. 139 do volume II da sua edição de Ferreira (vide o nosso capitulo do Livro II sobre a bibliographia ferreiriana) diz que o poeta alludia a *João Baptista Guarini, eximio poeta italiano, autor da tragi-comedia pastoril denominada Pastor fido.*

Com a devida venia, discordamos da opinião do abalisado professor brazileiro. Guarini (embora autor do famoso *Pastor fido*, rival da *Aminta* do Tasso) não podia, nos parece, merecer o cognomento de *grã Ferrarez.*

Ora esse cognomento muito bem cabe ao imaginoso Ariosto, que (pondo mesmo de parte o seu *Orlando*, que lhe grangeou o epitheto de *divino*) era tão considerado entre os italianos, que lhes merecera ser chamado o *Horacio moderno*, pelos outros seus versos.

É verdade que se nos pode objectar não ser o Ariosto nascido em Ferrara, como Guarini; mas nós responderemos a isso, que Ferrara ficou sendo para Ariosto a sua terra adoptiva, pelo affecto e pela gratidão. Foi em Ferrara que se educou, e estudou direito; foi

a casa ducal de Ferrara a sua constante protectora; e a cidade de Ferrara a sua frequente residencia. Não nos parece pois descabida por extensão de significado, a denominação de *grã Ferrarez* applicada ao Ariosto.

O maior argumento porem em nosso favor dão-n-o as datas. Guarini nascera em 1537, isto é, era mais moço nove annos que Ferreira; e tanto, que ao fallecimento d'este, elle só contava trinta e dois annos. Ora não é crivel que a fama d'este poeta (supponde mesmo que aos trinta e dois tivesse já escripto as suas melhores obras) transposesse tão rapida os Alpes e os Pyrenneos, e viesse arrancar ao assombro dos poetas portuguezes o epitheto de *grande* para aquelle vagabundo infeliz. Por outra parte o imaginoso Ariosto era já fallecido, e velho, desde 1533; isto é : a sua gloria era já madura pela Europa culta, muito antes de Ferreira haver nascido; e quando o Ariosto se despedia das lettras, ainda o Ferreira não entrara n'ellas, pois contava apenas cinco annos.

N'estas observações que nos permittimos acerca da citada nota do Snr. Doutor Fernandes Pinheiro, não vemos intenção de o offender; vemos só o desejo (diremos até a obrigação) de rectificar um engano.

[4] V. 7 e 8. Imita o verso da mesma Epistola :

An tacitum silvas inter reptare salubres, etc.

CARTA VIII.

Quando em Abril de 1558 se partia D. Constantino de Bragança (de quem fallámos mais explicitamente no logar competente do Livro I) para o seu glorioso Vice-Reinado da India, dedicava-lhe o poeta Ferreira, então moço de trinta annos, esta carta de despedida.

É notavel pelo amor patrio que d'ella ressumbra, e pelos muitos conselhos que (talvez com demasiada ousadia) o poeta se atreve a dar ao novo Governador.

[1] V. 22. Este pessimo verso

Nenhum olho direito no sol vê

precisa talvez commentario. Não pense o olho esquerdo que se falla aqui no seu confrade o *olho direito;* o que o autor quiz dizer foi

que nenhuma vista alcança directamente, ou encara firmemente o sol.

[2] V. 23. Este durissimo verso

Mas finge que com hua noda hoje amanheça

com muita benevolencia poderá ser medido, fazendo de *com hua* uma só syllaba. Para o sentido pouco importava o tirar-se o *mas*, ficando o verso

Finge que com hua noda hoje amanheça;

não nos atrevemos porem a usar essa liberdade.

[3] V. 45. Hoje não se diria *buscar a vem;* o uso transformou o *r* final em *l*, e fez *buscal-a*.

[4] V. 85. Allude-se ahi a El-Rei D. João I, e ao Condestavel D. Nuno Alvares. O primeiro Duque de Bragança, D. Affonso, era filho d'El-Rei D. João I; era pois este Rei quarto avô do Vice Rei D. Constantino mencionado n'esta carta de Antonio Ferreira. O Condestavel casou sua filha D. Brites de Pereira com o já mencionado D. Affonso primeiro Duque de Bragança; era pois tambem o Condestavel quarto avô de D. Constantino.

Por isso o nosso poeta diz este verso :

Dois, de que tem teu sangue parte tanta.

[5] V. 120. *Fabricio Luscino*, que viveu uns 300 annos A. C.; Consul romano; modelo de desinteresse constante. Morreu na miseria. *Licinio Crasso* orador da Roma antiga; nasceu cerca de 150 annos A. C. Morreu, segundo diz Cicero no principio do Liv. III do seu Orador, de uma febre violenta que o accommetteu em consequencia de uma oração com que o fulminou o Consul Philippe.

[6] V. 121. Este Dario a quem se allude é Dario I Rei da Persia, de quem a tradição conta que deveu a corôa ao relincho opportuno do seu cavallo. Depois de ter com varia sorte combatido os Gregos, perdeu no anno de 490 A. C. a celebre batalha de Marathona.

[7] V. 130. O Rei menino é El-Rei D. Sebastião.

CARTA IX.

Apesar das exagerações de pessimo gosto que n'este escripto se lêem, n'elle demonstra o Ferreira o conceito que sempre lhe mereceu o grande mestre Sá de Miranda. Á muita erudição reune o poeta n'esta bella carta muita philosophia. É um dos seus mais energicos protestos de adhesão á introducção da escola italiana.

[1] V. 1. Hoje em vez de *impida* dizemos *impeça*.

[2] V. 14. Este *bom porto* é a quinta da Tapada, onde Sá de Miranda se acolheu desenganado do mundo, e onde passou, entre a lavoira e os livros, tantos annos da sua vida.

[3] V. 18. *A ti só vives lá e a ti só cantas.* A respeito do emprego e significação d'essa preposição já fallámos no commentario á dedicatoria *aos bons engenhos.*

[4] V. 22. Este verso

Trazes uma alma sempre n'um só rosto,

e este retrato que de Miranda faz o nosso Ferreira, lembra o retrato que do portuguez sincero faz o mesmo Sá de Miranda

Homem de um só parecer,
um só rosto, uma só fé,
de antes quebrar que torcer.

[5] V. 54. *Tençoeiro*, isto é teimoso, rixoso, reservado.

[6] V. 56 e 57.

Já uns espritos se erguem no teu lume,
por quem eu, meu Sá, vejo, e meus pés movo.

N'isso allude Ferreira aos sectarios das innovações litterarias de Miranda.

[7] V. 91 e 92. Ha n'esse verso e meio

Aos que não bastaram os corações
a subir alto.....

uma tal escuridade, e tão arrevezada construcção, que precisam traduzidos; o autor quiz dizer: *Aquelles a quem não bastaram os corações, etc., té os nomes perderam.*

[8] V. 111. Que cegamente estás pondo e despondo.

Duas vezes (que nos lembre) emprega Ferreira esse verbo, e escripto do mesmo modo : *despôr;* uma no v. 7 do Soneto XVII do Livro I; a outra n'este logar d'esta Carta IX. Parece-nos porem que (apesar da identidade da orthographia, ou cacographia) vem essa paavra em accepções muito diversas. O soneto diz :

..... já desposto
soffrer amor.....

o que significa *já disposto a soffrer amor.*

Este passo da carta que estamos analysando diz : *pondo e despondo;* o que nos parece querer dizer : *tu, povo, besta de mil cabeças, que estás ás cegas ora elevando ora deprimindo;* isto é : *ora erguendo idolos a pedestaes, ora derrubando-os.* É o que parece dizer esse *despondo*, negativo de *pondo.*

[9] V. 128. *Féz,* ou *fex* (mais á latina), é o singular de *fézes,* palavra que hoje (cremos) só se emprega no plural.

[10] V. 155. *Um momento de hora* por *um instante, um repente,* é expressão hoje desusada.

[11] V. 161. Eis ahi um caso, que nos parece ter escapado aos diccionaristas; o verso

Bom é o ocioso que do mal aparta

mostra-nos o verbo *apartar* n'uma accepção neutra, diversa da sua accepção activa.

[12] V. 170. Hoje só usamos com aphérese d'essa palavra *aproveitoso.*

[13] V. 171. *Erra com cor de bem.* Não sabemos se o poeta quereria ahi dizer *côr,* se *cór;* inclinamo-nos á segunda hypothese. *Cór,* palavra antiquada já no tempo de Ferreira, que significava vontade, desejo, ancia de alguma coisa. *O povo erra com cór de bem;* isto é : *erra, apesar do seu desejo de acertar, da sua vontade de alcançar o bem.*

[14] V. 172.

Só andava Scipião fugindo á gente,
então mais occupado, quando menos,

Allude o poeta n'esses bellos versos a Publio Cornelio Scipião (o primeiro dos dois Scipiões que mereceram o titulo de *Africanos*). É sabido que, na curta idade de pouco mais de cincoenta annos, todos votados a servir a patria, se acolheu Scipião, para descançar dos trabalhos e furtar-se ás intrigas dos émulos, á sua quinta de Liternum, na Campania, onde passou os ultimos invernos, entregue (como o nosso Sá de Miranda) ás suas lavoiras, e á leitura dos melhores poetas.

[15] V. 173. De *Fabricio* fallámos nos commentarios á carta precedente. Esse *Fabio* é Quinto Fabio Maximo, que tendo contratado com o seu inimigo Annibal o resgate dos prisioneiros de guerra por certa quantia (que o senado romano entendeu não dever abonar-lhe) vendeu todos os seus haveres, e com o producto pagou a Annibal a sua divida, ficando pobre, sim, mas nobilissimo.

CARTA X.

É uma carta toda litteraria esta, em que se faz o elogio da poesia, e se dá grande apreço á escola italiana, recem-plantada por Sá de Miranda, desdenhando-se da poesia peninsular. O autor pugna em prol da sua lingua, contra o castelhano, e incita a D. Simão da Silveira, um dos da sua irmandade litteraria, e de quem fallámos nos logares competentes do Livro I, a accrescentar com a sua lyra a gloria herdada dos seus maiores.

[1] V. 1 a 12. N'esse *imbroglio* de doze versos pouco percebemos. Ás escuridades do poeta accresceram provavelmente as incurias dos revedores. Restaurámos como soubemos.

[2] V. 82. *Um tempo;* hoje diriamos *algum tempo*. A expressão *un temps* n'este mesmo significado, encontra-se no francez antigo.

[3] V. 85. É effectivamente, segundo alguns, essa a etimologia das palavras *trova, trovar, troveiro, trovador*, etc. Os *trouvères* antigos eram tambem chamados *trouveurs*, do verbo *trouver;* para nós passaram os substantivos derivados d'esse verbo estrangeiro, a que não temos correspondente.

[4] V. 91. **Ó doce rima! mas inda ata e dana.**

O sentido d'este terceto é o seguinte : Que doce é a rima! porem

ainda prende e prejudica; inda coarcta a liberdade do verso, em quanto, por outro lado, co'o som engana muita vez o juizo do ouvinte.

[5] V. 102. A respeito de Garcilasso e de Boscan já fallámos no commentario á Carta III.

[6] V. 136. Este *raro esprito é*, já se vê, D. Simão, cuja familia era muito dada a lettras. O Cancioneiro de Rezende pode proval-o.

[7] V. 141. Esse *Conde* é o da Sortelha, pae de D. Simão.

EPIGRAMMAS

II

A JERONYMO CORTE-REAL

Quem póde, grã Jeronymo, louvar-te
dos raros dões, que em ti os Ceos juntáram?
No pincel vences natureza, e arte;
na lira quantos a melhor tocáram;
na forte espada representas Marte;
nos brandos versos poucos te igualáram;
até no claro sangue, e gentileza,
fortuna e Ceos roubaste, e natureza.

VI

A LESBIA

Furtou a aljaba a Amor, quando dormia,
Lesbia; acorda Amor, põe-se a chorar;
« Não chores, filho meu, (Venus dizia)
« Lesbia formosa a tem, tornar t'a-ha a dar.

« Nada ha mister de ti, do que n'ella ía,
« teu fogo, e setas pode-as escusar.
« Co' os olhos, fronte, riso, fere, inflamma,
« De mór ferida, mais ardente chamma. »

IX

FERMOSURA

(Traducção da ode II de Anacreonte)

Ao toiro cornos, unhas ao lião,
voar á aguia, ao cervo ligeireza,
e a todas as mais féras quantas saõ,
deu sua arma, e sua força a natureza.
Ao homem deu esforço, e boa razão;
não tem que dar á feminil fraqueza.
Pois que lhe deu? ah! deu-lhe fermosura,
arma, que ferro e fogo inda mais dura.

X

MARTE NAMORADO

Forjava em Lemno com destreza e arte
setas a Amor de Venus o marido;
a branda Venus lhe põe mel d'hua parte,
mas d'outra parte lhe põe fel Cupido.
Entrou brandindo a grossa lança Marte;
riu-se das setas. « Queres ser ferido
d'hua? » Amor diz « próva hora se te praz. » —
Ferio o; rio-se Venus; Marte jaz.

EPITAPHIOS

II

A EL-REY D. DINIZ

Quem é este de insignias differentes,
sceptro, e picão, e livro, e espada, e arado?
Este foi paz de Reis, e amor das gentes,
grande Diniz, Rei nunca assaz louvado.
Outros foram n'hua só coisa excellentes;
este com todas nobreceu seu estado,
Regeu, edificou, lavrou, venceu,
honrou as Musas, poetou, e leu.

AO INFANTE D. PEDRO

FILHO D'EL-REY D. JOÃO I.

Passa, amigo; não saibas a ventura
Cruel, que a um triste Infante aconteceu,

a quem inda a piedosa sepultura
por lagrimas de tantos se vendeu.
Meus ossos estiveram em prisão dura,
té que meu neto, e vingador nasceu;
Contra mim se quebráram sangue, e leis.
Aqui estou filho, sogro, e pae de Reis.

XI

AO GRANDE AFFONSO D'ALBUQUERQUE

Vejo Alexandre, Cesar, Scipião;
quem é, o que em meio d'elles resplandece?
Affonso d'Albuquerque, a quem elles dão
cada um seu lugar, que bem merece.
As grandezas de todos n'elle estão;
quem os tres nunca viu, n'elle os conhece.
Tão liberal, tão casto, tão clemente,
Triumphador glorioso do Oriente.

XII

A ANTONIO DE SA DE MENEZES

Donas, quem sois? Sciencia, Honra, Bondade.
E que fazeis? Aqui nos enterrámos.
Quem vos enterra? Amor, e saudade.
De quem? D'Antonio, com que nos criámos.
Té quando? té que o Doiro, e sua Cidade

tenha outro abrigo, onde nos metamos.
Inda o pae vive, e viverá o irmão;
Ai! nós choramos, porque mortaes são.

XIII

A JOÃO CAMINHA E D. PHILIPPA DE SOUSA

SUA MULHER,

AMBOS MORTOS, E ENTERRADOS N'UM DIA

Não passes, caminhante; um pouco espera:
duas almas, que em nó santo Deus juntou,
das quaes o amor um' alma só fizera,
juntas no mesmo amor Deus as chamou.
Cada um sua vida pola do outro déra.
um do outro a morte não viu, nem chorou;
ó almas santas, bemaventuradas,
nunca na vida, nem morte apartadas!

XV

A D. ANGELA DE NORONHA

A qui d'ua parte o Doiro, d'outra o Lima
Angela choram, seu prazer e gloria.
Ella nos Ceos triumpha, e lá de cima
mostrando a palma está de sua victoria.
Seja cantado sempre em prosa e em rima
seu nome, seu esprito, sua memoria.
Não choreis, Nimphas; não choreis, Amores;
offerecei-lhe aqui versos e flores.

XVI

Á MESMA

Aqui as Graças, Virtude, e Fermosura,
Arte, Saber, Grandeza, e Cortesia
Angela choram, que de sombra escura
morte cobriu tanto antes de seu dia.
Ai falsas esperanças da ventura!
Quanto áquelle alto esprito se devia!
Mas não lhe era igual paga a baixa terra,
Que indignamente em si seu corpo encerra.

FIM.

INDICE

PARIS. — TYP. SIMÃO RAÇON E COMP., RUA D'ERFURTH, 1.



